

Estudo Sociolinguístico

Perceções, crenças e atitudes dos madeirenses face a determinados regionalismos lexicais

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Silvana da Silva Gonçalves

MESTRADO EM LINGUÍSTICA: SOCIEDADES E CULTURAS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

novembro | 2025

**ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO: PERCEÇÕES, CRENÇAS E ATITUDES DOS
MADEIRENSES FACE A DETERMINADOS REGIONALISMOS LEXICAIS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

SILVANA DA SILVA GONÇALVES

MESTRADO EM LINGUÍSTICA: SOCIEDADES E CULTURAS

ORIENTAÇÃO

Aline Maria Pinguinha França Bazenga
Naidea Nunes Nunes

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Maria José e Silvano, por sempre me indicarem o caminho certo.

À minha irmã, Marlene, por mesmo longe estar sempre perto.

À minha sobrinha, Bella, por ser luz.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria José e Silvano, pelo amor, pelos valores que me transmitiram e pelo exemplo de dedicação, fé, trabalho, empatia e de respeito para com o próximo. Obrigada por sempre acreditarem em mim e me guiarem com firmeza.

À minha irmã, Marlene, por todos os momentos que nos tornaram tão unidas. Ao meu cunhado, Énio, pela presença constante, e à minha sobrinha, Bella, por vir iluminar a minha vida com amor e alegria.

Aos meus avós, cuja memória permanece viva e inspiradora, e a toda a família – tios, tias, primos, primas, padrinhos e familiares de coração – expresso a minha profunda gratidão.

Aos amigos, que fazem parte da minha história, o meu muito obrigada. À Sabrina, pela amizade que atravessa toda uma vida. À Laura Alves, ao João Osvaldo e ao João Castro, companheiros desta etapa universitária, pela leveza e pelas memórias que levarei comigo. À Janita, pela amizade que resistiu às mudanças e à distância.

À VMT Madeira, à gerência e a todos os colegas, agradeço o apoio, a motivação, a confiança e o ambiente de companheirismo que diariamente encontro.

Às colegas de mestrado, Ana Margarida, Márcia e Daniela, pela partilha e pela entreajuda ao longo destes dois anos. Às minhas orientadoras, Professora Aline Bazenga e Professora Naidea Nunes, agradeço a orientação, a disponibilidade e a dedicação demonstrada. Aos participantes do inquérito, deixo igualmente o meu agradecimento, pois sem a vossa colaboração este estudo não seria possível.

Por fim, agradeço a Deus pelo caminho percorrido, pela força nos momentos de dificuldade e pela fé que guia cada passo. Agradeço também ao universo por todas as pessoas que trouxe à minha vida.

Continuo a acreditar que o melhor está por vir.

RESUMO

Este estudo enquadra-se na área da dialetologia e da sociolinguística variacionista. Trata-se do estudo qualitativo e quantitativo dos vocábulos: *olho de boi*, *tratuário*, *migar*, *cangueira*, *trogalho* e *embulhar*, do ponto de vista do seu conhecimento e desconhecimento por parte dos madeirenses. Pretende-se contribuir para a compreensão e a valorização principalmente de regionalismos madeirenses, que constituem elementos da identidade cultural e social da população da ilha da Madeira. Assim, procurou-se observar o reconhecimento ou não identificação de 12 palavras, tendo em consideração a influência das variáveis sociais – idade, sexo e escolaridade – e da variável geográfica concelho de residência. A metodologia utilizada permitiu a abordagem qualitativa e quantitativa dos dados recolhidos, através do uso de um questionário lexical disponibilizado *online*, tendo-se obtido 258 inquéritos respondidos por informantes madeirenses residentes em diferentes concelhos da ilha da Madeira, sobretudo do Funchal. Seguiram-se, em maior número de respostas, os municípios limítrofes de Santa Cruz e de Câmara de Lobos. Os restantes concelhos apresentaram respostas residuais, não tendo nenhum informante do município do Porto Moniz e a ilha do Porto Santo não foi incluída. Foram filtrados os dados recolhidos por género, 166 mulheres e 92 homens; por faixa etária, nomeadamente os informantes dos 18 aos 35 anos, dos 36 aos 55 anos e com 56 ou mais anos; e por níveis de escolaridade, ensino básico, ensino secundário e ensino superior. A análise centrou-se na identificação de padrões de conhecimento e atitudes linguísticas dos inquiridos face aos vocábulos testados, depreendendo-se a respetiva perceção de identidade madeirense. Concluiu-se que os inquiridos adultos, com mais de 36 anos, do sexo feminino, mais escolarizados e residentes no Funchal são os que mais conhecem os vocábulos. Por outro lado, os inquiridos mais jovens, com menos de 35 anos, do sexo masculino, menos escolarizados e residentes fora do Funchal e dos seus concelhos limítrofes são os que menos os conhecem. Contudo, importa salientar que estes correspondem ao menor número de inquiridos, devido às limitações de informantes por concelhos, faixas etárias e níveis de escolaridade. Apesar disso, é inegável o grande conhecimento dos vocábulos analisados pelos informantes adultos, mais escolarizados e residentes no Funchal. O estudo mostra também quais são os vocábulos menos conhecidos, que tendem a cair em desuso (arcaísmos), a par dos que têm maior vitalidade e são afirmação de “madeirensidade” ou identidade regional madeirense.

Palavras-chave: regionalismos madeirenses; dialetologia; sociolinguística; questionário lexical e semântico; ilha da Madeira; “madeirensidade”.

ABSTRACT

This study is situated within the fields of dialectology and variationist sociolinguistics. It consists of a qualitative and quantitative analysis of the lexical items *olho de boi*, *tratuário*, *migar*, *cangueira*, *trogalho* and *embulhar*, from the perspective of their recognition and non-recognition among speakers from Madeira. The primary aim is to contribute to the understanding and appreciation of Madeiran regionalisms, which constitute key elements of the cultural and social identity of the island's population. To this end, the study examines the recognition or lack of recognition of twelve lexical items, considering the influence of social variables—age, sex, and level of education—as well as the geographical variable of municipality of residence. The methodology adopted enabled both qualitative and quantitative analysis of the data collected, using an online lexical questionnaire. A total of 258 responses were obtained from Madeiran informants residing in different municipalities across the island of Madeira, with the majority originating from Funchal. This was followed by a significant number of responses from the neighbouring municipalities of Santa Cruz and Câmara de Lobos. The remaining municipalities yielded only residual responses; notably, no informants were recorded from the municipality of Porto Moniz, and the island of Porto Santo was not included in the study. The data were filtered according to gender, age group, and educational level. The analysis focused on identifying patterns of lexical knowledge and linguistic attitudes among respondents towards the items tested, thereby allowing for inferences regarding their perception of Madeiran identity. The findings indicate that adult respondents aged over 36, female participants, those with higher levels of education, and residents of Funchal demonstrate the highest levels of lexical knowledge. Conversely, younger respondents under 35, male participants, those with lower levels of education, and individuals residing outside Funchal and its neighbouring municipalities exhibit lower levels of recognition. However, these groups are underrepresented in the sample, due to limitations in the number of informants across municipalities, age groups, and educational levels. Despite these constraints, the study clearly demonstrates a high degree of familiarity with the analysed lexical items among adult, more highly educated respondents residing in Funchal. Furthermore, the study identifies those lexical items that are less widely known and tend to fall into disuse (i.e. archaisms), alongside those that retain greater vitality and serve as markers of Madeiran regional identity.

Keywords: Madeiran regionalisms; dialectology; sociolinguistics; lexical and semantic questionnaire; Madeira Island; Madeiran identity.

ÍNDICE

RESUMO	5
ABSTRACT	6
LISTA DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS	9
TABELAS	9
GRÁFICOS	9
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	11
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I. REVISÃO DA LITERATURA	17
1.3. A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO: DISTRIBUIÇÃO, EXPANSÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA	23
1.3.1. <i>Variedades faladas do português europeu no arquipélago da Madeira</i>	25
1.4. REGIONALISMOS MADEIRENSES E “MADEIRENSIDADE”	27
CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA	29
2.1. ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O CONHECIMENTO DE REGIONALISMOS MADEIRENSES 29	
2.1.1. <i>Enquadramento, objetivos e metodologias</i>	29
2.1.2. <i>Resultados e discussão</i>	30
2.2. QUESTIONÁRIO	31
2.3. AMOSTRA	34
CAPÍTULO III. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	41
2.4. RESULTADOS GERAIS	41
2.5. RESULTADOS POR “GRAU DE DIFICULDADE” ASSOCIADOS AOS VOCÁBULOS	44
2.5.1. <i>Os vocábulos olho de boi, tratúrio e migar</i>	44
2.5.1.1. Vocábulo <i>olho de boi</i>	45
2.5.1.2. Vocábulo <i>tratúrio</i>	51
2.5.1.3. Vocábulo <i>migar</i>	56
2.5.1.4. <i>Síntese: principais tendências</i>	61
2.5.2. <i>Os vocábulos cangueira, trogalho e embulhar</i>	62

2.5.2.1. Vocábulo <i>cangueira</i>	62
2.5.2.2. Vocábulo <i>trogalho</i>	69
2.5.2.3. Vocábulo <i>embulhar</i>	76
2.5.2.4. <i>Síntese: principais tendências</i>	81
2.6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	82
CONCLUSÃO	84
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICE	94
QUESTIONÁRIO	94

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS

Tabelas

Tabela 1. Classificação do grau de dificuldade dos regionalismos selecionados.....	33
Tabela 2. Fator localidade e conhecimento do vocábulo <i>olho de boi</i>	50
Tabela 3. Fator localidade e conhecimento do vocábulo <i>cangueira</i>	67
Tabela 4. Fator localidade e conhecimento do vocábulo <i>trogalho</i>	74

Gráficos

Gráfico 1 - Local de residência da amostra selecionada	34
Gráfico 2 - Local de residência da amostra selecionada, comparando o Funchal com os restantes concelhos.....	35
Gráfico 3 - Nível de escolaridade da amostra selecionada.....	37
Gráfico 4 - Idade dos inquiridos da amostra selecionada.....	38
Gráfico 5 - Idade dos inquiridos da amostra selecionada, comparando os mais novos com os mais velhos.....	39
Gráfico 6 - Sexo dos inquiridos da amostra selecionada.....	40
Gráfico 7 - Perceção do Conhecimento dos 12 vocábulos pelos participantes	41
Gráfico 8 - Vocábulos organizados por ordem decrescente dos mais conhecidos aos menos conhecidos.....	43
Gráfico 9 - Nível de conhecimento geral em relação ao vocábulo <i>olho de boi</i>	45
Gráfico 10 - Variável idade em relação ao vocábulo <i>olho de boi</i>	46
Gráfico 11 - Comparação entre inquiridos com idades até aos 35 anos e a partir dos 36 anos em relação ao vocábulo <i>olho de boi</i>	46
Gráfico 12 - Variável escolaridade em relação ao vocábulo <i>olho de boi</i>	47
Gráfico 13 – Variável sexo dos inquiridos em relação ao vocábulo <i>olho de boi</i>	48
Gráfico 14 - Variável localidade em relação ao vocábulo <i>olho de boi</i>	49
Gráfico 15 - Comparação entre o Funchal e a restante ilha em relação ao vocábulo <i>olho de boi</i>	51
Gráfico 16 - Nível de conhecimento geral em relação ao vocábulo <i>tratuário</i>	52
Gráfico 17 - Variável idade em relação ao vocábulo <i>tratuário</i>	52

Gráfico 18 - Comparação entre os inquiridos com idades até aos 35 anos e a partir dos 36 anos em relação ao vocábulo <i>tratuário</i>	53
Gráfico 19 - Variável escolaridade em relação ao termo <i>tratuário</i>	54
Gráfico 20 - Variável sexo em relação ao vocábulo <i>tratuário</i>	55
Gráfico 21 - Variável localidade em relação ao vocábulo <i>tratuário</i>	55
Gráfico 22 - Comparação entre o Funchal e a restante ilha em relação ao vocábulo <i>tratuário</i>	56
Gráfico 23 - Nível de conhecimento geral em relação ao vocábulo <i>migar</i>	57
Gráfico 24 - Variável idade em relação ao vocábulo <i>migar</i>	57
Gráfico 25 - Comparação entre os inquiridos com idades até aos 35 anos e a partir dos 36 anos em relação ao vocábulo <i>migar</i>	58
Gráfico 26 - Variável escolaridade em relação ao vocábulo <i>migar</i>	59
Gráfico 27 - Variável sexo em relação ao vocábulo <i>migar</i>	60
Gráfico 28 - Variável localidade em relação ao vocábulo <i>migar</i>	60
Gráfico 29 - Comparação entre o Funchal e a restante ilha em relação ao vocábulo <i>migar</i>	61
Gráfico 30 - Nível de conhecimento geral em relação ao vocábulo <i>cangueira</i>	63
Gráfico 31 - Variável idade em relação ao vocábulo <i>cangueira</i>	63
Gráfico 32 - Comparação entre inquiridos com idade até aos 35 anos e a partir dos 36 anos em relação ao vocábulo <i>cangueira</i>	64
Gráfico 33 - Variável escolaridade em relação ao vocábulo <i>cangueira</i>	65
Gráfico 34 - Comparação entre os inquiridos com ensino básico e secundário e com ensino superior em relação ao vocábulo <i>cangueira</i>	65
Gráfico 35 - Variável sexo em relação ao vocábulo <i>cangueira</i>	66
Gráfico 36 - Variável localidade em relação ao vocábulo <i>cangueira</i>	67
Gráfico 37 - Comparação entre o Funchal e a restante ilha em relação ao vocábulo <i>cangueira</i>	68
Gráfico 38 - Nível de conhecimento geral em relação ao vocábulo <i>trogalho</i>	69
Gráfico 39 - Fator idade e conhecimento do vocábulo <i>trogalho</i>	69
Gráfico 40 - Comparação entre inquiridos com idade até aos 35 anos e a partir dos 36 anos e o conhecimento do vocábulo <i>trogalho</i>	70
Gráfico 41 - Variável escolaridade em relação ao vocábulo <i>trogalho</i>	71
Gráfico 42 - Comparação entre os inquiridos com ensino básico e secundário com os inquiridos com ensino superior no conhecimento do vocábulo <i>trogalho</i>	71

Gráfico 43 - Comparação entre inquiridos com ensino básico e ensino superior em relação ao vocábulo <i>trogalho</i>	72
Gráfico 44 - Fator sexo e conhecimento do vocábulo <i>trogalho</i>	73
Gráfico 45 - Variável localidade em relação ao vocábulo <i>trogalho</i>	73
Gráfico 46 - Comparação entre o Funchal e a restante ilha em relação ao vocábulo <i>trogalho</i>	75
Gráfico 47 - Nível de conhecimento geral em relação ao vocábulo <i>embulhar</i>	76
Gráfico 48 - Variável idade em relação ao vocábulo <i>embulhar</i>	76
Gráfico 49 - Comparação entre inquiridos com idade até aos 35 anos e a partir dos 36 anos em relação ao vocábulo <i>embulhar</i>	77
Gráfico 50 - Variável escolaridade em relação ao vocábulo <i>embulhar</i>	78
Gráfico 51 - Comparação entre os inquiridos com ensino básico e secundário com os inquiridos com ensino superior em relação ao vocábulo <i>embulhar</i>	78
Gráfico 52 - Comparação entre inquiridos com ensino básico e ensino superior em relação ao vocábulo <i>embulhar</i>	79
Gráfico 53 - Variável sexo em relação ao vocábulo <i>embulhar</i>	80
Gráfico 54 - Variável localidade em relação ao vocábulo <i>embulhar</i>	80
Gráfico 55 - Comparação entre o Funchal e a restante ilha em relação ao vocábulo <i>embulhar</i>	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RAM - Região Autónoma da Madeira

IARAM - Instituto de Administração da Região Autónoma da Madeira

CPLP – Comunidade de Países de Língua Portuguesa

INTRODUÇÃO

Tema

Esta dissertação tem origem num trabalho elaborado no âmbito da unidade curricular de Sociolinguística, lecionada pela Professora Doutora Aline Bazenga, durante o primeiro ano do Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas da Universidade da Madeira.

A escolha da temática dos regionalismos madeirenses prende-se com um interesse pessoal, enraizado na minha experiência pessoal enquanto falante natural de uma área rural da ilha da Madeira. Desde a minha adolescência, ao ter de me deslocar para o Funchal, primeiramente com fins académicos e, posteriormente, também profissionais, comecei a aperceber-me das diferenças linguísticas que existiam entre o meio urbano e o meio rural. Esta consciencialização despertou em mim a curiosidade que levou à presente investigação, de forma a poder compreender mais profundamente as variações linguísticas associadas ao espaço geográfico e aos contextos socioculturais.

Além do plano académico, os estudos sociolinguísticos são de grande importância, permitindo observar a dinâmica da evolução da língua em contextos específicos, contribuindo também para a sua valorização e preservação. Estudar os regionalismos não se resume a perceber as particularidades de uma determinada sociedade, sendo ao mesmo tempo um contributo importante para a preservação da identidade cultural de cada região. Assim, a língua é a manifestação simbólica de uma comunidade, transportando consigo vivências, memórias, saberes e modos de vida, sendo essencial preservar a sua diversidade e riqueza.

Objetivos

O principal objetivo deste projeto de pesquisa dialetal e sociolinguística consiste na análise do grau de conhecimento da população da ilha da Madeira face aos vocábulos: *cangueira*, *embulhar*, *migar*¹, *olho de boi*, *tratuário* e *trogalho*, seis vocábulos selecionados dos 12 listados, para um estudo mais aprofundado. Trata-se de perceber de que forma o conhecimento que os informantes têm sobre eles varia consoante diferentes fatores sociais.

¹ Este vocábulo, não sendo um regionalismo madeirense, foi testado inicialmente como tal, juntamente com os outros 11 vocábulos. Curiosamente, apesar de, mais tarde, se ter verificado ser um termo do português europeu padrão, revelou ser um verbo desconhecido por grande parte dos informantes, provavelmente por ser pouco usado na atualidade.

Pretende-se apurar se a familiaridade com os regionalismos é maior entre os participantes mais jovens, os adultos ou os mais idosos; se está relacionada com o fator escolaridade; se o sexo dos participantes é relevante; ou se é diferente consoante o contexto geográfico (concelho de residência).

Para se poder alcançar estes objetivos, será elaborado um questionário no *google forms*, a ser divulgado em formato digital, de forma a ser mais acessível e abranger mais respondentes. Pretende-se saber se os inquiridos reconhecem os regionalismos lexicais em estudo, mas também se conseguem identificar os seus significados.

Espera-se, com os resultados obtidos, poder comprovar: (i) o grau de conhecimento da população madeirense relativamente aos regionalismos apresentados; (ii) a influência de variáveis sociais (nível de escolaridade, idade e sexo) no conhecimento ou desconhecimento dos regionalismos; (iii) a variável geográfica (localidade de origem e/ou de residência) e (iv) a importância deste estudo enquanto contributo para a preservação e valorização dos regionalismos madeirenses, entendidos como elementos identitários que refletem a “madeirensidade” (Rodrigues, 2015), ou seja, a expressão da identidade cultural da população da Madeira.

Contextualização geográfica, histórica e socioeconómica da Região Autónoma da Madeira

A Região Autónoma da Madeira (RAM) é um território insular português localizado no Oceano Atlântico. O arquipélago é composto por duas ilhas principais que se encontram habitadas, a ilha da Madeira e a ilha do Porto Santo, e por dois subarquipélagos não habitados: as ilhas Desertas (compostas pelo Ilhéu Chão, a Deserta Grande e o Bugio) e as ilhas Selvagens. Estas últimas têm dois agrupamentos: o grupo nordeste, que inclui a ilha Selvagem Grande e duas pequenas ilhotas, Palheiro da Terra e Palheiro do Mar; e o grupo sudeste, que compreende a ilha Selvagem Pequena, o Ilhéu de Fora e diversos ilhéus menores, como o Alto, o Comprido, o Redondo e o pequeno grupo dos Ilhéus do Norte.

A ilha da Madeira é o principal território habitado do arquipélago, possuindo, de acordo com os censos de 2021, uma população residente de 250 744 habitantes. A ilha encontra-se dividida em 10 concelhos, sendo estes subdivididos em 52 freguesias. O concelho do Funchal, capital do arquipélago, concentra mais de 40% da população residente, totalizando 105 782 habitantes (Direção Regional de Estatística da Madeira [DREM], 2022).

O arquipélago foi descoberto a partir de 1418 por João Gonçalves Zarco, Tristão Vaz Teixeira e Bartolomeu Perestrelo. Nessa data, os descobridores chegaram à ilha do Porto Santo e, no ano seguinte, em 1419 alcançaram a ilha da Madeira (Vieira, Soares Fernandes, Janes, & Pita, 2001). As terras foram divididas em três capitânias: a do Porto Santo que, por ser uma ilha pequena, ficou entregue na totalidade a Bartolomeu Perestrelo; a da Madeira que “foi separada em duas por uma linha traçada em diagonal entre as Pontas da Oliveira e do Tristão” (Vieira, Soares Fernandes, Janes, & Pita, 2001: 18), ficando a costa sul (dominada pelo Funchal) quase toda em poder de João Gonçalves Zarco e a costa norte para Tristão Vaz Teixeira.

O povoamento na ilha da Madeira progrediu rapidamente em toda a costa sul, originando novos lugares de fixação em Santa Cruz, Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Calheta e Ponta do Sol. Por outro lado, a costa norte tardou a ser povoada, devido às dificuldades de contacto, tanto por via terrestre como por via marítima. (Vieira, Soares Fernandes, Janes, & Pita, 2001).

Após esta fixação da população, e povoamento inicial, houve a necessidade de uma nova estrutura organizacional. A partir de 1450, surgiram, então, os municípios, sendo inicialmente um para cada capitania. A criação destes obedeceu a determinadas regras. De início, e como já referido anteriormente, estabeleceu-se um município para cada capitania, “que depois foi subdividido, de acordo com o progresso das localidades, dos problemas de isolamento e da capacidade reivindicativa dos moradores” (Vieira, Soares Fernandes, Janes, & Pita, 2001: 49). Na capitania do Funchal, surgiram os municípios da Ponta do Sol (1501) e da Calheta (1502); já na capitania de Machico, surgiu o município de Santa Cruz (1515). Toda a costa norte ficou sob a alçada da capitania de Machico até 1744, altura em que surgiu o município de São Vicente. Em 1835, e com a Revolução Liberal, o território foi dividido em distritos, concelhos e freguesias. A partir desta data, surgiram novos municípios: Porto Moniz, sendo que a situação foi passageira, uma vez que o concelho foi extinto por duas vezes, em 1849 e 1867; e o de Santana também em 1867 (Vieira, Soares Fernandes, Janes, & Pita, 2001).

Com o objetivo de serem criadas as condições mínimas para se instalar e desenvolver a agricultura, uma parte da densa floresta de loureiros existente teve de ser abatida e, posteriormente, um grande número de canais de água (regionalmente conhecidos como levadas) foram construídos, possibilitando o transporte de água abundante na costa norte para a costa sul. Foram introduzidas várias culturas agrícolas na ilha, que se tornaram muito importantes a nível económico, como a cana-de-açúcar. De acordo com Vieira (2003), o açúcar fez do Funchal um ponto de passagem obrigatório para as rotas comerciais europeias, antes de

ser produzido em grande escala no Brasil. Por isso, no século XVII, foi a cultura da vinha e o vinho que impulsionaram novamente a economia da ilha, tendo a produção açucareira regressado em força com a revolução industrial (Vieira, 1996).

O turismo também foi, desde meados do século XV, um impulsionador económico da ilha. Em “A Madeira e o turismo: pequeno esboço histórico”, Silva (1985: 6) afirma que “percorrendo a história da Ilha (...) verificámos que o fenómeno do turismo (...) não é de origem recente. Ele nasce no séc. XV (...)”. A autora refere duas épocas para o início do turismo na ilha da Madeira: a “colonial”, compreendida entre os séculos XV e XVIII, e a “terapêutica”, compreendida entre os séculos XIX e início do século XX. Nesta fase, a promoção turística atraiu curiosos de diversas áreas, nomeadamente da medicina. Desta forma, em 1751, Thomas Hemberden constatou as qualidades do clima da ilha e também os seus efeitos terapêuticos. Assim, foram dados os primeiros passos para que “a classe média comesse a recomendar a estada no Funchal como a mais propícia para determinados tratamentos.” (Marujo, 2013: 4). Durante a primeira metade do século XIX, a divulgação da Madeira passou a ser feita em guias e cartas destinados a serem consultados pelos doentes. Devido a esta divulgação, difundiu-se pela Europa a fama do chamado “turismo terapêutico”.

Todos estes contactos com o exterior foram formas de desenvolvimento regional, sobretudo da costa sul da ilha da Madeira. Sempre houve uma dinâmica dual de contacto vs. isolamento do território, o que fez com que conservasse traços dialetais, sociolinguísticos e culturais próprios, enquanto recebia invocações.

Metodologia de pesquisa

Esta investigação adota uma metodologia mista, ou seja, tanto qualitativa como quantitativa, uma vez que usa dados percentuais para compreender se os inquiridos conhecem ou desconhecem determinados regionalismos madeirenses, mas também procura interpretar os mesmos como sendo manifestações sociolinguísticas e culturais que refletem a identidade do povo madeirense ou “madeirensidade” (Rodrigues, 2015).

Pretende-se auferir se os inquiridos conhecem ou desconhecem os 12 vocábulos apresentados, recolhidos de investigações feitas anteriormente, mais precisamente de Teixeira (2015), Nunes (2019) e Gonçalves (2024). Para se poder obter resultados, foi elaborado um questionário sociolinguístico que, posteriormente, foi divulgado através de redes sociais e plataformas digitais.

Este estudo está limitado ao número de participantes que se disponibilizaram a responder ao questionário. Trata-se de uma amostra pouco diversa, em que as respostas obtidas foram maioritariamente de jovens e adultos. Isto deveu-se ao facto de não ter sido possível um contacto direto sobretudo com falantes mais velhos, pois os questionários foram respondidos apenas através de plataformas *online*. Estes têm cariz anónimo, com indicação, na introdução, do objetivo do estudo e para que seriam usados os dados recolhidos.

Estrutura do trabalho

Esta dissertação encontra-se dividida em três capítulos, seguindo um fio condutor: parte introdutória, parte teórica de revisão da literatura, parte metodológica da pesquisa, parte da análise e discussão dos resultados obtidos, conclusão e referências.

Na introdução, são apresentados o tema e os objetivos de investigação, seguindo-se uma breve contextualização geográfica, histórica e económica da RAM, desde o seu povoamento à atualidade. O primeiro capítulo apresenta a revisão da literatura, parte fundamental do estudo, onde são abordadas temáticas pertinentes como a dialetologia e a sociolinguística, mas também as variedades do português e o conceito de “madeirensidade” (Rodrigues, 2015). Este capítulo é importante para a contextualização da pesquisa no campo científico em que se enquadra e para definir alguns conceitos-chave.

No capítulo dois, é definida a metodologia de trabalho, explicando a conceção e elaboração do questionário e definindo os regionalismos lexicais utilizados. Também são definidos, através de uma tabela, os graus de dificuldade associados ao conhecimento desses vocábulos, definidos através da informação recolhida em estudos anteriores. Em relação à amostra recolhida, é ainda explicada a necessidade de excluir determinados informantes, para se poder analisar um número de questionários com respostas mais relevantes.

No terceiro e último capítulo é feita a análise e discussão dos dados recolhidos, em que, através de gráficos e tabelas, se espera responder aos objetivos apresentados na introdução. Também será possível compará-los com os resultados de outros estudos sociolinguísticos existentes sobre regionalismos lexicais madeirenses.

Finalmente, na conclusão, apresentam-se as considerações finais, sintetizando as informações dos diferentes capítulos e salientando os resultados da investigação realizada em comparação com estudos anteriores. Também se referem as limitações da pesquisa e propõem-se linhas para investigações futuras.

Capítulo I. REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, será apresentada, em primeiro lugar, a distinção entre dialetologia e sociolinguística. Parte-se de estudos dialetais e sociolinguísticos realizados sobre regionalismos lexicais da ilha da Madeira, confrontados com a norma padrão do português europeu e identificados como “madeirensismos”. Segue-se a apresentação da perspectiva sociolinguística da variação, nomeadamente dos seus conceitos, da regra variável e da comunidade de fala. Posteriormente, exploram-se as variedades do português europeu, comparando-o com o português falado no espaço lusófono, com destaque para o português falado na Madeira e para a questão dos regionalismos lexicais que o caracterizam.

1.1. Dialetologia e Sociolinguística

Bazenga (2016), ao escrever sobre dialetologia, fala da variação das línguas naturais ao longo do tempo (variação *diacrónica*), propriedade que se manifesta também num dado momento e situação (variação *diafásica*), e em usos diferentes das mesmas estruturas, designadas por *variantes linguísticas*. De acordo com a autora, estas podem ser dependentes de um conjunto de fatores **linguísticos** (variação interna), **geográficos** (variação *diatópica*) e **sociais** (variação *diastrática*), considerando diferentes variantes como sendo mais ou menos populares ou cultas do que outras, sem que este fenómeno prejudique o mútuo entendimento dos falantes. Desenvolvida a partir do século XIX, a dialetologia tradicional estuda as variantes geográficas de uma língua, procurando classificar, documentar e mapear os dialetos com base em dados recolhidos diretamente de falantes em contextos regionais específicos.

O *Atlas Linguistique de la France*, publicado por Jules Gilliéron e Edmond Edmont entre 1902 e 1920, marcou o início da dialetologia tradicional. Esta obra estabeleceu o modelo metodológico que influenciaria várias iniciativas semelhantes em outros países. Destaca-se, entre as principais características, a sua orientação sincrónica e descritiva, a importância do espaço geográfico como fator decisivo da variação e a utilização dos mapas linguísticos como principais instrumentos de análise. Segundo Araújo (2020), estas abordagens refletem uma conceção da língua intrinsecamente ligada ao território, onde cada comunidade geográfica é vista como salvaguarda de uma variante linguística particular.

A dialetologia tradicional continua a ser uma importante referência no estudo da variação linguística, no que diz respeito à caracterização e preservação de variedades regionais ameaçadas ou pouco documentadas. Carvalho (2016) destaca que o conhecimento da

distribuição geográfica das variantes contribui para a compreensão da diversidade linguística e também fornece recursos valiosos para estudos da história da língua, planeamento linguístico e ensino. No entanto, a visão da dialetologia tradicional pode ser considerada limitada, porque apenas contempla informantes com um perfil sociolinguístico restrito: sobretudo homens, idosos, com baixo nível de escolaridade e com pouca mobilidade geográfica, tendo como objetivo recolher formas linguísticas consideradas mais “conservadoras” (Chambers & Trudgill, 1998). Esta delimitação dos inquiridos, ignorando variáveis como o sexo, a classe social, a escolaridade e a mobilidade, reduz o alcance interpretativo dos dados recolhidos (Cardoso, 2010).

Então, na década de 60 do século XX, surge o aparecimento da sociolinguística variacionista, com autores como William Labov propondo métodos empíricos que melhor pudessem representar a complexidade sociocultural da língua, criando uma visão mais abrangente da variação. A sociolinguística variacionista de Labov, mais do que o estudo da fala das pessoas idosas dos meios rurais (como fazia a dialetologia tradicional), dedica-se à influência das variáveis sociais sobretudo nas áreas urbanas. Assim, abrange três faixas etárias (jovens, adultos e idosos) e diferentes níveis de escolaridade (básico, médio e superior), além do género dos informantes, sendo quantitativa.

Nos anos 80, desenvolveu-se a dialetologia perceptual, com métodos sistemáticos para estudar como as pessoas percebem os dialetos, que crenças têm sobre variedades, que fronteiras dialetais imaginam e como avaliam “correção”, “agradabilidade”, “inteligibilidade”, etc. A dialetologia perceptual nasceu da constatação de que a percepção dos falantes não especialistas (o “olhar do leigo”) influencia fortemente atitudes linguísticas, dinâmicas de prestígio, políticas linguísticas e até a mudança linguística. A sua base teórica tem influência da sociolinguística laboviana, integrando conceitos cognitivos como os de “percepção” e “atitudes”, definidos em psicologia social e aplicados à variação linguística. Procura-se entender as percepções geográficas dos falantes e as suas atitudes em relação à diversidade linguística (Bazenga, Andrade & Rodrigues, 2016).

Na Madeira, após os estudos dialetais de antigas monografias de licenciaturas, realizadas sobretudo na Universidade de Lisboa, o desenvolvimento das pesquisas intensificou-se com a criação de licenciaturas e mestrados nas áreas da língua portuguesa na Universidade da Madeira, nomeadamente com estudos de docentes e de estudantes sobre a variedade madeirense: Figueiredo (2009), Rebelo (2011 e 2015, etc.), Bazenga (2010, 2016, 2021 e 2024), Santos (2013), Nunes (2014, 2017, 2019 e 2021), Teixeira (2015) e Andrade (2014). Apenas esta última investigação sociolinguística sobre os falantes madeirenses se debruçou

sobre as percepções e atitudes linguísticas face à variação, abordando questões sintáticas. O trabalho de Rebelo (2011) sobre a percepção aborda a capacidade dos falantes em reconhecerem diferenças regionais na fala de outros madeirenses. Parte da crença de ser possível identificar, através do falar de alguém, a zona da ilha de onde se é originário. Os resultados mostram que os ouvintes não entendem o falar madeirense como homogéneo, apresentando distintos padrões de identificação. No caso da presente investigação, trata-se de um estudo da variação sociolinguística, no conhecimento ou desconhecimento de alguns regionalismos lexicais, por parte de falantes madeirenses.

1.2. A Perspetiva Sociolinguística da Variação

A linguagem verbal não constitui um sistema abstrato e isolado. É uma prática social enraizada nas comunidades e nos diferentes contextos em que ocorre o seu uso. Esta é a premissa fundamental da sociolinguística, um ramo da linguística que, de acordo com Coupland e Jaworski (1997), estuda a língua nos seus contextos sociais e a vida social através da linguística, pretendendo compreender a forma como a língua varia e evolui consoante os contextos sociais.

Tendo em conta este quadro teórico, a língua é vista como um fenómeno dinâmico, moldado pelas origens e características dos falantes e pelos contextos onde é usada. Na obra *Analysing Sociolinguistic Variation*, Tagliamonte (2006) reforça esta perspetiva, defendendo o facto de a língua existir em contexto, dependendo do falante que a utiliza, do local onde está a ser utilizada e da situação comunicativa. Foi neste âmbito que Labov (1969) introduziu a noção de regra variável, constatando que as escolhas linguísticas dos falantes, ainda que pareçam livres, obedecem a padrões sistemáticos. Devido a essa sistematização, a frequência relativa da seleção pode ser prevista. Pois, como explica Tagliamonte (2006: 130), “The variable rule was designed as an accountable, empirical model for this phenomenon, thus introducing a probabilistic component into the model of language”. Esta introdução de conceitos estatísticos não foi apenas uma inovação metodológica. Para alguns investigadores, surgiu de forma natural e lógica, sendo uma adição fundamental ao estudo da variação dialetal, histórica e interindividual da linguagem.

Compreender como e por que razão os falantes, mesmo que de forma inconsciente, fazem certas escolhas linguísticas implica considerar os fatores sociais que definem o comportamento linguístico. Cada vez que se fala incorpora-se no discurso traços que indicam a origem geográfica, a classe social e o grupo etário a que se pertence, bem como o sexo ou

gênero com que o indivíduo mais se identifica. Estas características influenciam não apenas o modo como se fala, mas também são a base da construção da nossa identidade linguística. De acordo com Georgieva (2014), a classe social em que o indivíduo se insere impõe algumas normas comportamentais, reforçadas pelo exemplo das pessoas com quem se relaciona de forma mais próxima. Ao crescer com os pais, avós, irmãos, outros familiares e amigos, adotam-se certas características linguísticas usadas por eles e define-se o discurso.

Entre os fatores sociais que mais impactam a variação linguística encontram-se o sexo/gênero, a idade e o estatuto socioeconômico, sendo que também a escolaridade e o local onde se vive ou cresce têm grande importância na delimitação dos fatores sociais. Apesar da importância individual, estes fatores não atuam de forma isolada, mas interagem de forma complexa na produção de práticas linguísticas diferenciadas. Dessa forma, a sociolinguística procura identificar a correlação entre estes fatores para interpretá-los de forma mais ampla.

Neste contexto, o conceito de comunidade de fala surge como uma peça fundamental para a análise sociolinguística. Este conceito agrega conjuntos de indivíduos que, de forma consciente ou inconsciente, partilham normas linguísticas comuns e que reconhecem formas socialmente apropriadas de falar. Em 1972, Labov caracterizou a comunidade de fala como “a group of speakers who share a set of evaluative norms governing social and stylistic variation” (Tagliamonte, 1972: 120-121). Labov (2007) identifica três dimensões essenciais da definição de uma comunidade de fala: (1) limites bem definidos; (2) uma base estrutural comum; e (3) um conjunto unificado de normas linguísticas. Assim, a comunidade de fala não é apenas uma categoria analítica. Esta é também um reflexo da sociedade na qual os falantes estão inseridos. Ao serem partilhadas normas avaliativas sobre o que pode ser considerado adequado ou inadequado em diferentes contextos, os membros de uma determinada comunidade de fala contribuem para a preservação ou transformação de determinadas formas linguísticas.

Na obra *Language Variation and Change in Rural Communities*, Gordon (2018/2019) aborda a ruralidade de forma ampla, englobando dimensões geográficas, sociais e simbólicas. Destaca que não é simples traçar uma fronteira clara entre o que é “rural” (traço [+rural]) e o que é “urbano” (traço [-rural]), tendo por base apenas critérios econômicos ou demográficos, visto que a ruralidade carrega significados culturais e identitários. A linguagem apresenta um papel fundamental na construção social dessa divisão, sendo que os estilos de fala, os traços dialetais e as atitudes linguísticas reforçam a identidade rural. O isolamento físico ou social, maioritariamente sentido em comunidades rurais, é uma forma de preservação de variantes tradicionais da fala ou de retardar as mudanças linguísticas. Além disso, as atitudes dos falantes em relação às suas formas linguísticas e às formas externas desempenham um papel

fundamental na manutenção ou abandono de variantes rurais, refletindo que a ruralidade também é uma construção simbólica e identitária.

Posto isto, as comunidades rurais também sofrem mudanças sociolinguísticas, havendo continuidade em vez de oposição binária absoluta entre rural e urbano. Pois, os chamados traços rurais variam consoante o contexto histórico-geográfico, a mobilidade social, o contacto com o urbano, as redes sociais, a escolaridade, etc., não existindo um conjunto universal de traços [+rural] que valha para todos os contextos. Fernandes (2021) demonstra que “marcas de ruralidade” como variável social e histórica persistem no léxico, mesmo quando ocorrem processos de urbanização ou mobilidade social. Isto reforça a relevância de analisar a variação sociocultural do léxico, identificando formas regionais conservadoras atribuíveis à ruralidade, em zonas urbanas e rurais.

A partir da altura em que apareceram os primeiros estudos sociolinguísticos variacionistas, Labov (1972) alertou para um dos principais obstáculos na contemplação do comportamento linguístico: o “problema da avaliação”. Este problema caracteriza-se pelos desafios em obter, de forma rigorosa, os juízos de valor que os falantes concedem às variantes linguísticas que utilizam ou ouvem. Para Labov (1972), entender como os falantes compreendem, avaliam e se colocam relativamente às formas linguísticas é essencial para a análise da mudança linguística, uma vez que essas atitudes atuam diretamente no uso e difusão das variantes com prestígio social.

O paradoxo do observador, abordado por Labov (1972) no livro *Sociolinguistic Patterns*, articula-se com o problema da avaliação. Segundo o autor, “the aim of linguistic research in the community must be to find out how people talk when they are being systematically observed; yet we can only obtain these data by systematic observation” (Labov, 1972: 209). Tendo o excerto por base, Labov pretende destacar que a presença do investigador pode alterar o comportamento linguístico do falante, podendo ser, por um lado, evitadas variantes estigmatizadas e, por outro, privilegiadas formas socialmente valorizadas.

Nas suas pesquisas, Oushiro (2015 e 2019) tem retomado e aprofundado a problemática da avaliação, propondo uma abordagem integrada entre a análise da produção linguística e a investigação das atitudes e avaliações sociais associadas às variantes. A autora expõe como a percepção social das variantes linguísticas desempenha um papel estruturante nos comportamentos linguísticos. É salientado que as escolhas de certas formas linguísticas podem ser uma estratégia de afiliação, de ascensão social ou de distinção social, demonstrando que as atitudes dos falantes relativamente à língua são indissociáveis das suas experiências socioculturais.

Esta vertente é de grande importância para revelar a dimensão simbólica da variação linguística, permitindo compreender a língua como sendo não apenas um sistema de formas em uso, mas também como um espaço de disputa social, onde se erguem hierarquias, significados e pertenças. Enquanto os estudos centrados na produção descrevem as formas realmente utilizadas e a sua distribuição, os estudos sobre a avaliação e a percepção retêm a carga ideológica e valorativa atribuída a essas formas, esclarecendo o motivo pelo qual algumas variantes se mantêm, mudam ou desaparecem.

Desta forma, trata-se de uma abordagem complementar, contribuindo para uma compreensão mais completa e humanização da variação linguística. Tal como defendem Garrett (2010) e Preston (1989), a análise das atitudes linguísticas deve ser vista como uma dimensão fundamental da sociolinguística, permitindo aceder às representações sociais da língua, implícitas e não verbalizadas.

Metodologicamente, estas investigações recorrem frequentemente a técnicas percetuais, com perguntas diretas e indiretas. Estes métodos tentam analisar de forma sistemática os juízos de valor que os falantes atribuem às variantes, tendo sido eficazes em contextos de contacto dialetal, mobilidade social e mudança linguística. Nos estudos de Oushiro (2015 e 2019), estes instrumentos são aplicados juntamente com análises quantitativas da produção linguística, permitindo analisar se existe correspondência entre as formas preferidas socialmente e aquelas que, na realidade, são utilizadas. Esta relação é mais produtiva em contextos urbanos dinâmicos, nos quais as práticas linguísticas estão em constante mudança e adaptação.

Se à análise da variação se integrar a dimensão avaliativa, é possível a ampliação da perspetiva sociolinguística ao horizonte metodológico e teórico, confirmando que a linguagem é uma forma de comunicação e um marcador social. As atitudes, representações e julgamentos linguísticos ajudam a compreender como os falantes participam ativamente nas dinâmicas linguísticas da comunidade onde estão inseridos, não unicamente como utilizadores da língua, mas também sendo agentes na sua transformação e adaptação.

Segundo Bazenga (2021), as atitudes linguísticas são apresentadas através de três componentes. Estas são descritas como: afetiva, ou os sentimentos de uma pessoa sobre o objeto da atitude; comportamental, ou a influência exercida no comportamento; e cognitiva, envolvendo o conhecimento de uma pessoa sobre o objeto de atitude. Desta forma, um falante pode considerar uma variedade ou variante linguística com destaque e importância e expressar sentimentos positivos em relação a ela. A autora destaca ainda que os inquiridos por ela entrevistados têm consciência da diversidade de variedades sociais e geográficas insulares, da

sua própria forma de falar, diferente das outras. Estes mostram, também, que são conhecedores das normas sociais do uso linguístico, do prestígio associado ao “falar direito” e do estigma do falar “rural” ou “vilão”. É ainda constatável que algumas variantes faladas no espaço insular surgem mais estigmatizadas do que outras, tais como os sotaques de Câmara de Lobos e de Machico, frequentemente referidos como mais salientes no território insular madeirense.

De acordo com Ferreira (2009), as percepções referem-se à forma como as pessoas que não são especialistas em linguística constataam a distribuição dos dialetos no território, identificando regiões e fronteiras segundo a sua experiência pessoal. As crenças linguísticas têm por base as ideias que as pessoas têm sobre as variedades, ou seja, se as consideram “certas”, “prestigiadas” ou “diferentes”. Já as atitudes envolvem julgamentos e sentimentos sobre estas variedades, podendo achar que uma forma de falar é mais agradável ou socialmente valorizada. Estes dados ajudam a compreender os processos de mudança linguística e se certas variedades são mais valorizadas ou estigmatizadas. Neste estudo, não foram contempladas as percepções e atitudes avaliativas dos falantes em relação aos vocábulos estudados.

1.3. A língua portuguesa no mundo: distribuição, expansão e contextualização sociolinguística

Seguindo-se ao inglês e ao espanhol, o português é a terceira língua mais falada na Europa, assumindo, dessa forma, destaque no panorama linguístico. A nível mundial, é a língua materna de cerca de 256 milhões de pessoas, número que continua a crescer, especialmente em África e na América do Sul (Ethnologue, 2023). Devido às expansões marítimas e coloniais portuguesas (nos séculos XV e XVI), à formação de impérios ultramarinos e aos fluxos migratórios, o português foi difundido globalmente, continuando, até aos dias de hoje, a influenciar a sua presença e o seu perfil sociolinguístico no mundo.

Mesmo sendo falado em quatro continentes, a distribuição do português é assimétrica, tanto em termos demográficos como de estatuto sociopolítico. Na Europa, o português é língua oficial e materna em Portugal, e língua de herança em várias comunidades emigrantes espalhadas pelo mundo. Na América do Sul, é língua oficial e materna de grande parte da população do Brasil, país este que agrega cerca de 80% dos falantes nativos da língua a nível mundial. Em África, o português tem estatuto oficial em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, desempenhando funções institucionais, identitárias e

educativas, sendo que coexiste com um grande número de línguas nacionais. Também na Ásia se fala português, sendo língua oficial em Timor-Leste, ao lado do tétum, e uma das línguas oficiais de Macau, em contexto bilingue com o cantonês (Paulino, 2012).

Criada em 1996, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) tem procurado destacar o português como língua internacional de comunicação, cooperação e ciência, promovendo o ensino, o intercâmbio cultural e a mobilidade académica entre os países lusófonos (Barão, 2023). Este panorama demonstra como o português é uma língua pluricêntrica, que, mesmo partilhando uma base comum, apresenta uma grande diversidade interna, sendo reflexo da história, das condições sociais e dos contactos linguísticos de cada região. Esta pluralidade é constatável nos aspetos fonéticos, morfossintáticos, pragmáticos e lexicais, sendo objeto de estudo em várias áreas da linguística, como na sociolinguística e na dialetologia (Bagno, 2013; Cardoso, 2010).

Do ponto de vista sociolinguístico, o português é uma língua de mobilidade, marcada pela variação linguística, pela influência das dinâmicas sociais (urbanização, escolarização, media, globalização) e pelo contacto com outras línguas. Dependendo dos contextos, o português desempenha tanto funções formais (língua de Estado, de ensino e de comunicações interétnicas) como funções simbólicas (instrumento de identidade, de pertença ou de ascensão social). Nas comunidades emigrantes, o português coexiste com outras línguas oficiais, crioulos e línguas internacionais (Sebastião, 2014; Santos & Deus, 2021).

A emigração portuguesa, e a criação de comunidades portuguesas nos países de acolhimento, é um dos fatores mais relevantes para a expansão e manutenção da língua portuguesa fora dos territórios oficiais. Entre 1855 e 1973, emigraram cerca de 3,17 milhões de portugueses (Pimenta, 2017), primeiramente em direção ao Brasil, e, a partir da década de 1950, para países da Europa ocidental, como a França, a Alemanha Federal, a Suíça, o Luxemburgo, o Reino Unido e a Bélgica. Dos Açores e da Madeira saíram grandes fluxos migratórios para os Estados Unidos da América, Canadá, África do Sul e Venezuela. Estas comunidades emigrantes tornaram-se núcleos fundamentais de transmissão e manutenção da língua e da cultura portuguesa no estrangeiro (Paulino, 2012).

Sendo as diásporas de grande importância para a dispersão do português, a sua vitalidade depende de várias condições, destacando-se a prática do plurilinguismo, o prestígio social da língua, o nível de tolerância e abertura linguística das sociedades de acolhimento e a oferta de ensino em português (Cavaco, 2011). Assim, a deterioração ou preservação da língua portuguesa resulta de fatores como o contacto intergeracional com a língua, a sua presença nas redes sociais e o apoio institucional (centros culturais, escolas comunitárias). Em muitas

comunidades, e com especial ênfase nas gerações mais novas, observa-se um processo de deslocamento linguístico, em que o português vai, progressivamente, sendo substituído pela língua dominante do país de acolhimento (Paulino, 2012).

1.3.1. Variedades faladas do português europeu no arquipélago da Madeira

A língua portuguesa apresenta uma grande diversidade estrutural e funcional, através das suas várias manifestações regionais. Esta diversidade evidencia-se com especial destaque nos contextos insulares. Dessa forma, o arquipélago da Madeira é rico do ponto de vista sociolinguístico, preservando especificidades linguísticas que, mesmo partilhando a matriz do português europeu, apresenta traços morfossintáticos, fonéticos e lexicais que o individualizam. Esta especificidade linguística decorre de um conjunto de fatores que se interrelacionam: a insularidade, o isolamento geográfico, a evolução histórica e a migração, constatados desde os primórdios do povoamento até à atualidade.

Nos seus estudos, Cintra (1982) classifica a Madeira como uma região pertencente ao grupo dos dialetos do português centro-meridional, embora possuindo características próprias dos dialetos insulares. Através do desenvolvimento da sociolinguística variacionista e dos estudos em geolinguística urbana, percebeu-se que apenas a caracterização geográfica era insuficiente para descrever a complexidade linguística da ilha. Bazenga (2014 e 2021) e Nascimento (2001) têm dado um importante contributo para uma abordagem mais abrangente da variação e da mudança linguística, incorporando, nesta abordagem, o papel das variáveis sociais. Bazenga (2010), no seu artigo “Sociedades insulares e identidade: aspetos linguísticos da ‘madeirensidade’ no Atlântico lusófono”, aborda a insularidade, em particular a do arquipélago da Madeira, não apenas como uma condição geográfica, mas também como uma condição simbólica, social e histórica. Estas condições moldaram a evolução do português europeu falado na ilha da Madeira: a variedade insular viria a resultar de um percurso de colonização, contactos linguísticos (através das migrações, viagens, comércio, etc.) e isolamento relativo.

Os projetos de Bazenga são de grande relevância para o conhecimento da variedade madeirense, centrando-se na análise da variação sintática e morfossintática do português falado na ilha, com grande destaque para o contexto urbano do Funchal. No estudo “a realização do objeto indireto anafórico de terceira pessoa na variedade do português europeu falado no Funchal (Ilha da Madeira)”, Bazenga (2019) analisa a realização do objeto indireto anafórico

da terceira pessoa, sendo observada a oscilação entre o uso do clítico dativo *-lhe(s)* e, através deste, as construções prepositivas com *a* ou *para*, seguidas de um pronome forte – *para ele(s)* e *a ela (s)* – sendo esta última mais frequente do que o esperado na norma padrão. Estes dados revelam que a variedade madeirense conserva traços que diferem do português europeu padrão, funcionando como índice de identidade regional.

Noutro estudo de Bazenga (2014), desenvolvido com Andrade e Rodrigues, as autoras mostram que os madeirenses consideram que a sua variedade do português é de elevado prestígio, demonstrando atitudes positivas em relação ao seu uso. Assim, a variedade madeirense surge como um símbolo de pertença e afirmação sociocultural. Por seu lado, Rebelo (2011), Rebelo e Nunes (2015) e Nunes (2019) analisaram a componente lexical da variedade do português falado na ilha da Madeira. Nunes (2019) analisa o reconhecimento e a vitalidade dos regionalismos madeirenses entre jovens estudantes universitários. Os resultados revelaram um conhecimento desigual do léxico tradicional, condicionado por fatores como o meio de residência (rural ou urbano), o nível de exposição aos media e a relação das famílias com a língua e a cultura local. Na investigação, também é demonstrada uma possível erosão lexical em curso, mais evidente nas gerações mais novas, o que reforça a necessidade de políticas educativas e culturais que valorizem e conservem a riqueza identitária da língua falada na região.

Maioritariamente, os estudos existentes centram-se no Funchal, existindo, dessa forma, um défice de investigações nas zonas rurais da Madeira e na ilha do Porto Santo, onde é provável que existam ainda traços linguísticos mais conservadores. As variedades faladas do português no arquipélago da Madeira devem ser compreendidas como formas legítimas e estruturadas do português europeu marcadas por uma forte dimensão identitária, mas também sujeitas a dinâmicas de variação e mudança. Os estudos de Bazenga (2014 e 2021) e de outros investigadores têm vindo a demonstrar que estas variedades constituem um objeto de investigação de grande relevância para a sociolinguística portuguesa, desafiando visões normativas e homogeneizadas da língua e contribuindo para uma valorização da diversidade interna da língua portuguesa.

1.4. Regionalismos madeirenses e “Madeirensidade”

Desde inícios do século XX, surgiram vocabulários e glossários dedicados aos regionalismos madeirenses, como forma de conservar e preservar os falares próprios da região. Estes trabalhos constituem apenas parcelas de um todo, ou seja, são um património valioso que aguarda a elaboração de um projeto de sistematização deste conhecimento. Segundo Rebelo e Nunes (2015), é evidente que, apesar de o número de publicações e artigos irem aumentando anualmente, ainda está por publicar um verdadeiro dicionário que ultrapasse apenas os levantamentos pessoais e individuais, sendo estes limitados e defeituosos, a partir dos vocabulários e glossários existentes.

Segundo Gouveia (1994: 142), o regionalismo

constitui a manifestação desentranhada do sentimento coletivo, afeto da terra amoitado nas profundezas do inconsciente. Pelo que todo o processo posto em prática a fim de valorizar e distinguir esta ou aquela parcela de território nacional, em face do vagabundo estrangeiro, atraindo-o por aquilo que é diferente e ele anda cobiçoso de ver e sentir – este arvorar de bandeira do que há de nativo, revela arraigada virtude conservadora.

Gouveia vê o regionalismo como uma forma de distinção e valorização de uma parte do território nacional em relação ao restante, sendo uma manifestação da virtude conservadora enraizada na cultura. A citação lembra que o regionalismo desempenha um papel importante na preservação e conservação da identidade cultural, favorecendo a proteção e apreciação das tradições locais (Gonçalves, 2024).

No contexto madeirense, Rebelo e Nunes (2015: 3) afirmam que

um regionalismo madeirense será um termo, isto é, vocábulo, expressão, ditado, etc. próprio, porque específico e individualizante, da região que é o Arquipélago da Madeira. Deste modo, terá de ultrapassar os limites de cada uma das duas ilhas habitadas e de ser comum a ambas. (...) a fim de contribuir para a vertente linguística da definição de “regionalismo”, devem ter-se em conta o critério geográfico, o cultural e, consequentemente, o histórico porque é a combinação destes três planos que permite distinguir regionalismos linguísticos próprios do Arquipélago da Madeira dos de outras proveniências.

Este excerto introduz o conceito de regionalismo madeirense como uma manifestação linguística específica da região da Madeira. Tendo por base este enquadramento, é possível

entender os regionalismos madeirenses não apenas como uma particularidade lexical, mas também como uma componente da “madeirensidade” (Rodrigues, 2015). Este conceito corresponde a realidades específicas e identitárias que resultam da memória, do imaginário coletivo e das vivências das comunidades insulares da Madeira.

Nunes (2019) destaca como a análise do léxico madeirense demonstra a persistência do uso de uma linguagem que, mesmo sendo objeto de transformações sociais, constitui um elemento identitário e diferenciador dos falantes do território regional. A “madeirensidade” linguística, a nível lexical, manifesta-se, assim, na preservação de vocábulos tradicionais, sobretudo na língua falada no quotidiano e no sentimento de pertença dos falantes.

Por conseguinte, pode-se entender um regionalismo madeirense como um elemento que ultrapassa o domínio unicamente linguístico. Pois, constitui um elemento individualizado e específico da região da Madeira, representando a sua identidade sociocultural.

Capítulo II. METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, apresenta-se a metodologia adotada no desenvolvimento do presente estudo, com o objetivo de descrever, de forma clara e sistemática, os procedimentos utilizados na recolha e análise dos dados. Este capítulo encontra-se subdividido em três partes. Inicialmente, integra-se o estudo exploratório denominado “Percepções, crenças e atitudes dos madeirenses face a determinados regionalismos”, desenvolvido por Gonçalves (2024) no âmbito da unidade curricular de Sociolinguística, enquadrada no Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas. De seguida, descreve-se o questionário usado como forma de recolha de dados, detalhando como o mesmo se encontra estruturado. Também se explica os critérios de seleção dos regionalismos incluídos e os meios de divulgação do questionário que foram adotados. Por fim, procede-se à caracterização da amostra final, expondo o processo de seleção das respostas finais, de forma a poder contextualizar e fundamentar os dados obtidos.

2.1. Estudo exploratório sobre o conhecimento de regionalismos madeirenses

O objetivo deste estudo incidiu na análise do conhecimento e desconhecimento de regionalismos lexicais madeirenses por parte da população residente na ilha da Madeira. Apesar de não ter sido originalmente concebido para publicação, considera-se pertinente a sua inclusão nesta dissertação, na medida em que constitui um contributo relevante para o enquadramento empírico e metodológico da investigação aqui desenvolvida. Com efeito, este estudo permitiu uma primeira aproximação ao objeto de análise, possibilitando a identificação de tendências iniciais relativas ao conhecimento e distribuição de determinados regionalismos na comunidade madeirense, bem como a definição de variáveis relevantes para o desenvolvimento da investigação principal.

2.1.1. Enquadramento, objetivos e metodologias

O estudo insere-se no domínio da dialetologia e da sociolinguística, áreas que se dedicam à análise da variação linguística e à relação entre língua e sociedade. O principal objetivo foi analisar o grau de conhecimento de um conjunto de regionalismos lexicais madeirenses por parte de falantes da ilha da Madeira, procurando verificar se estes reconheciam tais unidades lexicais e os seus significados. Simultaneamente, pretendeu-se compreender de

que forma variáveis extralinguísticas, nomeadamente o local de residência e a idade, influenciavam esse conhecimento.

Para a concretização destes objetivos, foi definido um *corpus* constituído por 12 unidades lexicais – 11 palavras e 1 expressão – selecionadas com base na familiaridade da investigadora com o seu uso em contexto rural, mais concretamente na freguesia do Curral das Freiras. Estas unidades foram organizadas em três níveis de dificuldade (fácil, médio e difícil), definidos de forma intuitiva, com base na experiência linguística da investigadora enquanto falante madeirense.

A recolha de dados foi realizada através de um questionário *online*, construído na plataforma *Qualtrics* e divulgado sobretudo através de redes sociais, bem como por via informal entre contactos pessoais. O questionário incluía, numa primeira fase, questões de caracterização dos participantes – idade, sexo, escolaridade e local de residência – e, posteriormente, questões destinadas a aferir o conhecimento das palavras, solicitando aos inquiridos que indicassem se conheciam ou não cada termo e que seleccionassem o respetivo significado, entre várias opções apresentadas.

Inicialmente, foram recolhidas 220 respostas, tendo a amostra sido posteriormente reduzida para 118, de modo a garantir maior equilíbrio e consistência na análise. A amostra final incluiu participantes de diferentes concelhos da ilha da Madeira, com predominância de indivíduos entre os 18 e os 35 anos e uma ligeira maioria de participantes do sexo feminino. Para efeitos de análise mais detalhada, optou-se pela seleção de três unidades lexicais representativas dos diferentes níveis de dificuldade: *trogalho* (nível fácil), *tarimba* (nível médio) e *ternadoiro* (nível difícil).

2.1.2. Resultados e discussão

A análise dos dados evidenciou diferenças significativas no conhecimento dos regionalismos em função do local de residência. Os resultados mostram que os indivíduos residentes na freguesia do Curral das Freiras apresentam um maior grau de conhecimento das palavras analisadas, bem como uma maior taxa de acerto na identificação dos respetivos significados. Em contraste, os participantes não residentes nessa freguesia revelam, de um modo geral, menor familiaridade com os vocábulos, embora se verifiquem casos em que (apesar de afirmarem não conhecer as palavras) conseguem identificar o seu significado. Este dado sugere a existência de um conhecimento implícito, que não é necessariamente reconhecido pelos próprios falantes.

Relativamente à variável idade, verificou-se que os informantes mais velhos tendem a apresentar níveis mais elevados de conhecimento dos regionalismos, enquanto os mais jovens revelam um domínio mais reduzido. Ainda assim, no caso específico dos residentes na freguesia do Curral das Freiras, observa-se um elevado grau de conhecimento independentemente da faixa etária, o que reforça a influência do contexto geográfico na preservação e transmissão deste género de vocabulário.

De forma geral, os resultados confirmam a relevância dos fatores extralinguísticos na variação lexical, evidenciando que o conhecimento de regionalismos está fortemente associado tanto ao meio sociogeográfico como à idade dos falantes. Estes dados apontam uma maior vitalidade dos regionalismos em contextos rurais e entre gerações mais velhas, sugerindo, por outro lado, um possível processo de desuso entre os mais jovens.

Em síntese, o estudo de Gonçalves (2024) permitiu concluir que os regionalismos madeirenses analisados são, de um modo geral, conhecidos pela população, embora com variações significativas em função do local de residência e da idade. Os resultados evidenciam que os falantes residentes em contextos rurais, particularmente na freguesia do Curral das Freiras, bem como os indivíduos mais velhos, apresentam um maior domínio lexical, o que reforça a importância destes contextos na preservação do património linguístico regional.

Este estudo exploratório assume particular relevância no contexto da presente dissertação, na medida em que constituiu o ponto de partida para a investigação desenvolvida, permitindo validar hipóteses iniciais, identificar tendências sociolinguísticas e orientar a definição do *corpus* e das opções metodológicas adotadas. Para além disso, contribui para a reflexão sobre a importância da preservação dos regionalismos, face ao risco de desaparecimento de determinadas unidades lexicais nas gerações mais jovens.

2.2. Questionário

O questionário usado neste estudo foi estruturado em duas partes distintas, de forma a permitir uma recolha de dados sistemática e adequada aos objetivos do projeto de pesquisa. A primeira parte teve como objetivo caracterizar sociodemograficamente os participantes, contemplando as variáveis sociais: idade, sexo e nível de escolaridade, a par das variáveis geográficas local de residência (e naturalidade). A recolha destes dados permitiu o enquadramento sociocultural dos inquiridos, possibilitando estabelecer relações entre o perfil dos inquiridos e as respostas obtidas.

A segunda parte do questionário incidiu sobre o reconhecimento e compreensão de 12 regionalismos madeirenses. Para cada um dos vocábulos apresentados, foi solicitado aos inquiridos, inicialmente, a indicação do seu grau de conhecimento e, logo depois, a atribuição de um possível significado, independentemente do seu grau de familiaridade com o vocábulo. Este procedimento permitiu avaliar, por um lado, o nível de conhecimento lexical dos respondentes e, por outro lado, a sua capacidade de inferência semântica relativamente às palavras em análise.

Foram disponibilizadas quatro opções de resposta pré-definidas para cada regionalismo lexical e foi ainda facultada aos inquiridos a possibilidade de apresentarem as suas próprias propostas de significado, sempre que considerassem pertinente. Apesar do instrumento não ser isento de limitações metodológicas, considerou-se o questionário como a forma mais adequada, dada a sua facilidade de divulgação, baixo custo e capacidade de maior alcance, podendo chegar a mais participantes.

A seleção dos regionalismos baseou-se em três projetos prévios de natureza linguística e sociolinguística:

1. *Calheta e Funchal: Estudo dialetal e sociolinguístico de alguns regionalismos madeirenses (comparação da sua vitalidade nos dois concelhos* (Teixeira, 2015);
2. *Insularidades linguísticas, geográficas e socioculturais: variação semântica de algum léxico diferencial na ilha da Madeira* (Nunes, 2019);
3. *Perceções, crenças e atitudes dos madeirenses face a determinados regionalismos* (Gonçalves, 2024)

De cada um destes estudos lexicais foram selecionados quatro regionalismos, perfazendo um total de 12 vocábulos. O critério de seleção adotado baseou-se no nível de dificuldade dos mesmos, determinado com base nos resultados obtidos nas investigações anteriormente referidas: quanto maior a percentagem de respostas corretas, menor o grau de dificuldade atribuído a esse vocábulo. Para uma melhor sistematização e análise, elaborou-se a Tabela 1, onde se apresenta a listagem dos regionalismos e o respetivo enquadramento.

Tabela 1. Classificação do grau de dificuldade dos regionalismos selecionados.

Palavra	Grau de dificuldade			Autor	Grau de Conhecimento
	Fácil	Médio	Difícil		
Olho de boi	X			Teixeira, 2015	99%
Baboseira	X			Teixeira, 2015	98%
Tapa-sol		X		Teixeira, 2015	87%
Vimiada			X	Teixeira, 2015	55%
Embeijado		X		Nunes, 2019	“a maior parte dos exemplos de uso com o significado tradicional”
Matina	X			Nunes, 2019	“O desconhecimento desta (28%)”
Tratuário		X		Nunes, 2019	“conhecimento (64%)”
Cangueira			X	Nunes, 2019	“as 6 respostas obtidas apresentam respetivamente apenas 1 e 2 exemplos de uso com significados distintos do tradicional”
Trogalho	X			Gonçalves, 2024	88%
Biqueiro	X			Gonçalves, 2024	87%
Migar			X	Gonçalves, 2024	41%
Embulhar		X		Gonçalves, 2024	64%

O questionário foi elaborado na plataforma *Google Forms*, escolhida pela sua acessibilidade, pela possibilidade de criação de questionários mais extensos e pela facilidade de gestão e tratamento dos dados. A divulgação do questionário ocorreu de outubro a dezembro de 2024, através de redes sociais, como o Instagram, Messenger e WhatsApp, bem como através do contacto direto com escolas e instituições de carácter social, nomeadamente casas do povo, centros de dia e associações comunitárias. Este procedimento teve como objetivo alcançar uma amostra diversificada e representativa da população-alvo.

2.3. Amostra

Durante o período de recolha, foram obtidas um total de 519 respostas. Com o objetivo de garantir a relevância e a validade dos dados, procedeu-se à exclusão de questionários dos madeirenses que residem fora do arquipélago ou dos inquiridos que vivem na ilha, mas não são naturais dela. Foram também excluídos os questionários que se encontravam incompletos. Após esta filtragem, obteve-se um total de 258 questionários válidos, que constituem a base de análise para o presente estudo.

a. Variável *localidade*

Segundo o Instituto de Administração da Região Autónoma da Madeira (IARAM, 2022), a Região conta com um total de 250 744 habitantes distribuídos pelos onze concelhos que a constituem. O Funchal é o concelho mais populoso, concentrando 105 782 habitantes, seguindo-se Santa Cruz, com 42 168 habitantes, e Câmara de Lobos, com 32 162 habitantes. Estes números refletem uma clara concentração populacional nos concelhos a sul da ilha, principalmente nos concelhos mais próximos da capital.

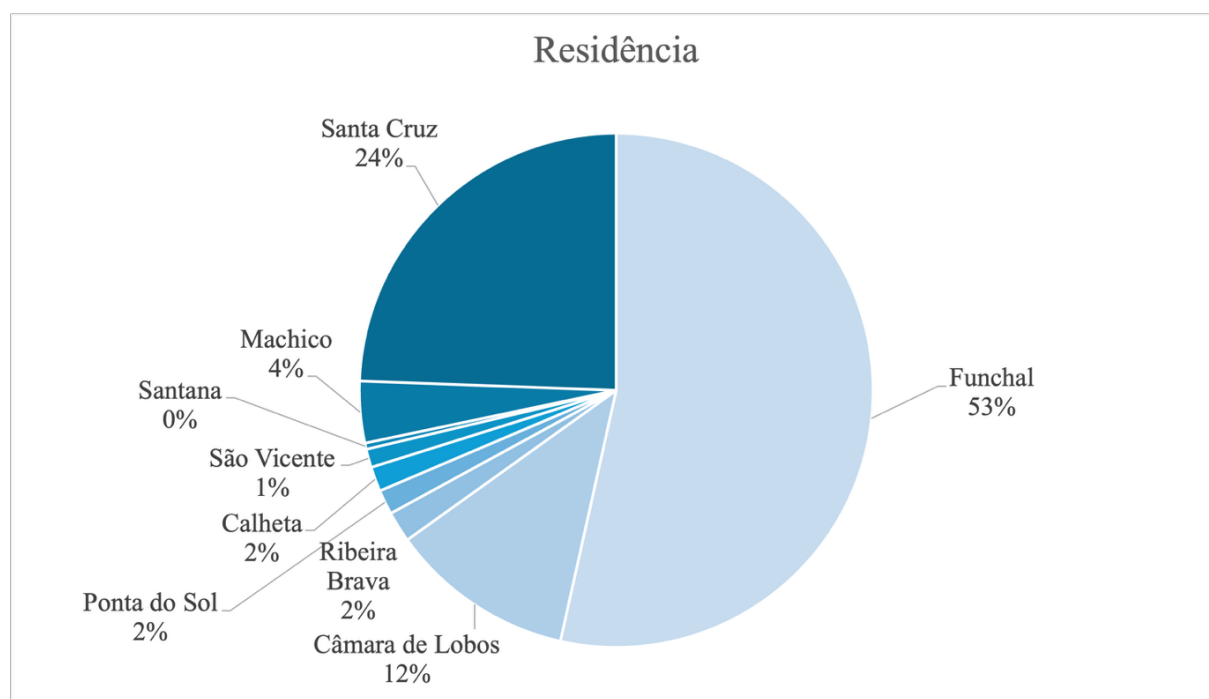


Gráfico 1 - Local de residência da amostra selecionada.

No presente estudo, esta tendência demográfica é igualmente observável. Tal como se pode constatar nos Gráficos 1 e 2, a maioria dos inquiridos (53%) reside no concelho do Funchal, correspondendo a 138 participantes. Os restantes 47% encontram-se distribuídos

pelos restantes concelhos da ilha, revelando uma representação proporcional da população madeirense.

Entre os concelhos fora da capital, destacam-se Santa Cruz, com 63 inquiridos (24%), e Câmara de Lobos, com 30 inquiridos (12%), sendo estes os concelhos que, logo depois do Funchal, obtiveram o maior número de respostas. O Gráfico 1 ilustra de forma clara esta distribuição, evidenciando o peso demográfico do Funchal e a relevância dos concelhos limítrofes na composição da amostra.

Nos concelhos mais afastados dos centros urbanos, classificados com o traço [+rural], observa-se uma diminuição do número de participantes, o que reflete também a dispersão populacional nas zonas rurais. Por este motivo, registaram-se 10 inquiridos em Machico (4%), 5 na Ribeira Brava (2%), 4 na Ponta do Sol (2%), 3 em São Vicente (1%) e 1 em Santana (0%). Estes resultados confirmam que a densidade populacional diminui significativamente à medida que se avança para o norte e o oeste da ilha, onde predominam áreas menos urbanizadas.

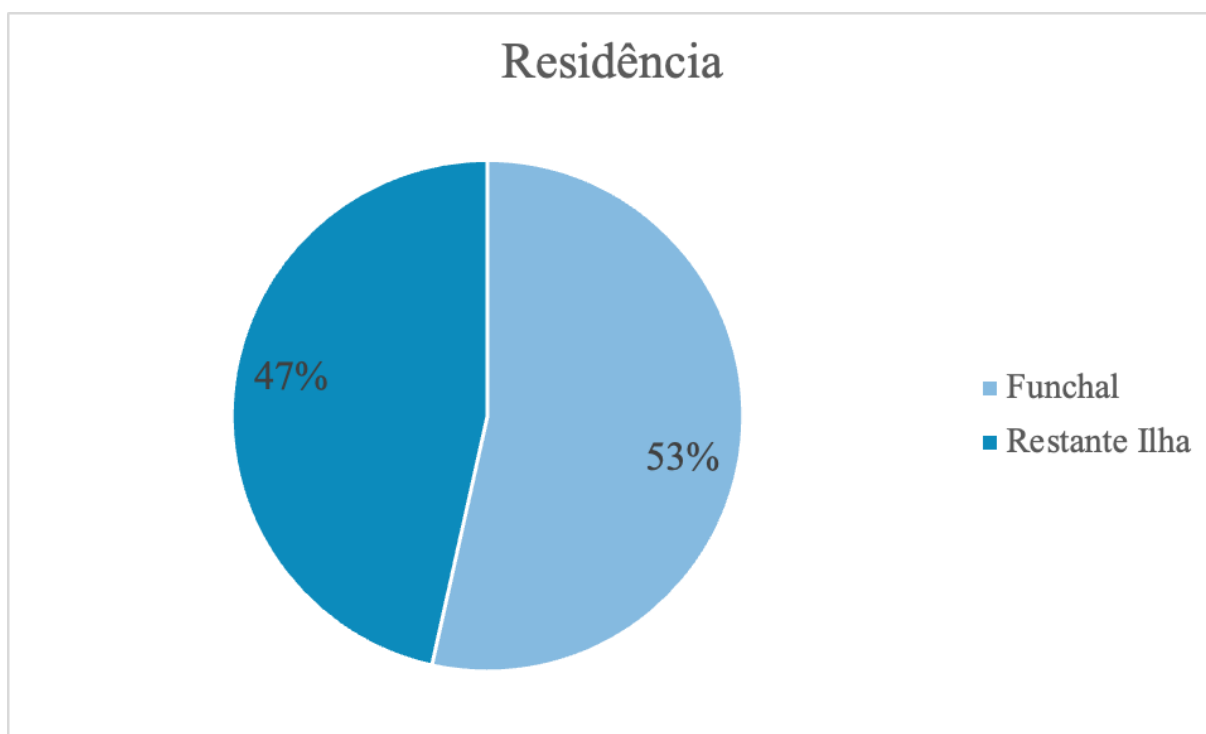


Gráfico 2 - Local de residência da amostra selecionada, comparando o Funchal com os restantes concelhos.

Para efeitos de análise e de forma a obter dados mais equilibrados, optou-se também por agrupar os inquiridos em dois grupos: os residentes no concelho do Funchal e os residentes nos outros concelhos da ilha. Embora o concelho do Funchal não agregue exatamente metade da população madeirense, é o mais densamente populado, com 1 387,7 hab/km², contrastando

com, por exemplo, os concelhos a norte, que possuem densidades populacionais inferiores (IARAM, 2022).

Esta distribuição geográfica dos inquiridos confirma a representatividade do questionário em relação à realidade populacional da ilha, destacando-se o papel principal do Funchal como centro urbano e polo demográfico.

b. Variável *escolaridade*

De acordo com os dados do IARAM (2022), a distribuição da população madeirense por níveis de escolaridade revela que 14,6% da população não possui nenhum nível de escolaridade concluído, 50,3% tinha escolaridade até ao ensino básico, 20,7% o ensino secundário e 14,4% o ensino superior. Estes dados evidenciam uma tendência regional marcada por baixos níveis de escolaridade e de literacia, ainda que, na última década, se tenha verificado um número crescente de indivíduos com estudos superiores.

No caso desta investigação, esta tendência não se reflete integralmente. Como o questionário foi aplicado e divulgado exclusivamente através das plataformas digitais, verificou-se uma baixa adesão de participantes com níveis de escolaridade mais baixos, tendo o ensino básico até ao nono ano sido a referência do nível mínimo.

A análise da amostra, presente no Gráfico 3, demonstra a predominância de inquiridos com o ensino superior, representando 69% dos respondentes. Depois destes, seguem-se os inquiridos com o ensino secundário (23%) e, por fim, os inquiridos com o ensino básico (8%).

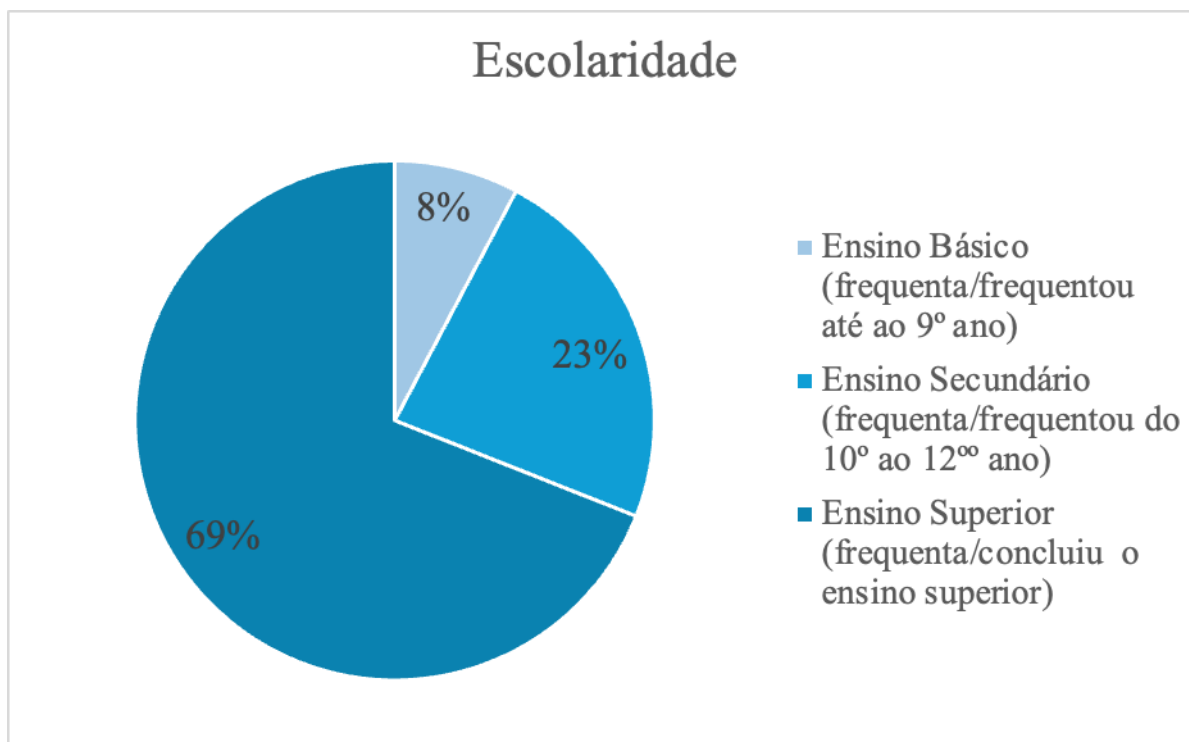


Gráfico 3 - Nível de escolaridade da amostra selecionada.

Esta distribuição contrasta de forma evidente com os resultados dos Censos 2021 (IARAM, 2022), nos quais a proporção de indivíduos com ensino superior é muito inferior. Tal diferença pode ser explicada pelo perfil dos inquiridos, uma vez que tendem a ter mais acessos e competências no uso de ferramentas digitais, quando possuem um nível de qualificações superior, mostrando-se mais recetivos à participação em questionários *online*.

c. Variável *idade*

Em 2021, a população da Madeira tinha, em média, 44 anos, segundo o IARAM (2022).

O Gráfico 4 apresenta uma distribuição relativamente equilibrada entre três grupos etários principais: inquiridos com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos (28%), entre os 36 e os 55 anos (28%) e com idade superior a 56 anos (36%). Verifica-se ainda a presença de um grupo minoritário, com idade inferior a 18 anos, que representa apenas 7% da amostra. Esta diversidade etária sugere uma amostra abrangente, com contributos significativos de diferentes fases do ciclo de vida adulta, embora com reduzida participação de menores. Estes não foram considerados na análise aprofundada do conhecimento dos regionalismos.

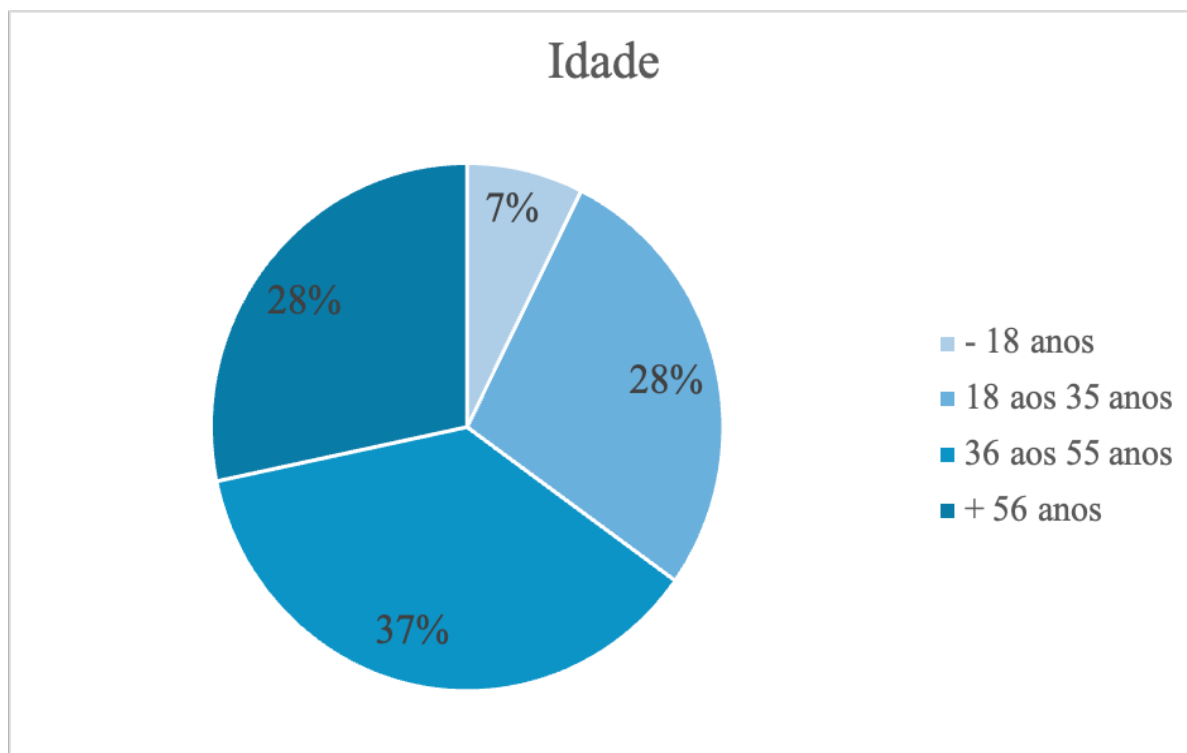


Gráfico 4 - Idade dos inquiridos da amostra selecionada.

Com o Gráfico 5, houve uma consolidação da informação, ao agrupar-se os participantes em dois blocos etários: os mais jovens, com idades até aos 35 anos, que constituem 35% da amostra, e os mais velhos, com idades superiores a 36 anos, que representam 65% da amostra. Este contraste destaca uma predominância clara de participantes com idade superior a 36 anos, refletindo, possivelmente, um maior interesse, disponibilidade ou relação destes participantes com o tema investigado.

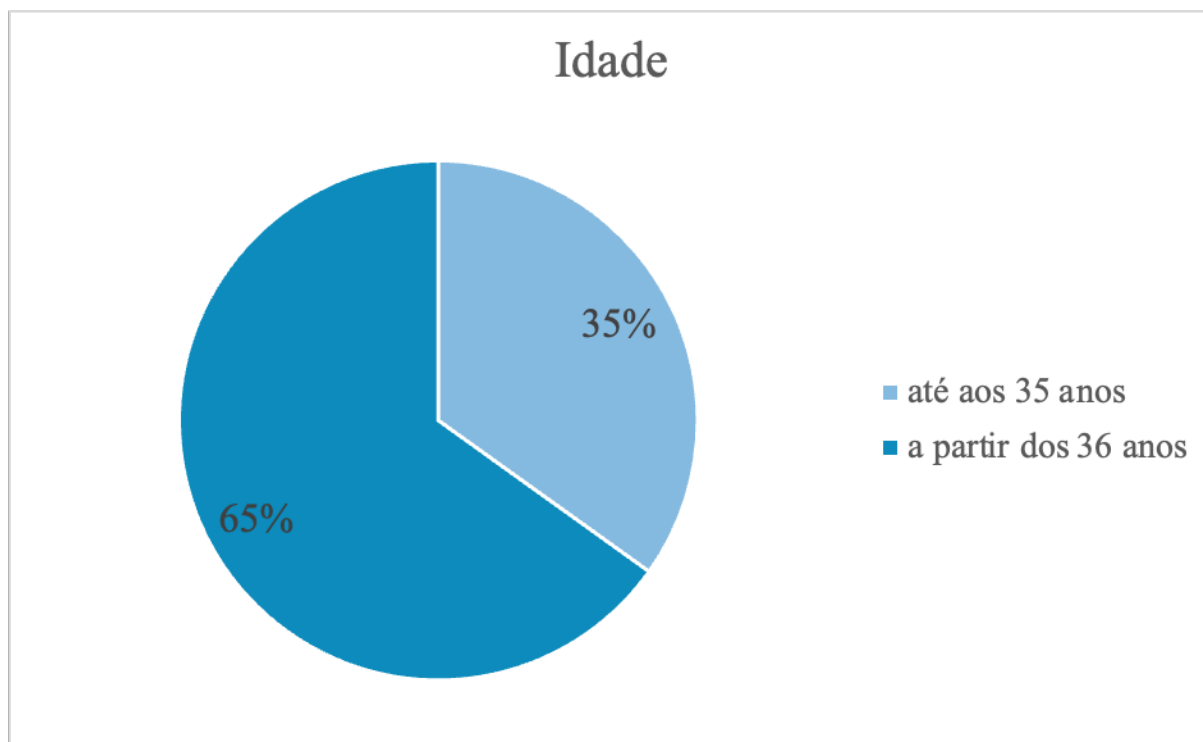


Gráfico 5 - Idade dos inquiridos da amostra selecionada, comparando os mais novos com os mais velhos.

Os dados etários indicam uma amostra diversificada, mas com predominância de adultos a partir dos 36 anos (65%), face a 35% de informantes até aos 35 anos. As diferenças etárias são importantes porque podem influenciar o conhecimento ou desconhecimento dos regionalismos lexicais testados no inquérito.

d. Variável sexo

Segundo dados do IARAM (2023), a população residente na ilha da Madeira aumentou de 250 744 habitantes, em 2022, para 253 259 habitantes. Deste total, 110 062 são homens e 134 197 mulheres.

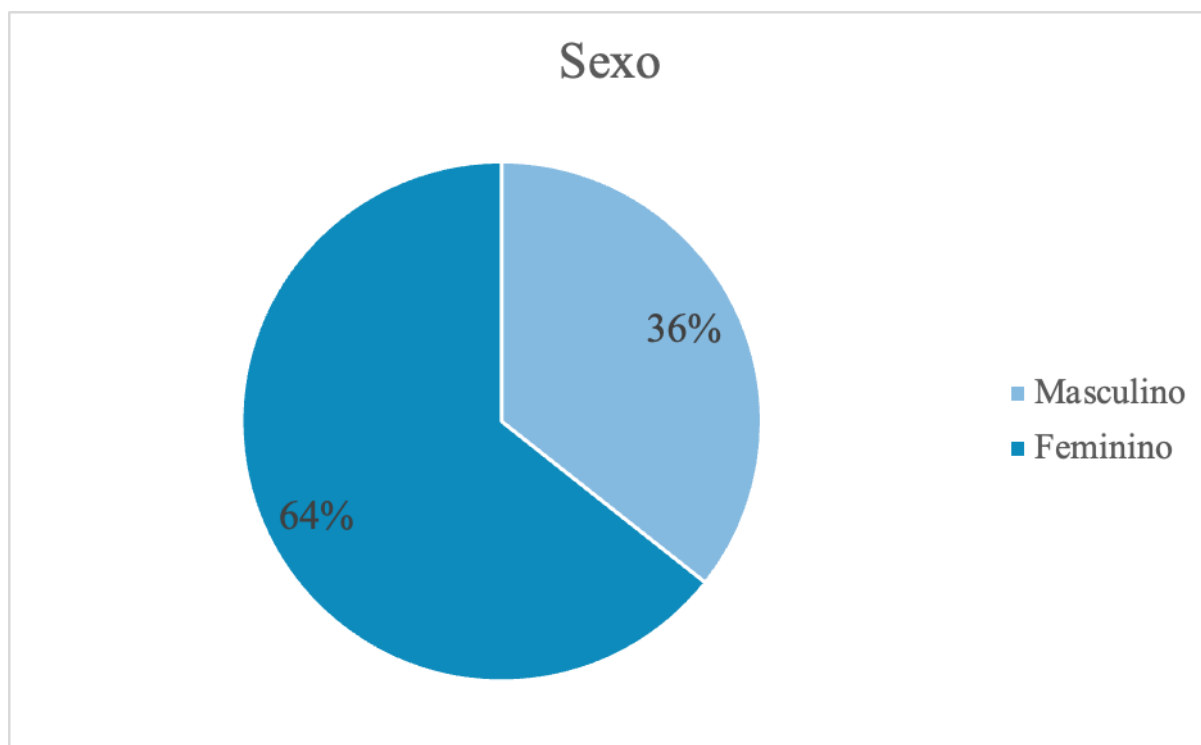


Gráfico 6 - Sexo dos inquiridos da amostra selecionada.

Conforme ilustrado no Gráfico 6, a maioria dos inquiridos é do sexo feminino, correspondendo a 64% da amostra, um número muito superior se comparado com os indivíduos do sexo masculino (36%). Esta distribuição revela uma predominância de participação feminina no estudo, em concordância com a estrutura populacional da região, em que as mulheres também constituem a maioria da população residente.

Capítulo III. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresenta-se a análise e discussão dos resultados obtidos neste estudo. Inicialmente, analisam-se os dados gerais, através de gráficos nomeadamente do conhecimento ou desconhecimento dos 12 vocábulos pelos participantes e dos vocábulos organizados por ordem decrescente dos mais conhecidos para os menos conhecidos. Depois, faz-se uma análise tendo em conta os graus de dificuldade associados aos vocábulos, sendo que esta análise foi feita para seis dos vocábulos e dividida em duas partes: na primeira, analisam-se os vocábulos *olho de boi*, *tratuário* e *migar*, tendo os resultados gerais correspondido ao grau de dificuldade inicialmente definido e com dados relativamente similares; na segunda, analisam-se os vocábulos *cangueira*, *trogalho* e *embulhar*, tendo os resultados gerais não correspondido ao grau de dificuldade inicialmente definido ou mesmo mantendo o nível de dificuldade, obtiveram dados mais dispersos.

2.4. Resultados gerais

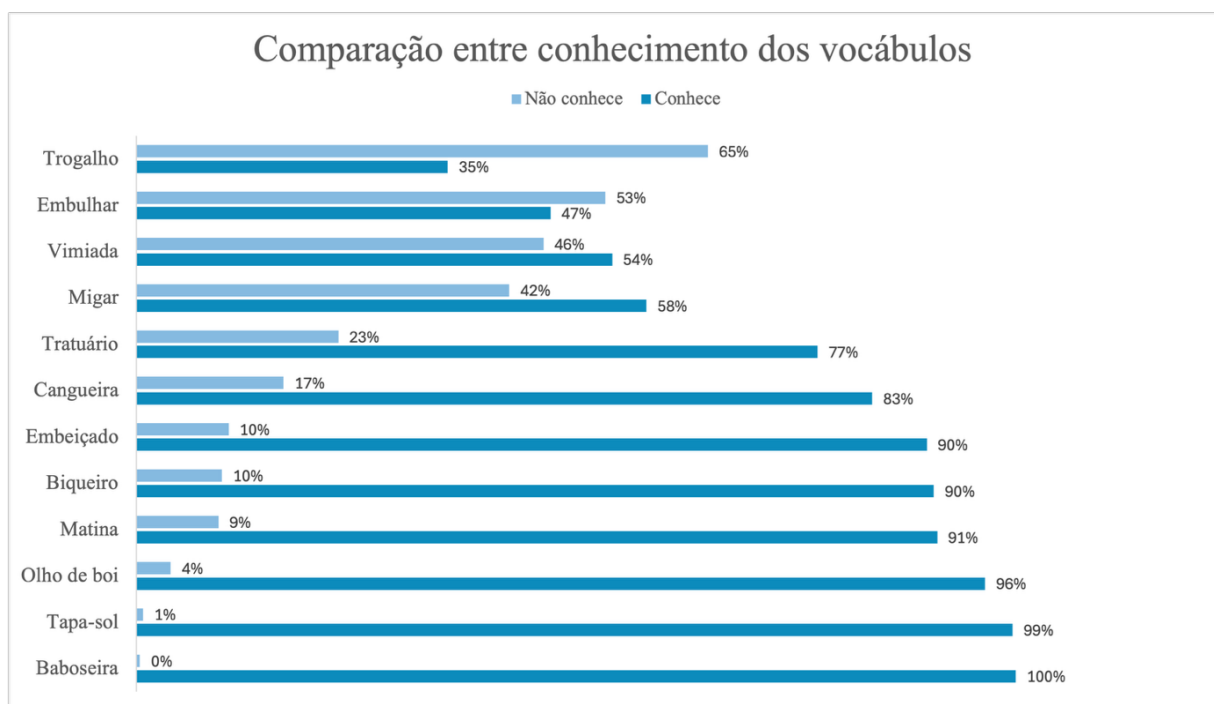


Gráfico 7 - Conhecimento e desconhecimento dos 12 vocábulos pelos participantes.

O Gráfico 7 ilustra a proporção de inquiridos que conhecem e que não conhecem os vocábulos apresentados no questionário, o que permite observar os contrastes entre os diferentes níveis de familiaridade lexical. O gráfico horizontal permite uma comparação mais direta entre o grau de conhecimento ou desconhecimento de cada vocábulo.

Inicialmente, é possível identificar um predomínio do conhecimento dos vocábulos, com percentual superior a 70% na maior parte dos casos. O vocábulo *baboseira* destaca-se novamente pelo seu alto nível de conhecimento, a rondar os 100%, o que indica uma ampla difusão e integração no léxico do dia-a-dia. De seguida, *tapa-sol* (99%) e *olho de boi* (96%) mantêm também altos níveis de conhecimento, com um percentual de desconhecimento relativamente baixo, a rondar os 1% e 4%.

Logo depois, seguem-se os vocábulos *matina*, com aproximadamente 91% de conhecimento; *biqueiro* e *embeijado*, ambos com aproximadamente 90%, também são amplamente conhecidos, embora com pequenas parcelas de inquiridos declarando que não conhecem a palavra, entre os 9% e os 10%. Estes dados representam uma forte consolidação dos regionalismos na população madeirense.

Os vocábulos *cangueira* (83%) e *tratuário* (77%) apresentam níveis intermediários de conhecimento, sendo que os inquiridos que não os conhecem são, respetivamente, 17% e 23% do total de inquiridos. É provável que ainda circulem em determinados contextos socioculturais, já não sendo tão usados como os anteriormente referidos.

Nos restantes vocábulos, observa-se uma mudança significativa no seu padrão de conhecimento. *Migar* (58%), *vimhada* (54%), *embulhar* (47%) e *trogalho* (35%) apresentam menor nível de conhecimento e, conseqüentemente, alto nível de desconhecimento, respetivamente 42%, 46%, 53% e 65%. Esta diferença acentuada sugere que estes vocábulos já não integram o vocabulário ativo da maioria dos inquiridos, podendo ser classificados como vocabulário em desuso.

De forma geral, o Gráfico 7 evidencia uma linha descendente entre os extremos do conhecimento, que vai desde a familiaridade do vocábulo *baboseira* ao quase esquecimento de *trogalho*. Tendo por base esta análise, é possível dividir os vocábulos em 3 grupos de conhecimento:

1. Vocábulos de uso corrente: são amplamente conhecidos, tais como *baboseira*, *tapa-sol* e *olho de boi*;
2. Vocábulos de uso moderado: são menos usados, mas ainda conhecidos por grande parte dos inquiridos, tais como *matina*, *biqueiro*, *embeijado*, *cangueira* e *tratuário*;

3. Vocábulos em desuso: são os menos conhecidos, tais como *migar*, *vimrada*, *embulhar* e *trogalho*.

Esta análise sugere que o conhecimento dos vocábulos apresentados não é uniforme entre os inquiridos, refletindo diferentes níveis de uso e de exposição no quotidiano. O gráfico seguinte fornece uma representação clara da vitalidade linguística desigual entre os vocábulos apresentados.

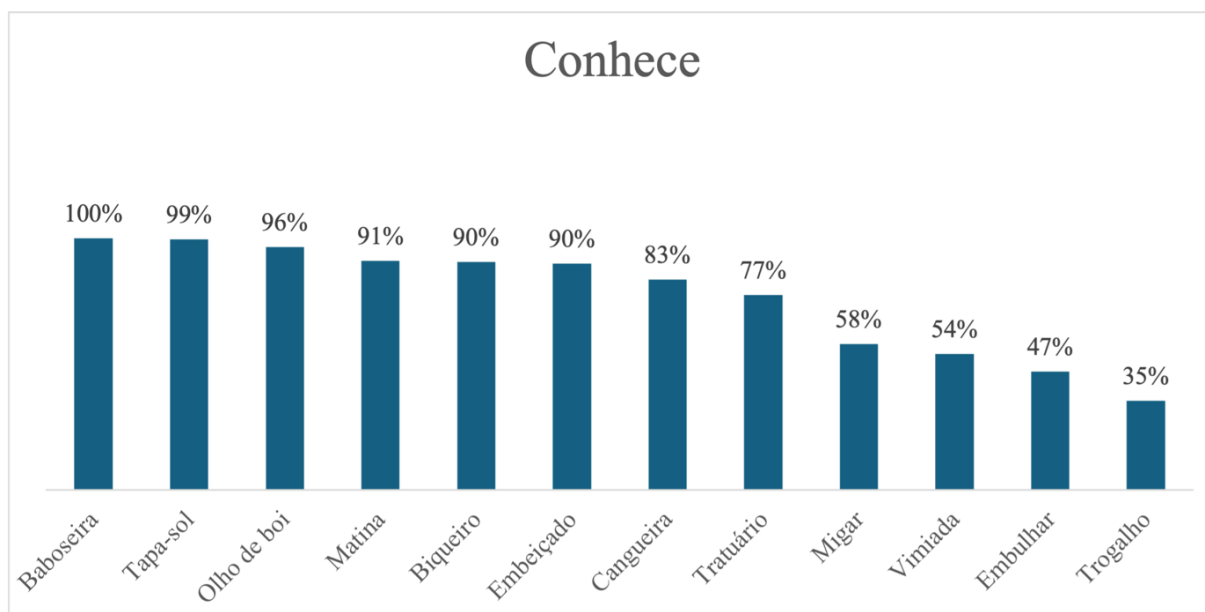


Gráfico 8 - Vocábulos organizados por ordem decrescente dos mais conhecidos aos menos conhecidos.

O Gráfico 8 ilustra os níveis de conhecimento dos diferentes vocábulos que foram apresentados aos inquiridos, expressando a percentagem de respondentes que afirmaram conhecer cada um dos regionalismos. Esta representação gráfica é particularmente relevante no âmbito da sociolinguística, pois evidencia o grau de familiaridade da população da ilha da Madeira para com os vocábulos estudados.

Os dados obtidos, através do questionário elaborado e divulgado, mostram uma hierarquia no seu reconhecimento, encontrando-se já devidamente ordenados dos mais conhecidos aos menos conhecidos. No topo da lista, encontram-se os vocábulos: *baboseira*, com aproximadamente 100% de conhecimento; *tapa-sol*, com aproximadamente 99% de conhecimento; e *olho de boi*, com aproximadamente 96%, demonstrando quase uma unanimidade dos resultados, ou seja, praticamente todos os inquiridos afirmaram conhecê-los. Logo depois, surgem *matina*, com aproximadamente 91%; e *biqueiro* e *embeijado*, ambos com aproximadamente 90%, apresentando também altos níveis de conhecimento. Estes resultados indicam que tais vocábulos são muito conhecidos por parte dos inquiridos, fazendo parte

provavelmente do vocabulário da maior parte dos falantes. A elevada taxa de conhecimento sugere uma provável presença dessas palavras no uso quotidiano da língua, seja na oralidade informal, em expressões idiomáticas ou, até mesmo, em contextos socioculturais específicos.

Por outro lado, os vocábulos com menor nível de conhecimento são: *migar*, com aproximadamente 58% de conhecimento; *vimhada*, com aproximadamente 54%; *embulhar*, com aproximadamente 47%; e *trogalho*, com aproximadamente 35%. Estes dados sugerem que estas palavras são menos usadas pelos falantes inquiridos.

2.5. Resultados por “grau de dificuldade” associados aos vocábulos

Seguidamente, procede-se à análise de três vocábulos, representativos de cada grau de dificuldade previamente definidos – fácil, médio e difícil – estabelecendo uma relação entre o seu grau de conhecimento (ou desconhecimento) com determinados fatores sociolinguísticos, como a escolaridade, a idade e o sexo, mas também o concelho de residência dos participantes.

No subtópico 3.2.1., apresentam-se os resultados relativos aos vocábulos *olho de boi*, *tratuário* e *migar*, cuja percentagem de conhecimento se alinha com os graus de dificuldade inicialmente definidos na Tabela 1. Já no subtópico 3.2.2., a análise incide sobre os três vocábulos: *cangueira*, *trogalho* e *embulhar*, cujos resultados divergiram dos inicialmente esperados, com base na sua classificação na tabela anteriormente referida.

2.5.1. Os vocábulos *olho de boi*, *tratuário* e *migar*

Dos 12 regionalismos lexicais estudados, optou-se por analisar uma palavra por cada grau de dificuldade. Desta forma, foram escolhidos para a análise mais detalhada os seguintes vocábulos: *olho de boi* (grau de dificuldade fácil), *tratuário* (grau de dificuldade médio) e *migar* (grau de dificuldade difícil). A escolha destas palavras teve por base os resultados obtidos nos estudos selecionados como ponto de partida para este projeto de pesquisa.

2.5.1.1. Vocábulo *olho de boi*

O estudo de Teixeira (2015) concluiu que 99% dos seus inquiridos conheciam o vocábulo *olho de boi*. Por este motivo, esta palavra foi caracterizada como “fácil” (cf. Tabela 1).

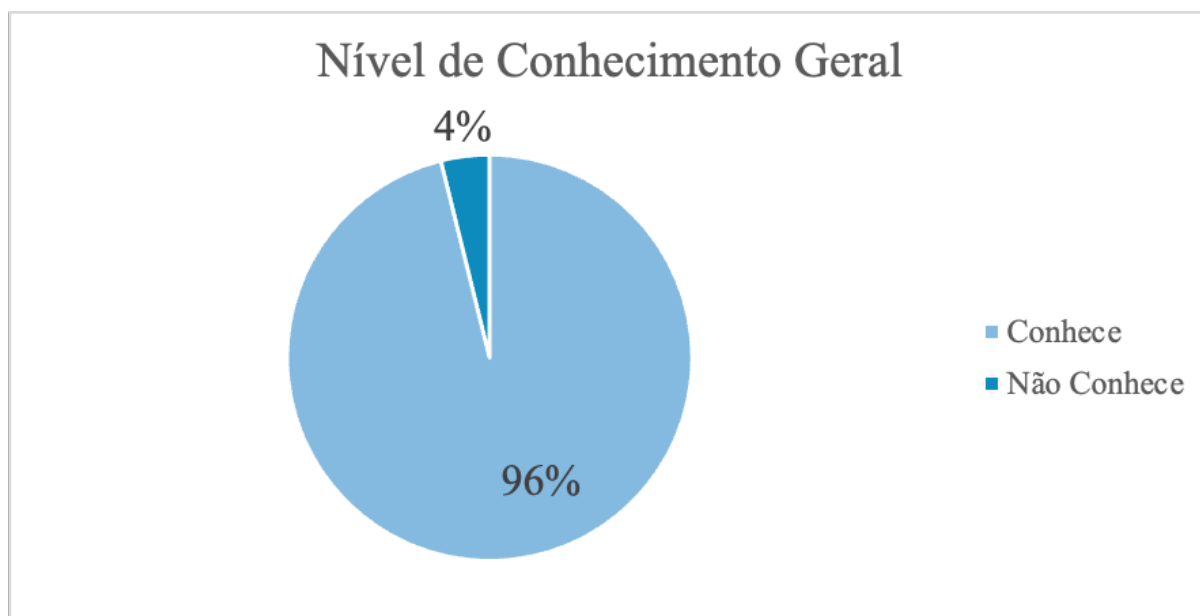


Gráfico 9 - Nível de conhecimento geral em relação ao vocábulo *olho de boi*.

Como se pode observar no Gráfico 9, esta palavra obteve, no nosso inquérito, um alto grau de conhecimento (96%), comparável ao resultado obtido no trabalho realizado por Teixeira (2015), existindo apenas uma diferença de 3% entre ambos.

a) Variável *idade*

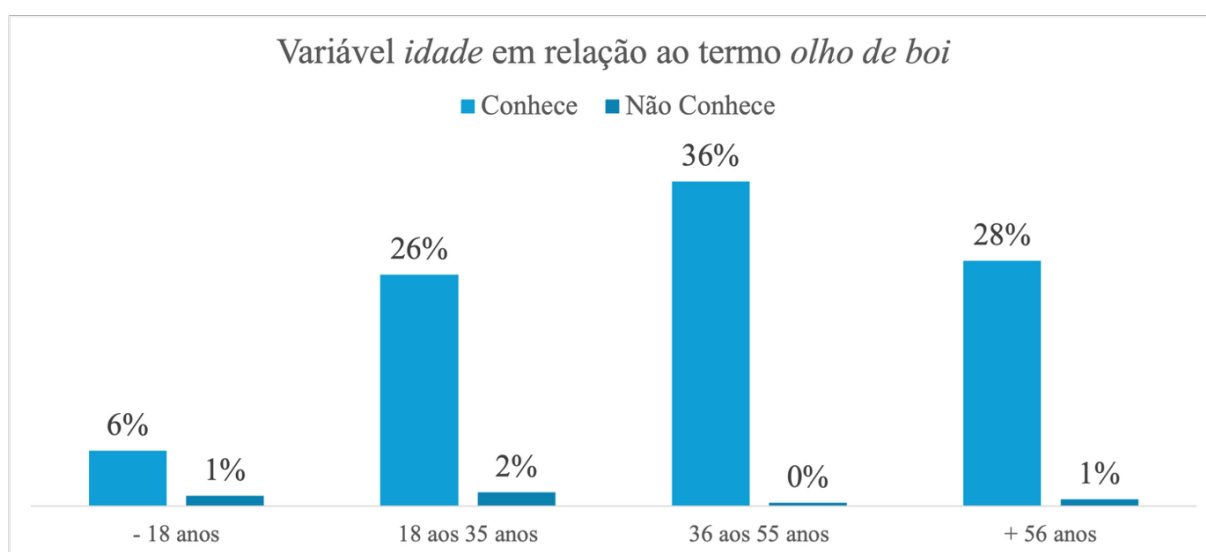


Gráfico 10 - Variável *idade* em relação ao vocábulo *olho de boi*.

Em termos de *idade*, e olhando atentamente para o Gráfico 10, pode-se constatar que os maiores conhecedores da palavra *olho de boi* são os que têm idades compreendidas entre os 36 e os 55 anos, correspondendo ao maior número de inquiridos (cf. Gráfico 4). Logo depois, surgem os informantes com idade superior a 56 anos.

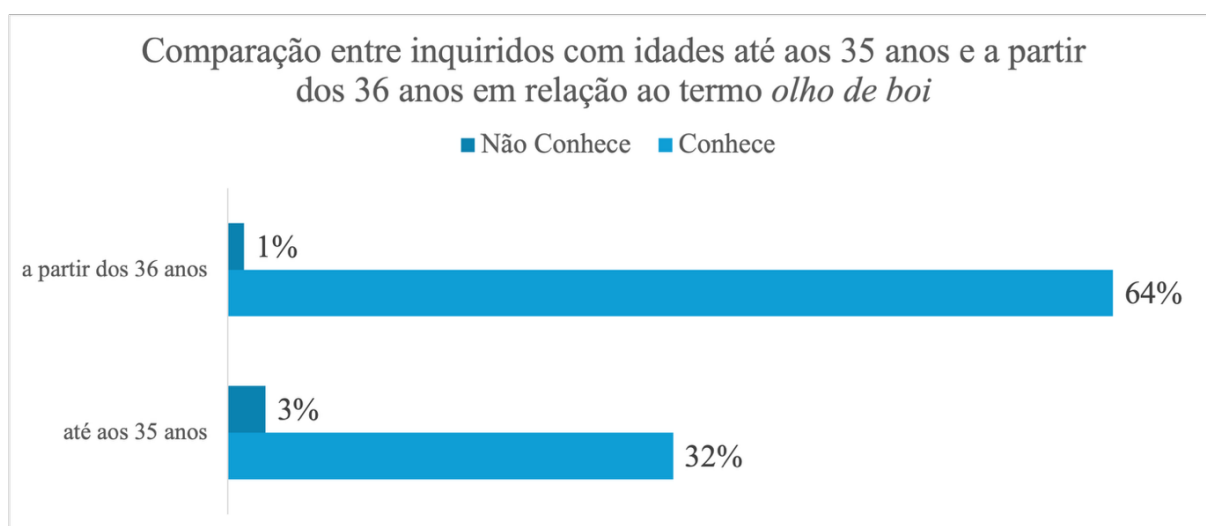


Gráfico 11 - Comparação entre inquiridos com idades até aos 35 anos e a partir dos 36 anos em relação ao vocábulo *olho de boi*.

Já o Gráfico 11 permite fazer uma comparação mais focada em dois grupos específicos. É possível constatar que tanto os inquiridos com idade até aos 35 anos como os que têm idade superior a 36 anos são conhecedores do vocábulo, sendo que estes últimos estão em prevalência quanto às respostas obtidas (64% face a 32%).

Os resultados patentes nos Gráficos 10 e 11 permitem observar que a idade dos falantes não parece ser um fator relevante no conhecimento do vocábulo *olho de boi*. Pois, os inquiridos de todos os grupos etários considerados manifestam conhecer quase categoricamente esta palavra, de forma ligeiramente mais acentuada, em faixas etárias superiores aos 35 anos.

b) Variável *escolaridade*

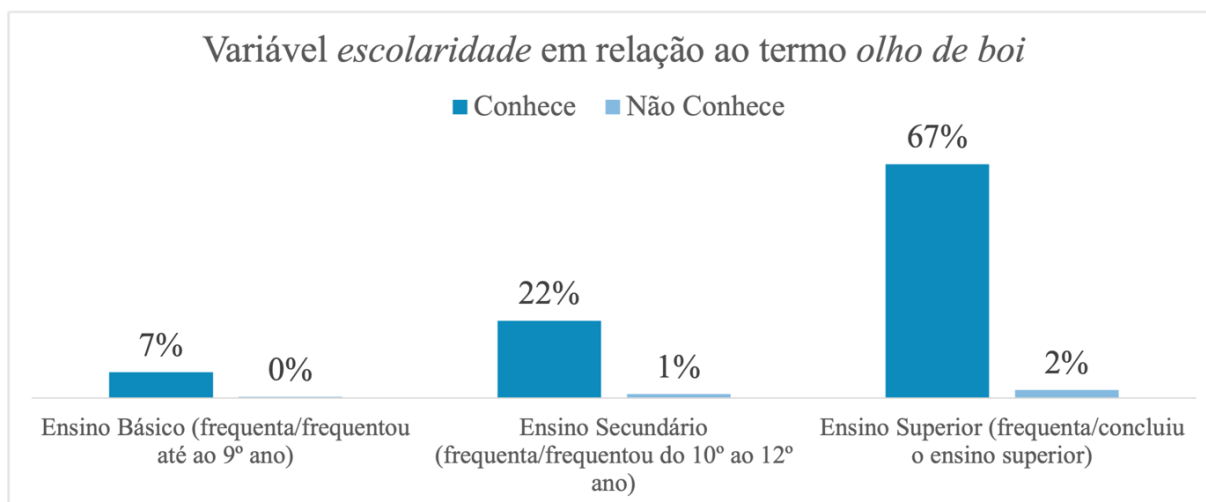


Gráfico 12 - Variável escolaridade em relação ao vocábulo *olho de boi*.

Tendo por base o nível de escolaridade, no Gráfico 12, pode-se constatar que os inquiridos com ensino superior, ou seja, com maior nível de escolaridade, são os mais conhecedores do nome *olho de boi*. Pois, 67% conhecem o termo, em comparação com os que têm o ensino básico. Apenas 7% destes conheceram o vocábulo. Este facto pode ocorrer por terem sido as pessoas com ensino superior aquelas que mais responderam ao questionário.

Ao elaborar uma análise mais precisa, comparando os inquiridos com ensino superior e sem ensino superior, observa-se uma maior homogeneidade nos valores obtidos. Apesar de a percentagem de desconhecimento ser praticamente a mesma, a rondar os 2%, os inquiridos com ensino superior são os maiores conhecedores deste termo, a rondar os 67%, em comparação com os 29% dos inquiridos sem ensino superior.

Fazendo uma comparação entre os extremos, ou seja, entre os inquiridos com ensino superior e os inquiridos com o ensino básico, a diferença ainda é maior.

c) Variável *sexo*

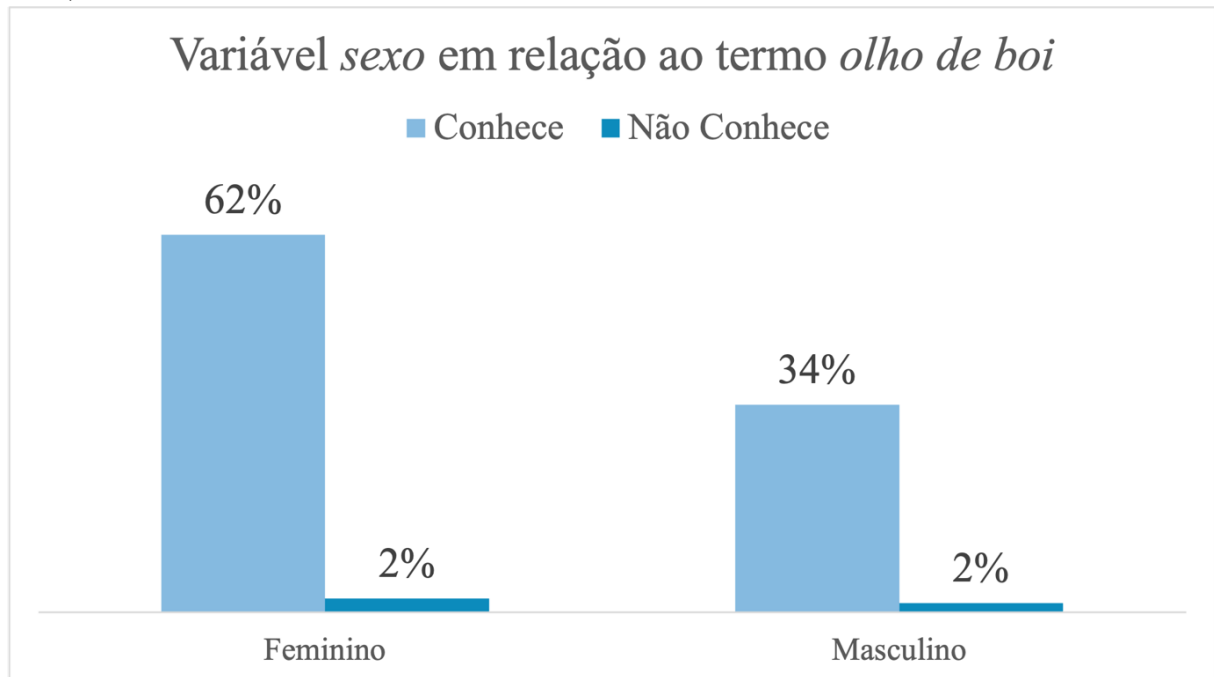


Gráfico 13 – Variável *sexo* dos inquiridos em relação ao vocábulo *olho de boi*.

Em relação ao fator sexo dos participantes, é possível constatar que a maior parte dos conhecedores do termo *olho de boi* são do sexo feminino (62%). A percentagem de inquiridos que não conhece o termo é de 2% e de ambos os sexos. Este fator, tal como o anterior não parece condicionar o conhecimento desta palavra.

d) Variável *localidade*

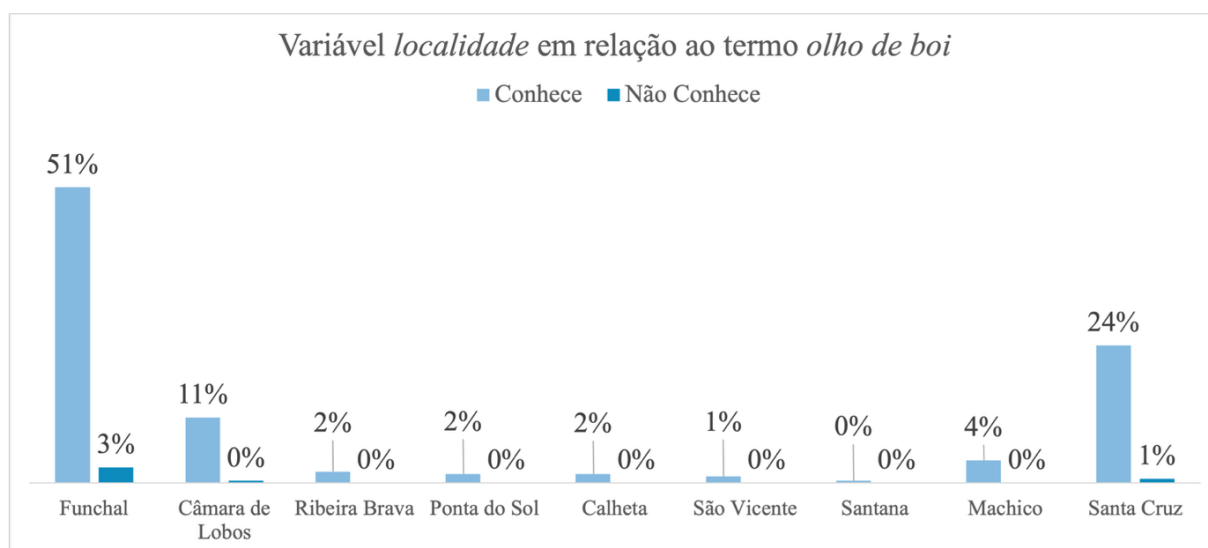


Gráfico 14 - Variável *localidade* em relação ao vocábulo *olho de boi*.

O Gráfico 14 mostra que a população que mais conhece o termo está localizada no concelho do Funchal (51% dos inquiridos), seguindo-se Santa Cruz, com 24%, e Câmara de Lobos, com 11%. Estes resultados parecem estar relacionados com o número de inquiridos por concelho. Pois, seria de esperar que os regionalismos lexicais fossem mais conhecidos pela população dos concelhos menos urbanizados [+rural], face ao Funchal que é a capital do arquipélago exposta a maior contacto linguístico com o exterior e mais inovadora. No entanto, Santa Cruz e Câmara de Lobos, enquanto concelhos limítrofes do Funchal, tal como este são cidades que acolhem populações de diferentes áreas rurais do arquipélago, o que pode explicar este traço conservador. Note-se também que, embora a maior parte dos respondentes ao questionário sejam residentes nestes concelhos, é inegável que são conhecedores do regionalismo lexical.

Tabela 2. Fator localidade e conhecimento do vocábulo olho de boi.

Fator <i>localidade</i> em relação ao termo <i>olho de boi</i>				
Localidades	Conhece		Não Conhece	
Funchal	131	51%	7	3%
Câmara de Lobos	29	11%	1	0%
Ribeira Brava	5	2%	0	0%
Ponta do Sol	4	2%	0	0%
Calheta	4	2%	0	0%
São Vicente	3	1%	0	0%
Santana	1	0%	0	0%
Machico	10	4%	0	0%
Santa Cruz	61	24%	2	1%
Total	248	96%	10	4% ²

Na Tabela 2, pode-se constatar que 100% dos inquiridos residentes nos concelhos da Ribeira Brava (5 inquiridos), Ponta do Sol (4 inquiridos), Calheta (4 inquiridos), São Vicente (3 inquiridos), Santana (1 inquirido) e Machico (10 inquiridos) conhecem o vocábulo.

Como não foi possível obter o mesmo número de informantes por concelhos, não é viável fazer a comparação dos resultados obtidos, nomeadamente com o Funchal. Pois, a maior percentagem de desconhecimento do termo (3%) neste concelho, face a 1% na restante ilha (correspondendo a Santa Cruz), dever-se-á ao maior número de respondentes (138). Contudo, somando os inquiridos de todos os outros concelhos, são 120 indivíduos, número que se aproxima do total do Funchal.

² Os dados percentuais, na Tabela 2, encontram-se arredondados, sem casas decimais. Importa destacar as percentagens dos conhecedores do concelho de Santana e dos não conhecedores do concelho de Câmara de Lobos, com 0,39%, arredondado às duas casas decimais.

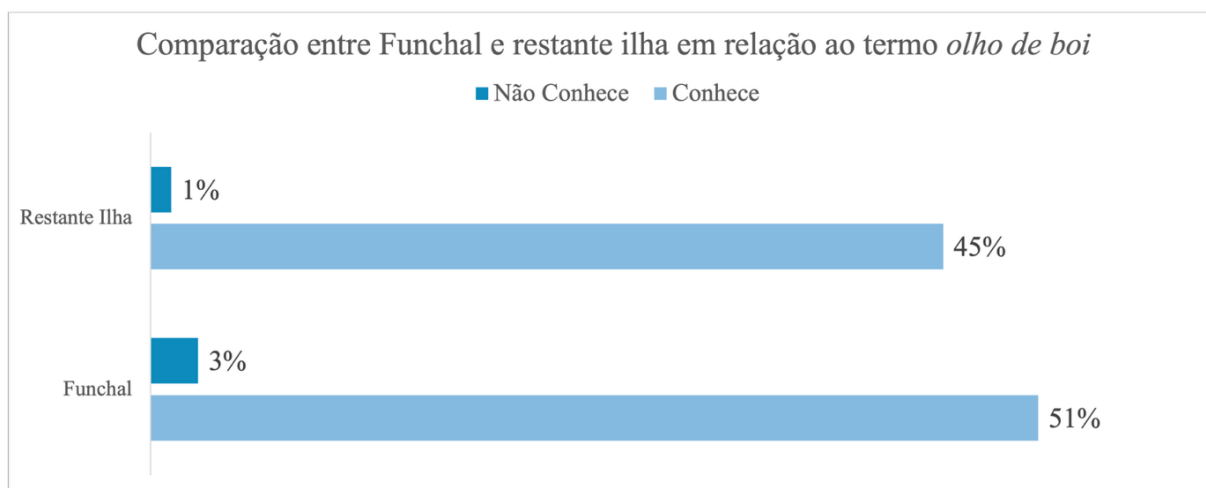


Gráfico 15 - Comparação entre o Funchal e a restante ilha em relação ao vocábulo *olho de boi*.

Como se pode observar no Gráfico 15, a comparação do resultado do concelho do Funchal, o mais urbano, com os restantes concelhos da ilha mostra que a percentagem de inquiridos residente no Funchal é a que mais conhece o vocábulo *olho de boi* (51%), como também é a que mais o desconhece (3%). Porém, como mencionado acima, a diferença no número de inquiridos, 138 do Funchal e 120 da restante ilha, pode explicar as diferenças percentuais respetivamente de 51% face a 45%.

Em síntese, como esperado, dada a alta percentagem de conhecimento do vocábulo (cf. Gráfico 9), observa-se, de um modo geral, uma ténue variação social neste conhecimento, com os fatores sociais – idade, escolaridade, sexo e localidade – a terem uma incidência pouco significativa.

2.5.1.2. Vocábulo *tratuário*

Em relação ao termo *tratuário*, foi analisado por Nunes (2019). No estudo, 64% dos inquiridos mostraram ter conhecimento da palavra. Por esse motivo, foi caracterizada como tendo um grau de dificuldade “médio” (cf. Tabela 1). Foi selecionada para esta análise por não estar associada a um grau de conhecimento tão alto como o do termo anterior (*olho de boi*), mas também por permitir a comparação dos resultados com os do estudo conduzido por Nunes (2019).

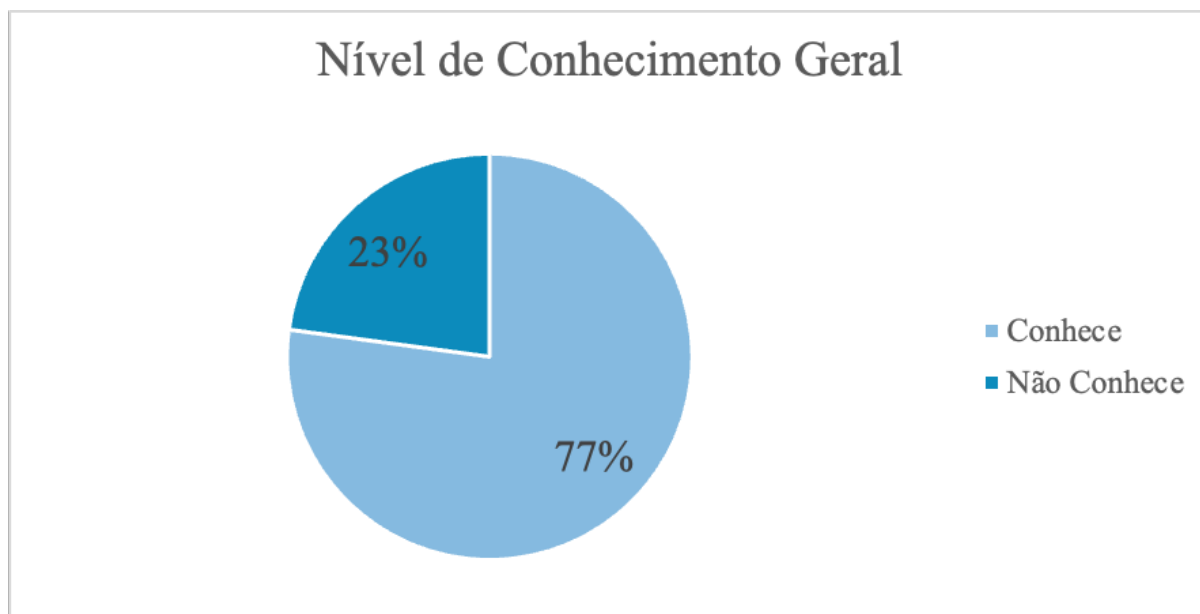


Gráfico 16 - Nível de conhecimento geral em relação ao vocábulo *tratuário*.

No Gráfico 16, é observável que os resultados obtidos revelam um ligeiro aumento de 13% em relação aos resultados obtidos por Nunes (2019). Esse aumento não é suficiente para caracterizar o vocábulo como sendo de grau “fácil”. Por isso, foi mantido na categoria anteriormente estabelecida, na fase de elaboração do questionário.

A análise por variáveis sociais, tal como a realizada para o vocábulo *olho de boi*, terá em conta os fatores *idade*, *escolaridade*, *sexo* e *localidade*.

a) Variável *idade*

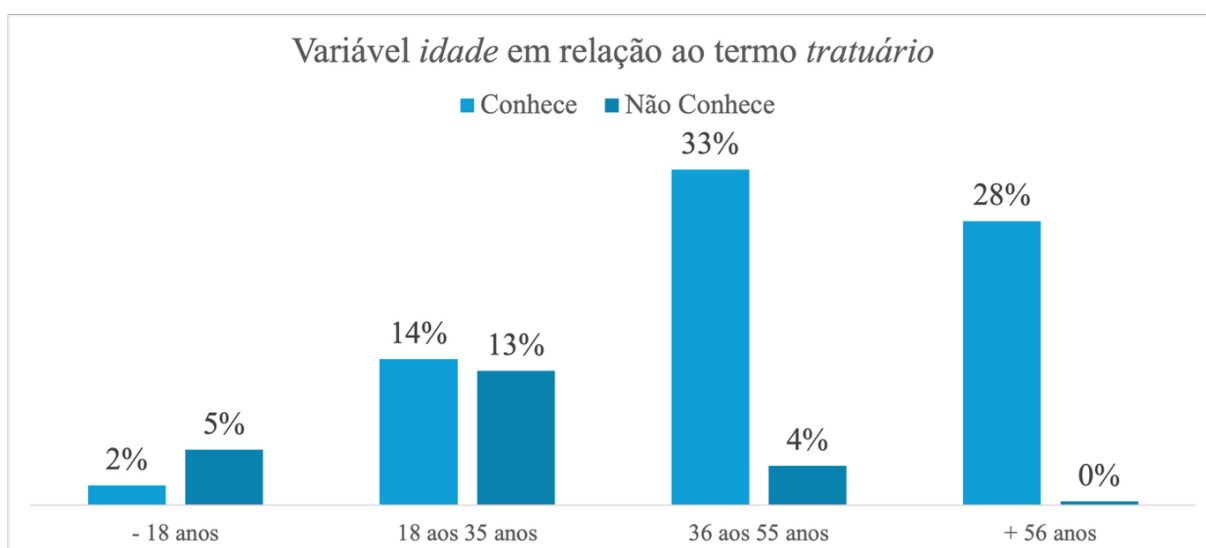


Gráfico 17 - Variável *idade* em relação ao vocábulo *tratuário*.

Em termos de idade, ao olhar atentamente para o Gráfico 17, pode-se constatar que os maiores conhecedores do termo *tratuário* são os que têm idades compreendidas entre os 36 e os 55 anos. Logo a seguir, vêm aqueles com idade superior a 56 anos.

Ao fazer uma comparação entre os extremos, ou seja, os mais novos (com idade até aos 18 anos) e os mais velhos (com idade a partir dos 56 anos), no Gráfico 17, a diferença entre os níveis de conhecimento é ainda maior. Os inquiridos com mais de 56 anos são mais conhecedores do vocábulo em relação aos inquiridos com menos de 18 anos, correspondendo a 28% da amostra. Já nos inquiridos com menos de 18 anos, são mais os que não conhecem o termo, correspondendo a 5% da amostra, do que aqueles que o conhecem, que são 2% da amostra. Por outro lado, é de mencionar ainda o facto de o conhecimento do vocábulo representar 100% no grupo dos inquiridos com mais de 56 anos, sendo por isso categórico neste grupo etário.

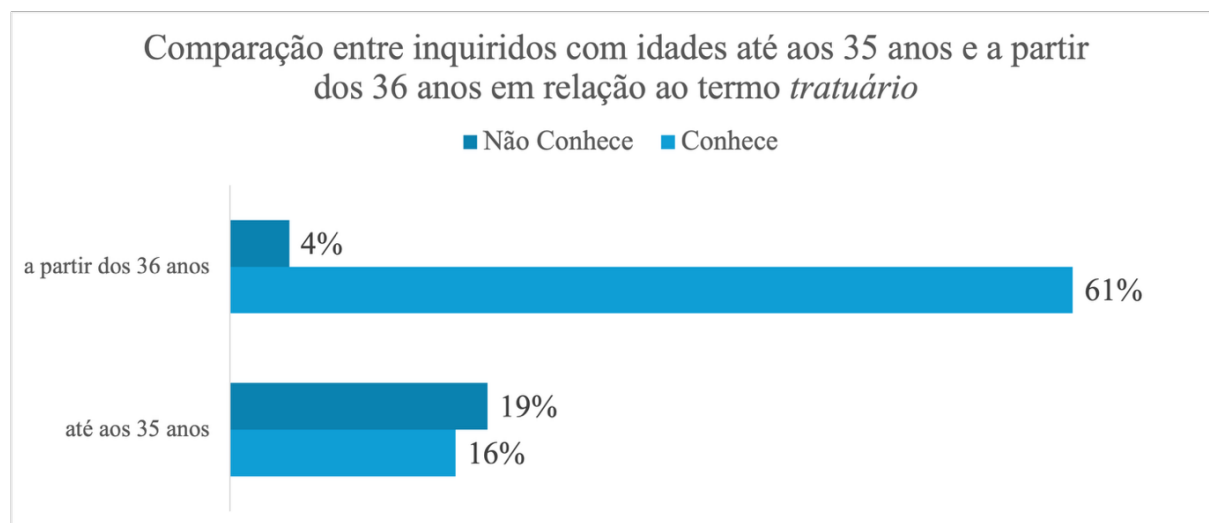


Gráfico 18 - Comparação entre os inquiridos com idades até aos 35 anos e a partir dos 36 anos em relação ao vocábulo *tratuário*.

O Gráfico 18 permite fazer uma comparação mais focada em dois grandes grupos: um que reúne os inquiridos mais conhecedores, ou seja, os participantes com idade superior a 36 anos; e o outro que corresponde aos inquiridos mais jovens, com idade até aos 35 anos. É possível constatar que os inquiridos com idade superior a 36 anos são os maiores conhecedores do vocábulo. Também é observável que, nas faixas etárias até aos 35 anos, se encontram os inquiridos com maior percentagem de desconhecimento do vocábulo (16%). Neste grupo, a percentagem dos conhecedores é ligeiramente superior (19%), pelo que se pode afirmar que, neste grupo, ocorre uma situação sociolinguística de maior variabilidade, em contraste com o grupo de inquiridos mais velhos, caracterizado por uma maior homogeneidade e menor variação interna em termos de conhecimento.

b) Variável *escolaridade*

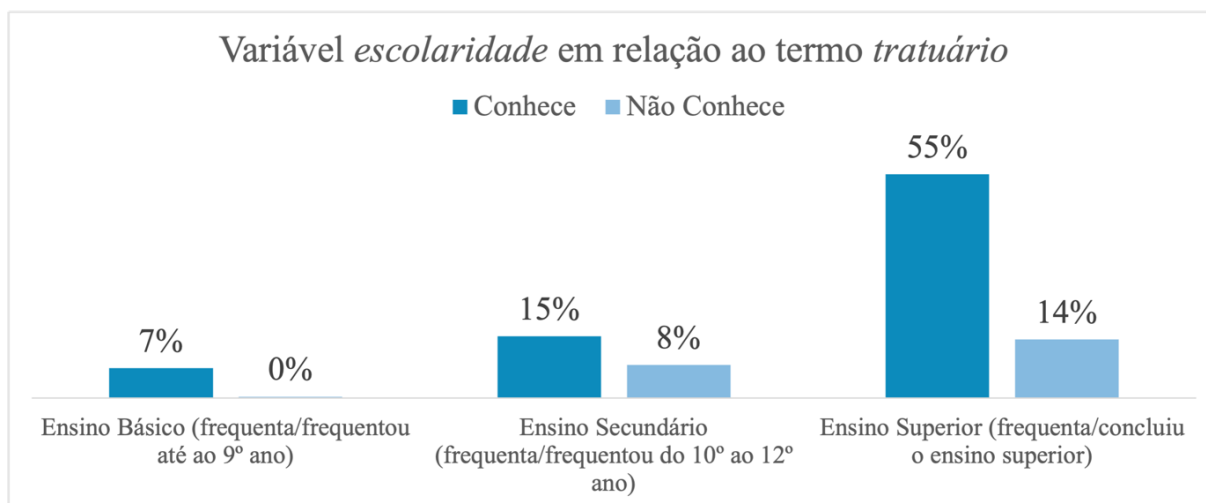


Gráfico 19 - Variável *escolaridade* em relação ao termo *tratuário*.

Tendo por base o fator *nível de escolaridade*, no Gráfico 19, constata-se que os inquiridos com ensino superior, ou seja, com um maior nível de escolaridade, são os mais conhecedores do termo *tratuário* (55%), tal como no caso do vocábulo *olho de boi*. No entanto, estes inquiridos são também aqueles que mais desconhecem o vocábulo (14%), em comparação com os que têm ensino básico (0%) e ensino secundário (8%). Estes resultados mostram também que, no grupo de falantes com menor escolaridade (apenas com o ensino básico), todos os inquiridos conhecem o termo. Trata-se, por isso, de um conhecimento categórico, o que não acontece, como anteriormente referido, no grupo com ensino superior. Por outro lado, é de assinalar que o grupo que apresenta maior variabilidade em termos sociolinguísticos é o que tem um nível médio de escolaridade, correspondendo ao ensino secundário. Pois, cerca de 50% dos inquiridos deste grupo não conhece o termo.

c) Variável *sexo*

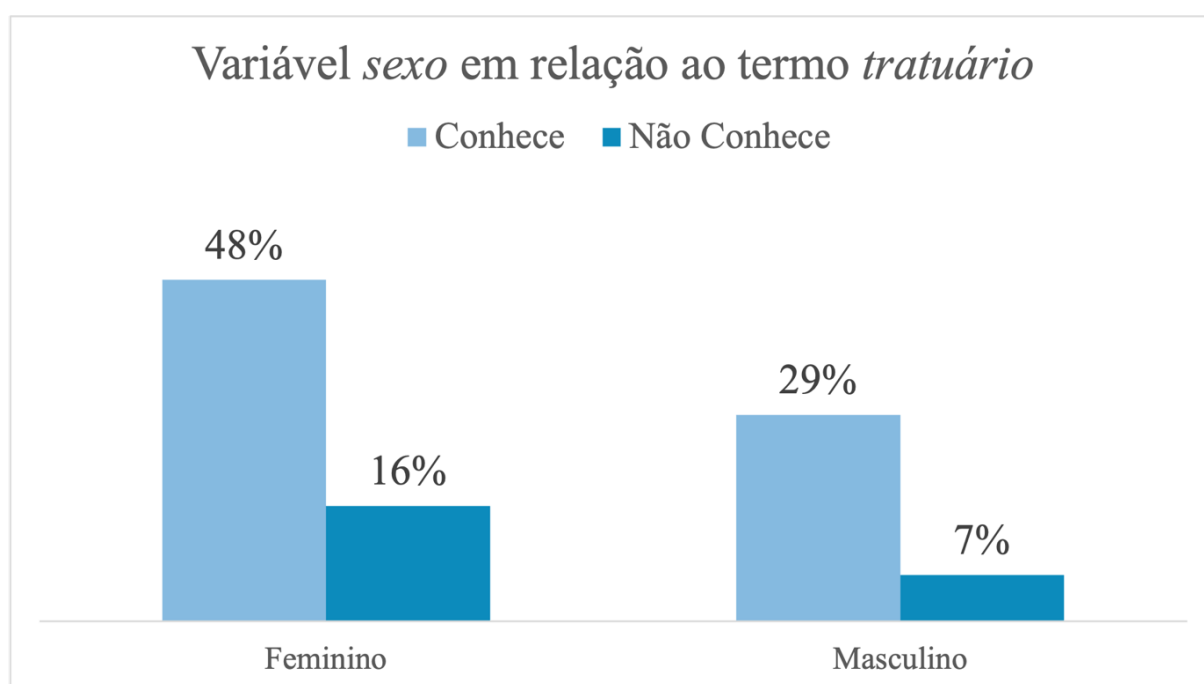


Gráfico 20 - Variável *sexo* em relação ao vocábulo *tratuário*.

Em relação à variável *sexo*, no Gráfico 20, é possível constatar que a maior parte dos conhecedores do termo é do sexo feminino (48%), contrastando com os 29% conhecedores do sexo masculino. Também são as inquiridas do sexo feminino as que menos conhecem o vocábulo (16%), contrastando com os 7% de desconhecedores do sexo masculino.

d) Variável *localidade*

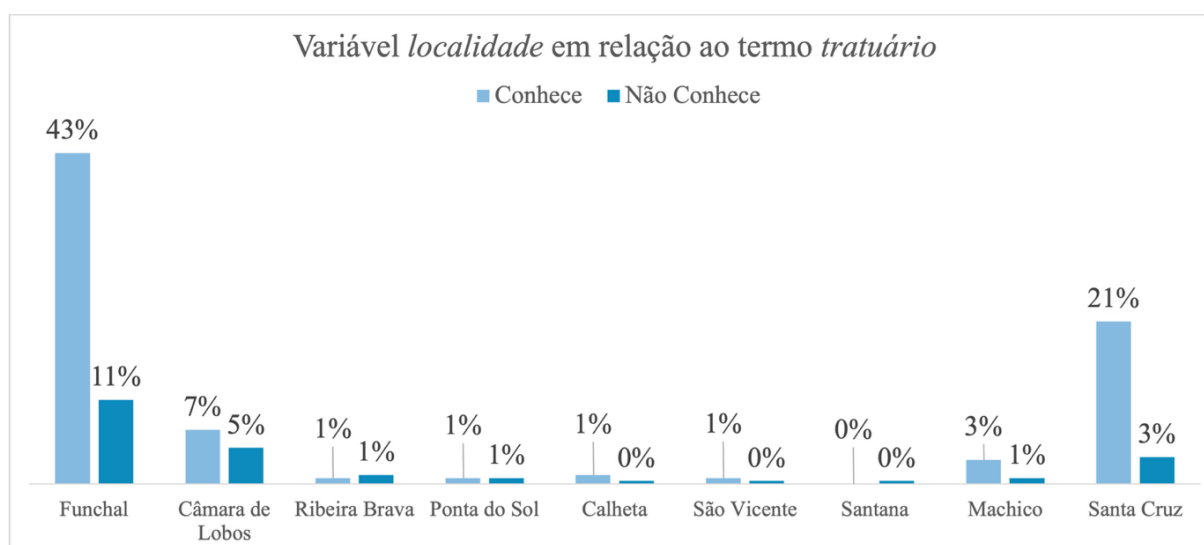


Gráfico 21 - Variável *localidade* em relação ao vocábulo *tratuário*.

O Gráfico 21 mostra que a população que mais conhece o termo está localizada no concelho do Funchal, correspondendo a 43% dos inquiridos. Seguem-se as localidades de Santa Cruz, com 21%, e de Câmara de Lobos, com 7%.

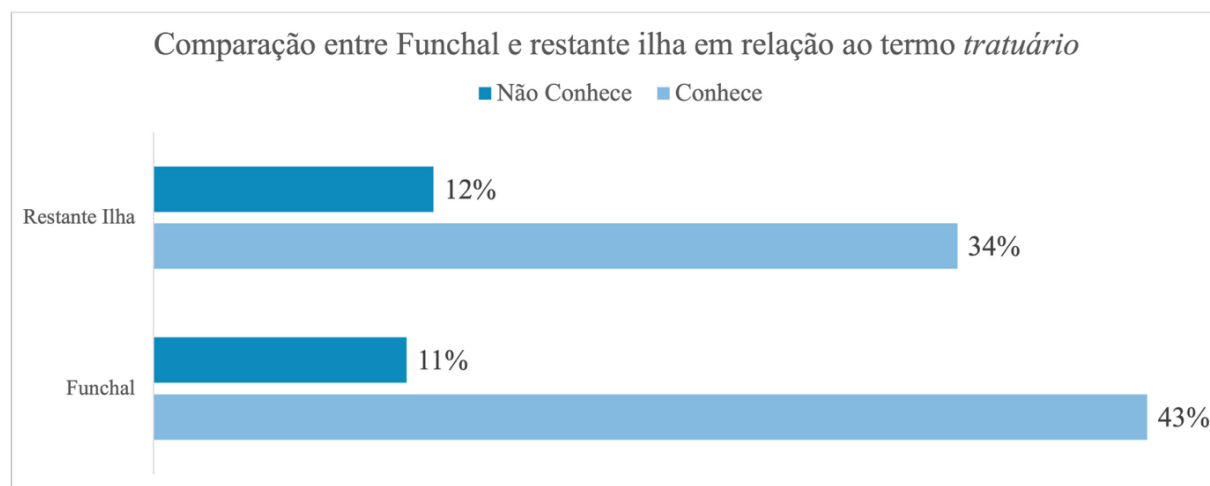


Gráfico 22 - Comparação entre o Funchal e a restante ilha em relação ao vocábulo *tratuário*.

Ao comparar os resultados do concelho do Funchal, o mais urbano, com os restantes concelhos da ilha, menos urbanos (conforme caracterização apresentada na secção 2.2), observa-se uma tendência para um maior conhecimento deste termo no concelho do Funchal (43%), face aos restantes concelhos (34%). Por outro lado, apesar de nos dois grupos a percentagem de desconhecimento ser muito próxima, 12% e 11%, o valor é mais significativo no grupo que reúne os inquiridos residentes fora do concelho do Funchal, uma vez que a percentagem de desconhecedores representa quase 50%.

2.5.1.3. Vocábulo *migar*

Por último, a palavra *migar* foi caracterizada com grau “difícil” (cf. Tabela 1), por ser a que, tendo sido estudada anteriormente por Gonçalves (2024), apresentou um menor grau de conhecimento. Foi seleccionada para análise, não só por estar associada a um menor grau de conhecimento pelos inquiridos, mas também por ser passível de comparação com os resultados obtidos em Gonçalves (2024).

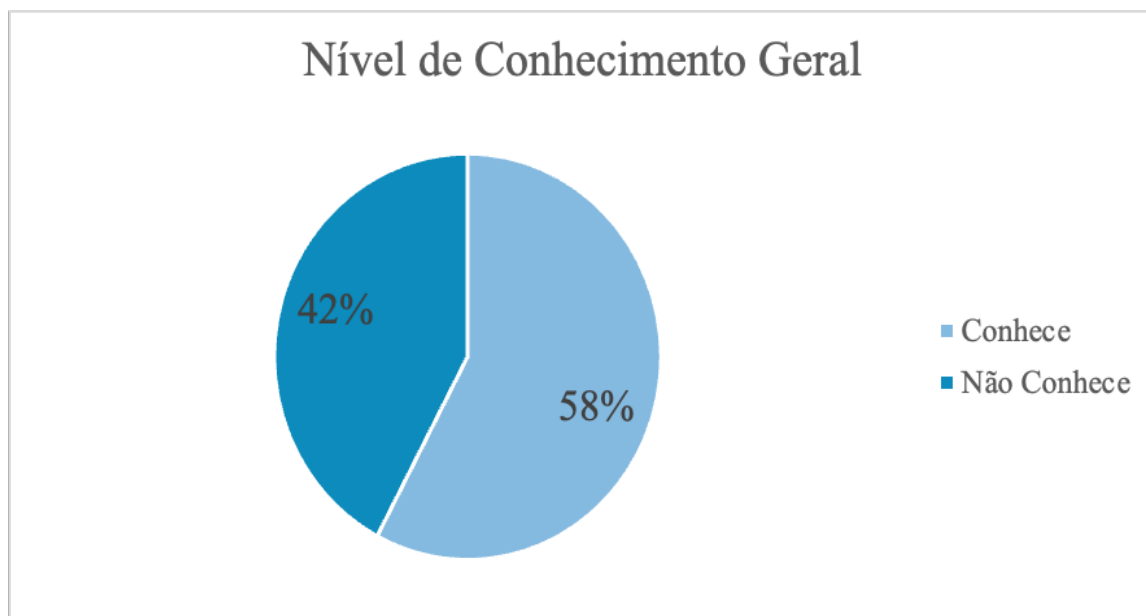


Gráfico 23 - Nível de conhecimento geral em relação ao vocábulo *migar*.

No Gráfico 23, é observável que os resultados por nós obtidos (58%) revelam um ligeiro aumento de 17%, em relação aos de Gonçalves (2024). No entanto, esse aumento não parece ser suficiente para passar a caracterizar o vocábulo como sendo de grau “médio”, pelo que se mantém na mesma categoria estabelecida previamente na Tabela 1. Em termos de resultados globais, constata-se uma situação marcada por grande variação (quase 50/50), menos homogênea em termos de conhecimento do que as apresentadas nos vocábulos *olho-de-boi* e *tratuário*.

a) Variável idade

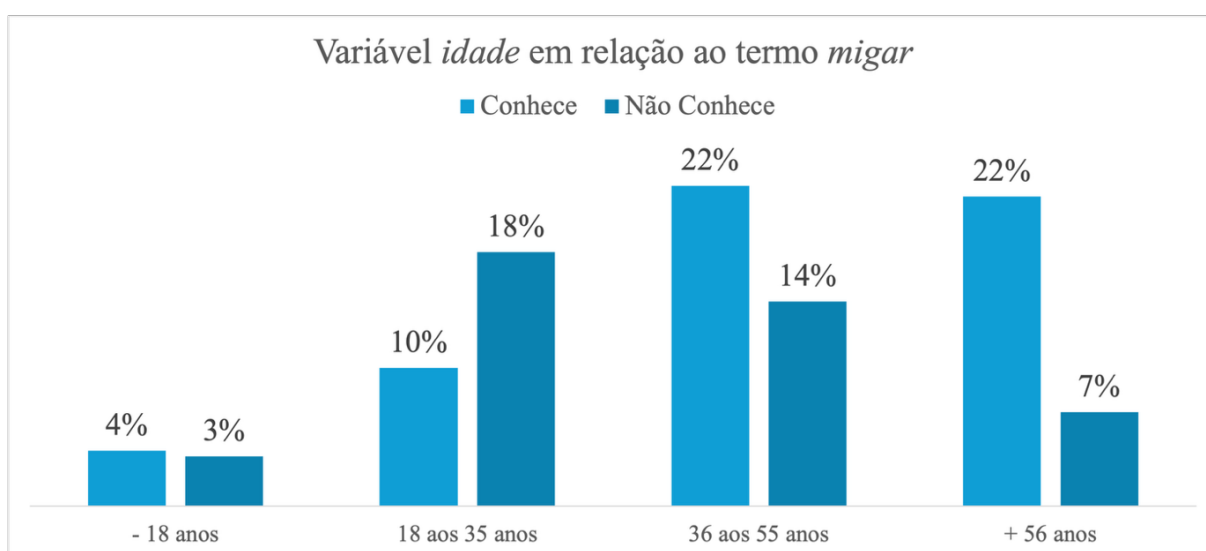


Gráfico 24 - Variável idade em relação ao vocábulo *migar*.

Em termos de idade, olhando atentamente para o Gráfico 24, pode-se constatar que os maiores conhecedores do termo *migar* são os participantes com idades superiores a 36 anos, nas faixas etárias entre os 36 e os 55 anos e com idade superior a 56 anos. Nestas faixas etárias, observa-se uma grande variabilidade relativa aos que conhecem e não conhecem o vocábulo, havendo uma menor homogeneidade nos resultados, quando comparados com os dos dois vocábulos anteriormente analisados.

Em relação aos inquiridos que menos conhecem o vocábulo, verifica-se que se encontram na faixa etária entre os 18 e os 35 anos. Nesta, a percentagem dos que desconhecem (18%) o vocábulo é superior aos que o conhecem (10%). Mais de metade dos inquiridos com idade compreendida entre os 36 e os 55 anos desconhecem o vocábulo (14%), o que representa mais de 50% dos participantes deste grupo.

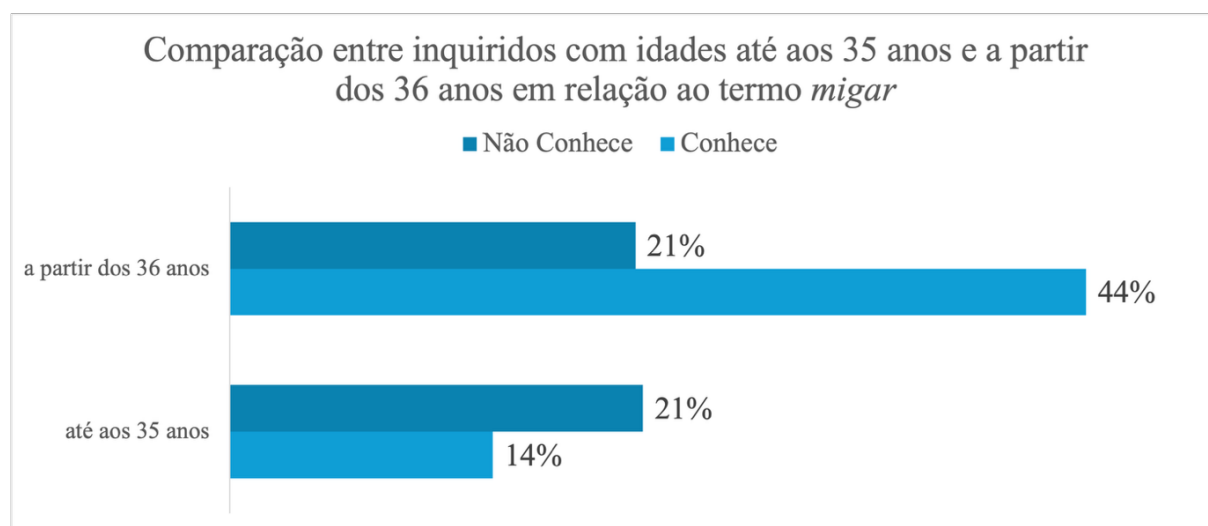


Gráfico 25 - Comparação entre os inquiridos com idades até aos 35 anos e a partir dos 36 anos em relação ao vocábulo *migar*.

Na comparação das respostas obtidas nos dois grupos apresentados no Gráfico 25, mostra-se que os inquiridos com mais de 36 anos são mais conhecedores do vocábulo, correspondendo a 44% da amostra, face a 14% nos inquiridos com idade inferior a 35 anos. Ambos os grupos etários apresentam a mesma percentagem de desconhecimento (21%), o que reforça a ideia de que as pessoas com mais idade são as mais conhecedoras da palavra.

b) Variável escolaridade

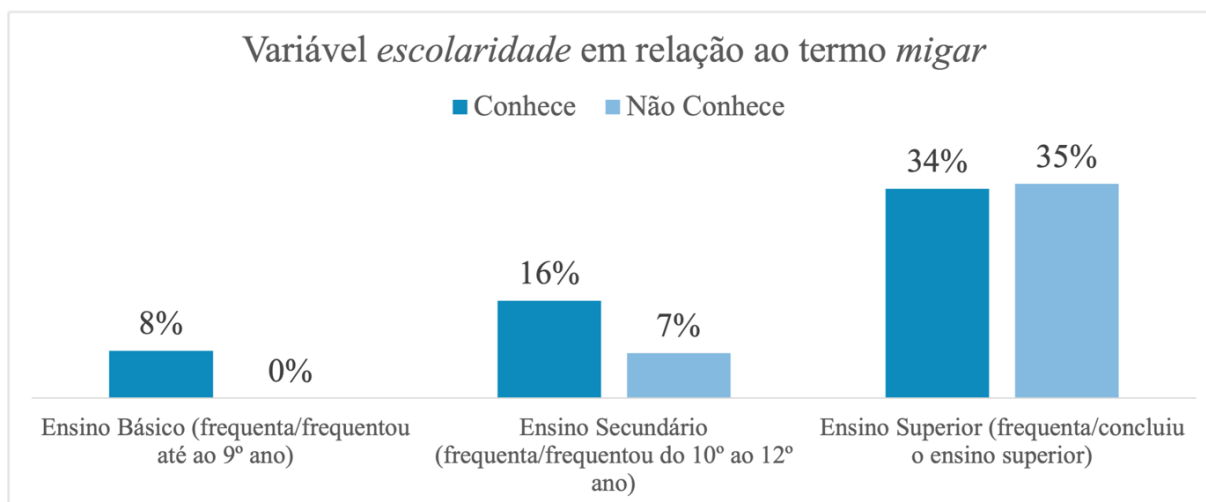


Gráfico 26 - Variável escolaridade em relação ao vocábulo *migar*.

Tendo em conta o nível de escolaridade, no Gráfico 26, constata-se que os inquiridos com ensino superior, ou seja, aqueles com um maior nível de escolaridade, são os mais conhecedores do termo *migar* (34%). Este grupo etário de inquiridos é também o que mais desconhece o vocábulo (35%, face a 34% que o conhece), em comparação com os que têm o ensino básico (0%) e secundário (7%). Por outro lado, é de mencionar que todos os inquiridos com nível de escolaridade mais baixo conhecem o vocábulo, não se registando qualquer resposta negativa (não conhece o vocábulo) neste grupo. Porém, importa destacar que corresponde apenas a 8% da totalidade da amostra.

Ao contrário do constatado nos resultados dos vocábulos anteriores, são mais os informantes que não conhecem a palavra *migar* do que aqueles que a conhecem, com exceção do grupo de participantes com nível de escolaridade básica e com o ensino secundário, em que são mais os que conhecem (16%) do que os que não conhecem (7%).

c) Variável *sexo*

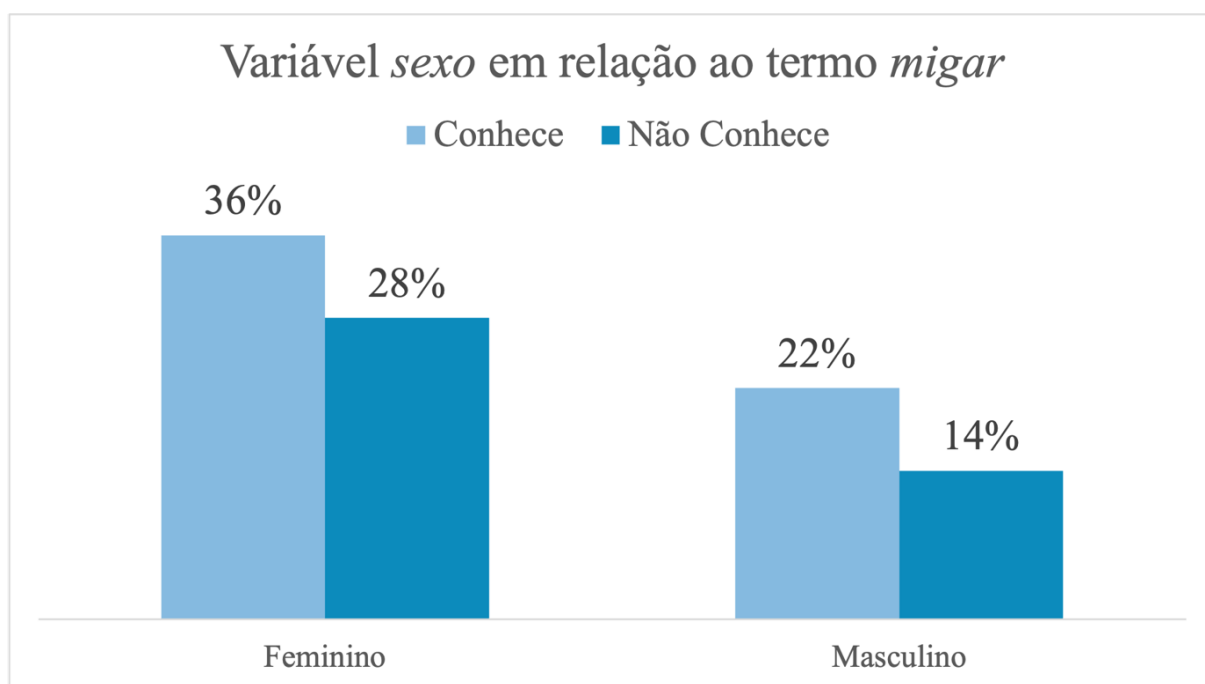


Gráfico 27 - Variável *sexo* em relação ao vocábulo *migar*.

Em relação à variável *sexo*, no Gráfico 27, é possível constatar que a maior parte dos conhecedores do termo são do sexo feminino (36%), contrastando com os 22% do sexo masculino. Também são as inquiridas do sexo feminino as que menos conhecem o vocábulo, com 28%, contrastando com os 14% do sexo masculino. Mais uma vez, esta aparente discrepância deve-se ao facto de a amostra ter mais respondentes mulheres do que homens.

d) Variável *localidade*

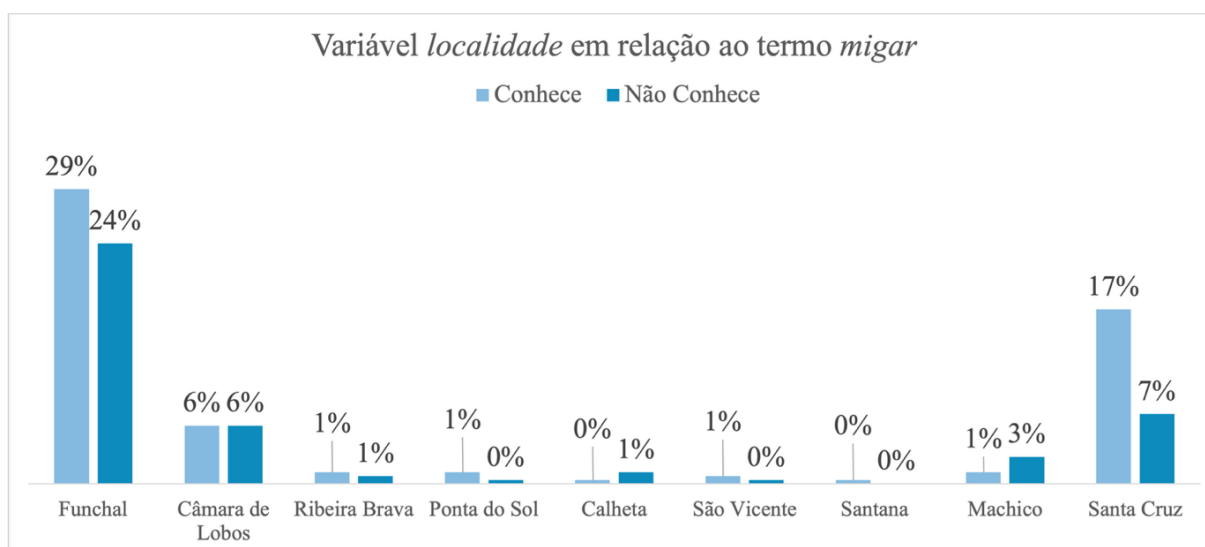


Gráfico 28 - Variável *localidade* em relação ao vocábulo *migar*.

O Gráfico 28 mostra que a população que mais conhece o termo *migar* está localizada no concelho do Funchal, correspondendo a 29% dos inquiridos, seguindo-se Santa Cruz, com 17%, e Câmara de Lobos, com 6%, em linha com a percentagem de participantes oriundos destes concelhos na amostra (cf. amostra, Gráfico 1).

No concelho de Câmara de Lobos, também é possível observar que a percentagem de inquiridos que conhece e não conhece o vocábulo é a mesma, rondando os 6%, o que nos leva a considerar que o conhecimento não é categórico ou preponderante, sendo, pelo contrário variável (50/50).

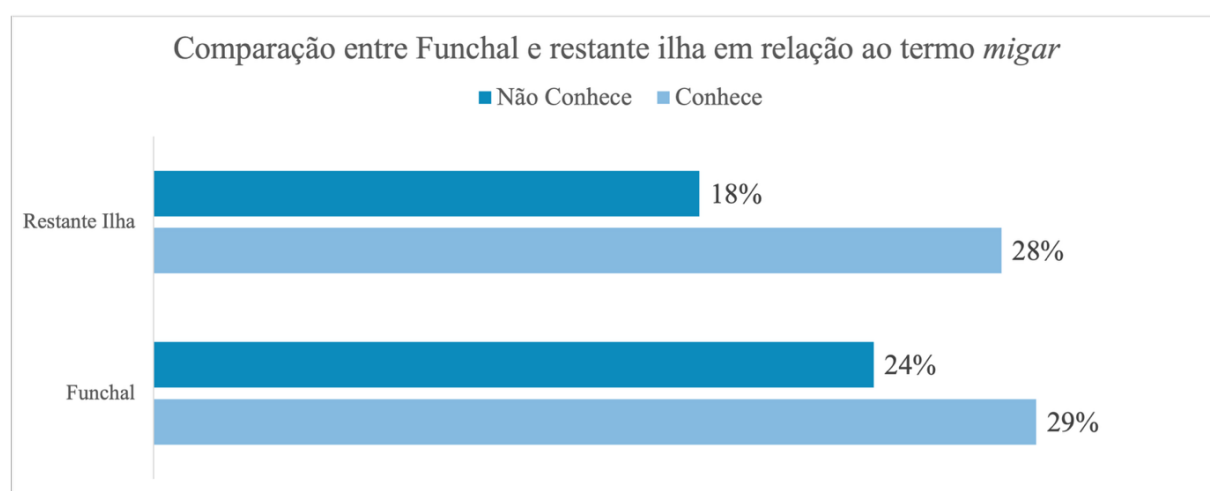


Gráfico 29 - Comparação entre o Funchal e a restante ilha em relação ao vocábulo *migar*.

Ao comparar o concelho do Funchal com os restantes concelhos da ilha, Gráfico 29, observa-se uma grande proximidade nos resultados obtidos. A percentagem dos que conhecem o vocábulo no Funchal (29%) é próxima da dos informantes que o conhecem e são residentes nos restantes concelhos da ilha (28%). No entanto, é no Funchal, concelho marcado como [-rural] que se regista a maior percentagem de inquiridos que desconhece o vocábulo *migar* (24%), superior em 6% à registada no grupo de residentes nos restantes concelhos [+rural] da ilha da Madeira (18%).

2.5.1.4. Síntese: principais tendências

Inicialmente, foi possível constatar que estes três vocábulos corresponderam à caracterização – fácil, médio ou difícil – feita na Tabela 1, sendo os resultados obtidos muito próximos aos destacados por Teixeira (2015), Nunes (2019) e Gonçalves (2024).

Pode-se ainda observar que, no geral, os maiores conhecedores destes vocábulos são adultos, com idades superiores a 36 anos, com alto nível de escolaridade, do sexo feminino e

residentes no concelho do Funchal. É inegável que estes respondentes conhecem os vocábulos, mesmo sabendo que a amostra não é proporcional em termos de concelhos, géneros, idades e escolaridades.

Em relação à localidade, e apesar de os maiores conhecedores do vocábulo residirem no concelho do Funchal, notou-se uma diferença percentual relativamente baixa entre estes e os conhecedores da restante ilha, mais precisamente de 6% em relação ao vocábulo *olho de boi*, 9% em relação ao vocábulo *tratuário* e 1% em relação ao vocábulo *migar*. Estas diferenças relativamente baixas podem indicar que, se houvesse mais respostas de inquiridos dos restantes concelhos, estes poderiam ter uma percentagem superior ao concelho do Funchal, podendo a ruralidade ser um fator de maior conhecimento destes regionalismos em relação à urbanidade.

2.5.2. Os vocábulos *cangueira*, *trogalho* e *embulhar*

Na análise feita anteriormente, os resultados gerais obtidos correspondem aos dos estudos que serviram de base para a seleção dos vocábulos a analisar nesta pesquisa (cf. Tabela 1). Na análise seguinte, serão analisados os resultados dos vocábulos que inicialmente foram indicados com um determinado grau de dificuldade, mas não correspondendo aos obtidos no inquérito.

2.5.2.1. Vocábulo *cangueira*

No trabalho de pesquisa de Nunes (2019: 12), concluiu-se que, para o vocábulo *cangueira*, “das 6 respostas obtidas apresentaram respetivamente apenas 1 a 2 exemplos de uso com significados distintos do tradicional”, sendo que foram poucos os informantes que reconheceram a palavra. Tendo por base esta investigação, o vocábulo *cangueira* foi integrado na Tabela 1 (cf. página 29-30), no conjunto dos 12 vocábulos selecionados para esta pesquisa, sendo caracterizado com grau “difícil”.

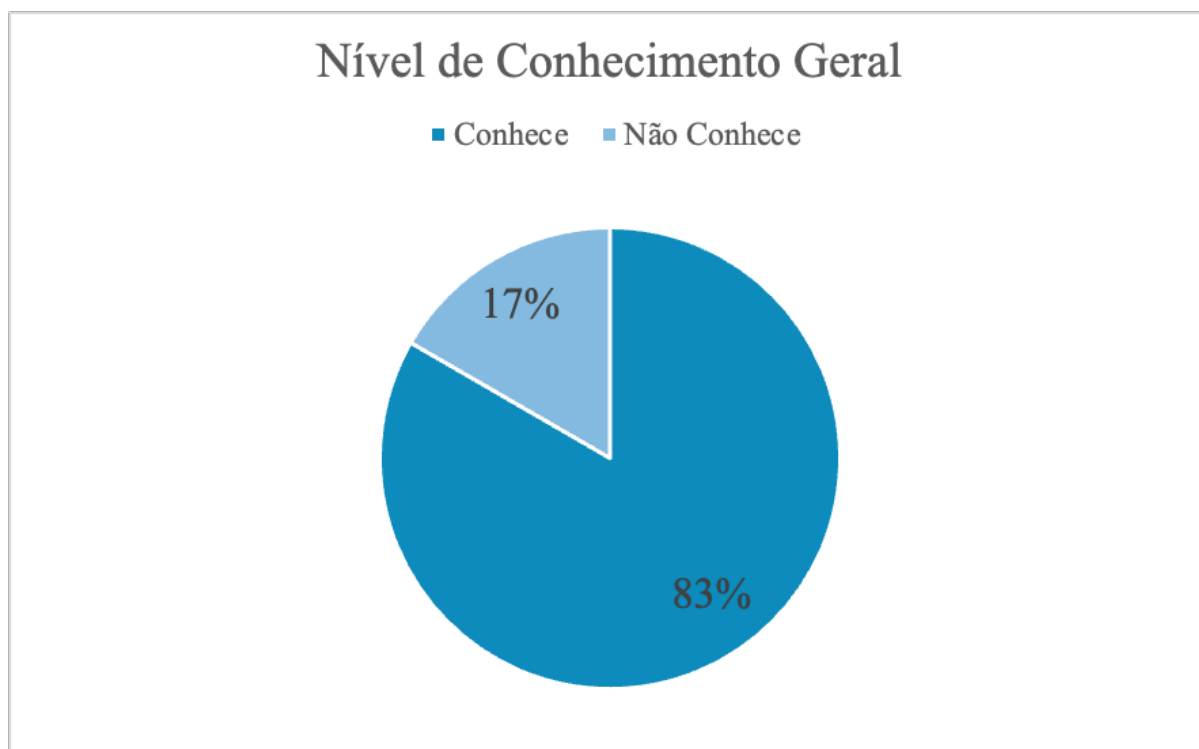


Gráfico 30 - Nível de conhecimento geral em relação ao vocábulo *cangueira*.

O Gráfico 30 regista as percentagens dos resultados de conhecimento / desconhecimento do vocábulo *cangueira* obtidas no inquérito. É observável que os resultados não correspondem à caracterização inicialmente feita (cf. Tabela 1), visto que 83% dos inquiridos da amostra conhecem a palavra. Isto faz com que o regionalismo possa ser classificado não como “difícil”, mas como “fácil”, ou seja, como familiar junto da comunidade madeirense.

a) Variável *idade*

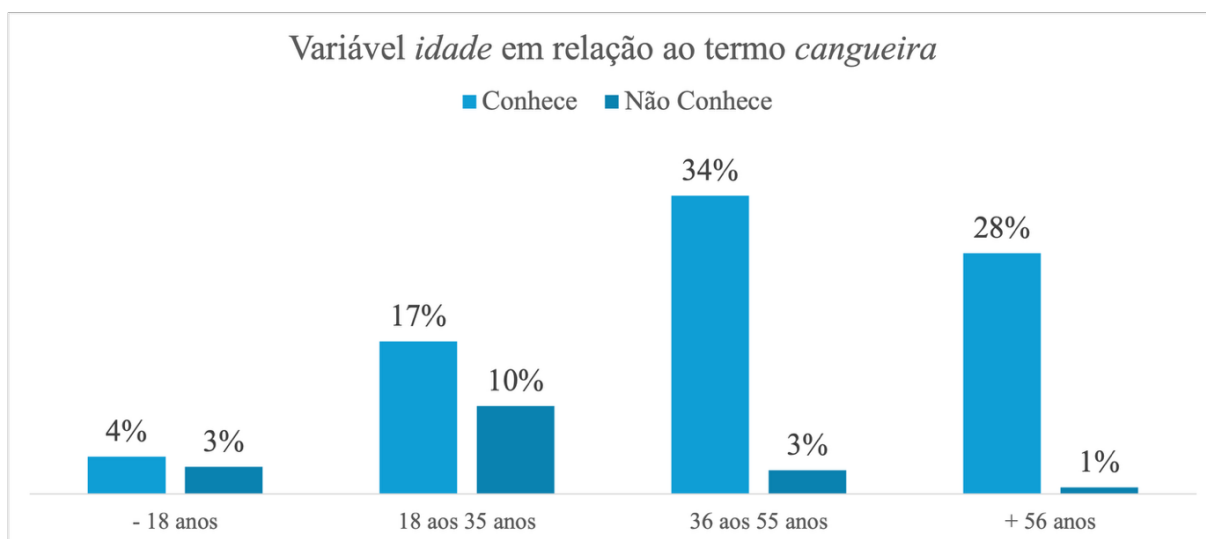


Gráfico 31 - Variável *idade* em relação ao vocábulo *cangueira*.

Em termos de idade, e ao olharmos para o Gráfico 31, pode-se constatar que os maiores conhecedores do termo *cangueira* são os com idades compreendidas entre os 36 e os 55 anos (34%) e, logo depois, os que têm idade superior a 56 anos (28%), existindo apenas uma diferença de 6% entre ambos os grupos.

Em relação aos inquiridos que menos conhecem o vocábulo, observa-se que estes encontram-se na faixa etária entre os 18 e os 35 anos (com 17% de conhecimento), ou seja, menos 17% e 11% relativamente aos dois grupos com mais de 35 anos, (faixas etárias dos 36 aos 55 anos e dos com mais de 56 anos).

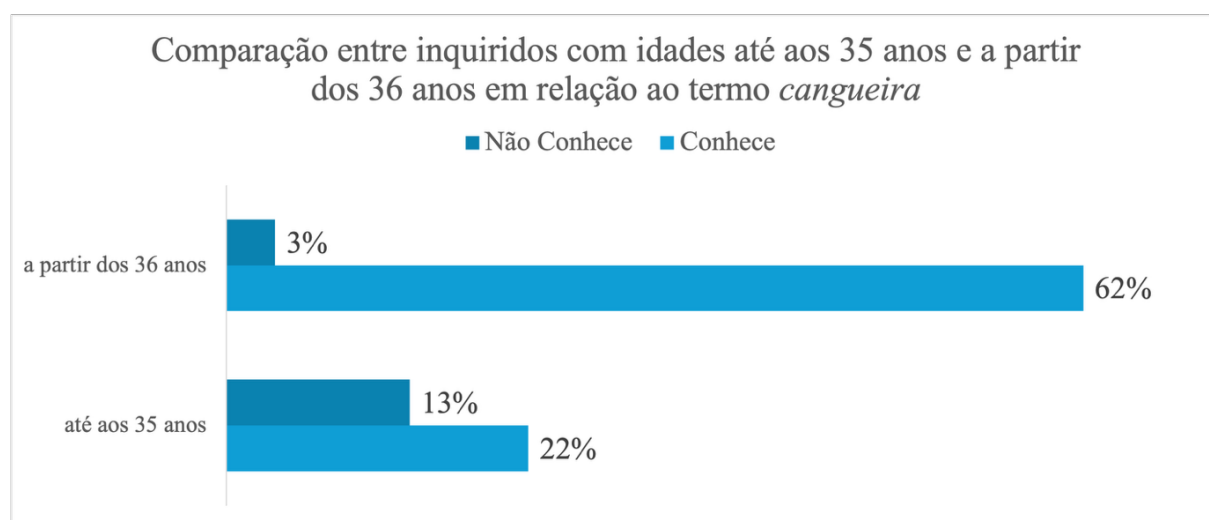


Gráfico 32 - Comparação entre inquiridos com idade até aos 35 anos e a partir dos 36 anos em relação ao vocábulo *cangueira*.

O Gráfico 32 permite estabelecer uma comparação mais focada em dois grupos específicos, representando os dois polos do eixo da faixa etária dos participantes. É possível constatar que os inquiridos com idade superior a 36 anos são os maiores conhecedores do vocábulo (62%), quase o triplo dos mais jovens, que se situam nas faixas etárias até aos 35 anos (22%). Também é observável que, nestas últimas faixas etárias, a distância entre os que conhecem (22%) e os que não conhecem (13%) é menor, havendo apenas uma diferença de 9% entre ambos. Estes resultados contrastam com os dos participantes mais velhos, reunidos no grupo de inquiridos com idade superior a 36 anos. Neste, a distância que separa os que conhecem (62%) e os que não conhecem (3%) a palavra é grande (correspondendo a uma diferença de 59%).

b) Variável *escolaridade*

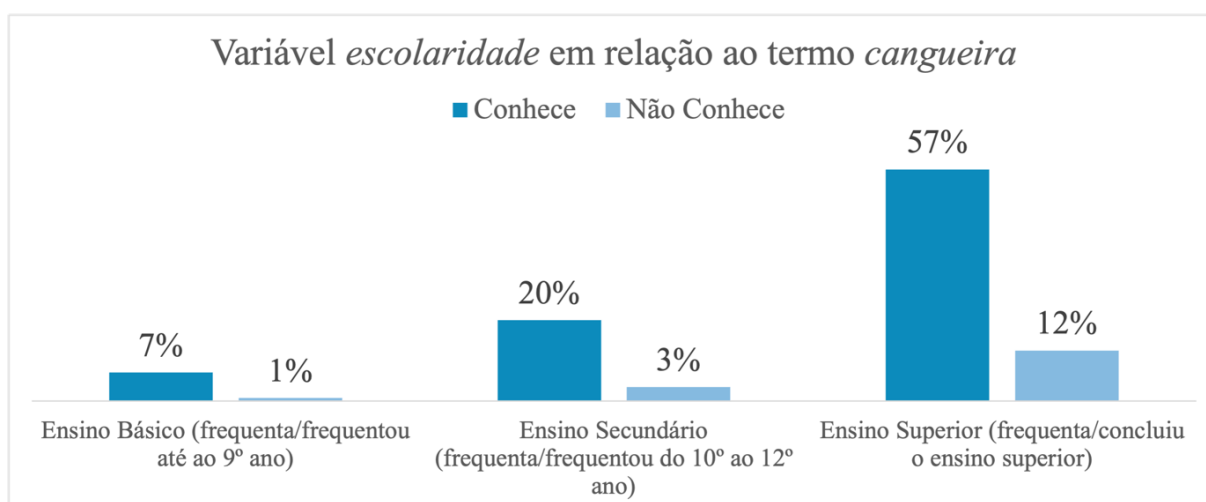


Gráfico 33 - Variável *escolaridade* em relação ao vocábulo *cangueira*.

Tendo em conta o fator nível de escolaridade, no Gráfico 33, pode-se constatar que os inquiridos com ensino superior são os mais conhecedores do termo *cangueira* (57%). Os respondentes deste grupo são também os que mais desconhecem o vocábulo (12%), em comparação com os que têm o ensino básico (1%) e secundário (3%).

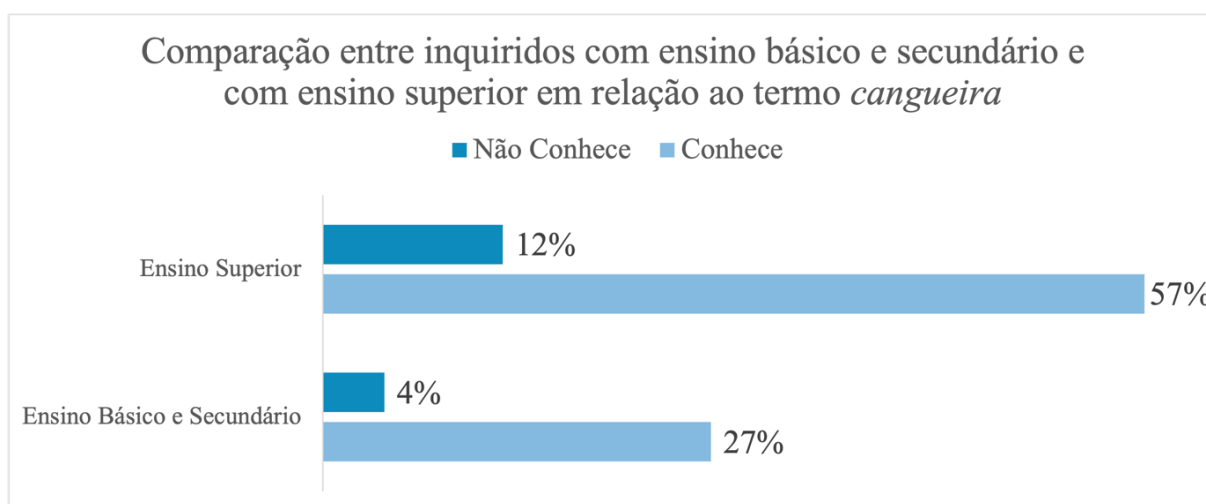


Gráfico 34 - Comparação entre os inquiridos com ensino básico e secundário e com ensino superior em relação ao vocábulo *cangueira*.

Numa análise mais precisa, ao comparar os inquiridos com ensino superior e sem ensino superior, tal como na análise do fator idade, há uma distância mais acentuada (45%) entre os que conhecem o vocábulo e os que não o conhecem, no grupo com formação superior. No conjunto dos dois níveis de formação não superior (básica e secundária), esta distância é menor (23%).

Ao observar o Gráfico 34, pode-se ainda constatar que os inquiridos com mais estudos são os que possuem mais conhecimentos do vocábulo (57%), mas também são os que mais o desconhecem (12%). Isto deve-se, provavelmente, ao facto de que a maior parte dos informantes que responderam ao inquérito *online* corresponde a este grupo. A percentagem dos que conhecem a palavra, no grupo com menor grau de escolaridade, é de 27% e representa cerca de 50% menos do que a do grupo com formação universitária.

c) Variável *sexo*

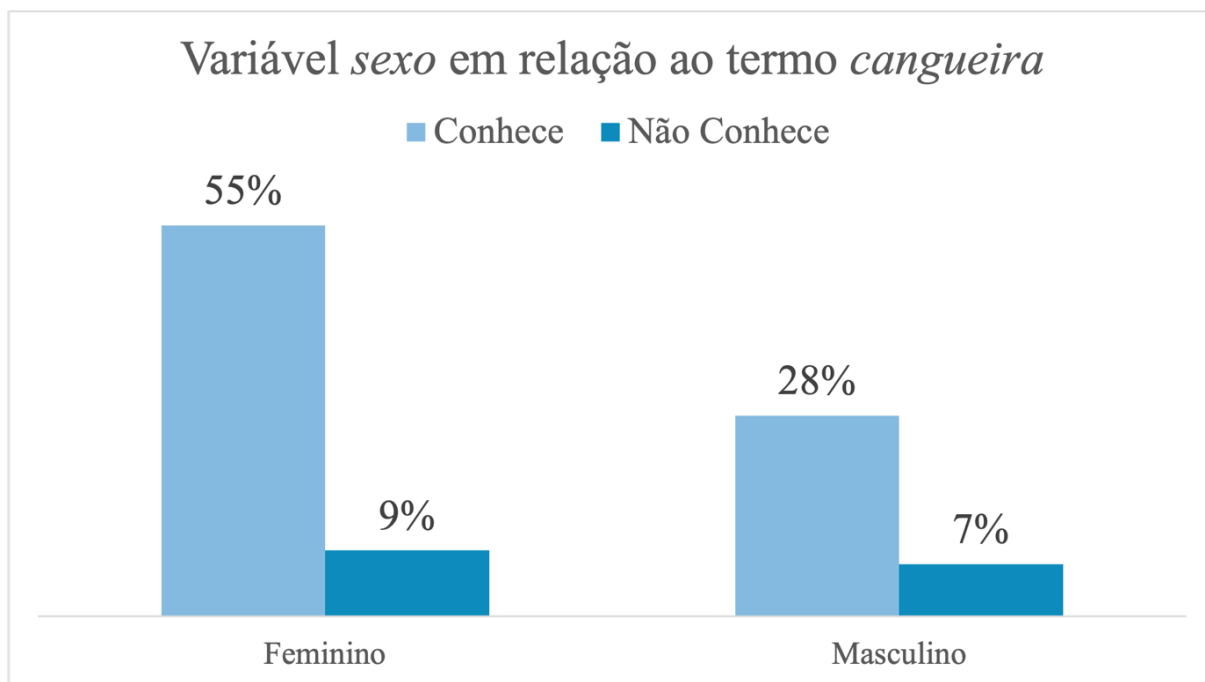


Gráfico 35 - Variável *sexo* em relação ao vocábulo *cangueira*.

Em relação ao fator sexo, no Gráfico 35, é possível constatar que a maior parte dos conhecedores do termo são do sexo feminino (55%), contrastando com os 28% do sexo masculino. Também são as inquiridas do sexo feminino as que menos conhecem o vocábulo, sendo que 9% dizem não o conhecer, contrastando com os 7% do sexo masculino. Uma vez mais, esta aparente incoerência, provavelmente, explica-se pelo maior número de informantes femininas.

d) Variável *localidade*

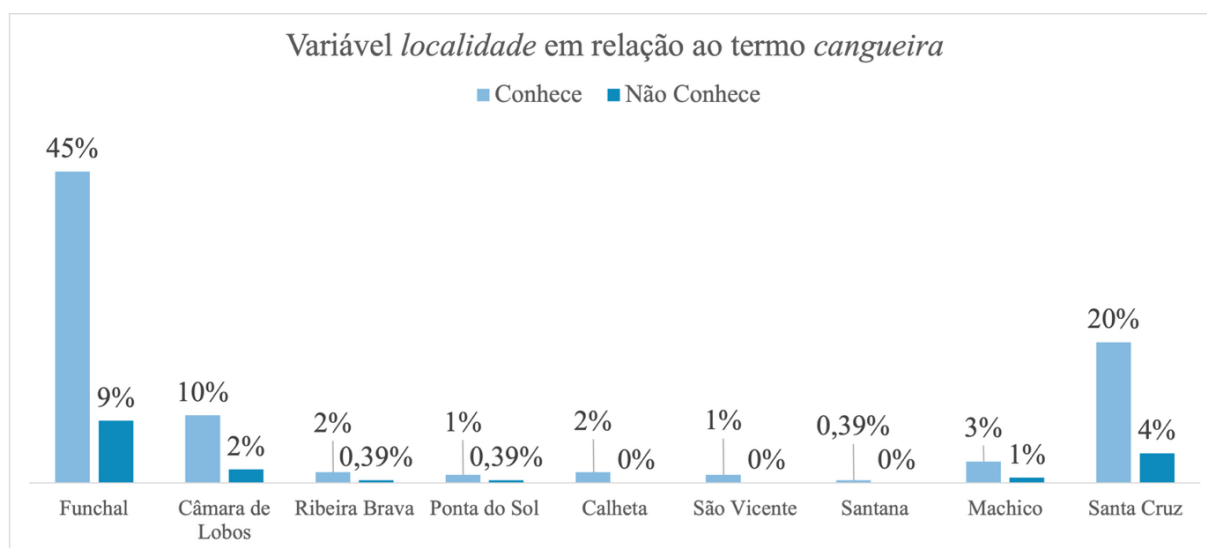


Gráfico 36 - Variável *localidade* em relação ao vocábulo *cangueira*.

O Gráfico 36 mostra que a população que mais conhece o termo está localizada no concelho do Funchal, correspondendo a 45% dos inquiridos. Seguem-se Santa Cruz, com 20%, e Câmara de Lobos, com 10%.

Tabela 3. Fator *localidade* e conhecimento do vocábulo *cangueira*.

Variável <i>localidade</i> em relação ao termo <i>cangueira</i>				
Localidade	Conhece		Não Conhece	
Funchal	115	45%	23	9%
Câmara de Lobos	25	10%	5	2%
Ribeira Brava	4	2%	1	0%
Ponta do Sol	3	1%	1	0%
Calheta	4	2%	0	0%
São Vicente	3	1%	0	0%
Santana	1	0%	0	0%
Machico	8	3%	2	1%
Santa Cruz	52	20%	11	4%

Total	215	83%	43	17% ³
-------	-----	-----	----	------------------

A Tabela 3 permite observar aspetos não contemplados no Gráfico 36. Com efeito, constata-se que todos os inquiridos residentes nos concelhos da Calheta (4 inquiridos), São Vicente (3 inquiridos) e Santana (1 inquirido) são conhecedores do vocábulo *cangueira*, o que se traduz numa taxa de eficiência de 100% do conhecimento da palavra.

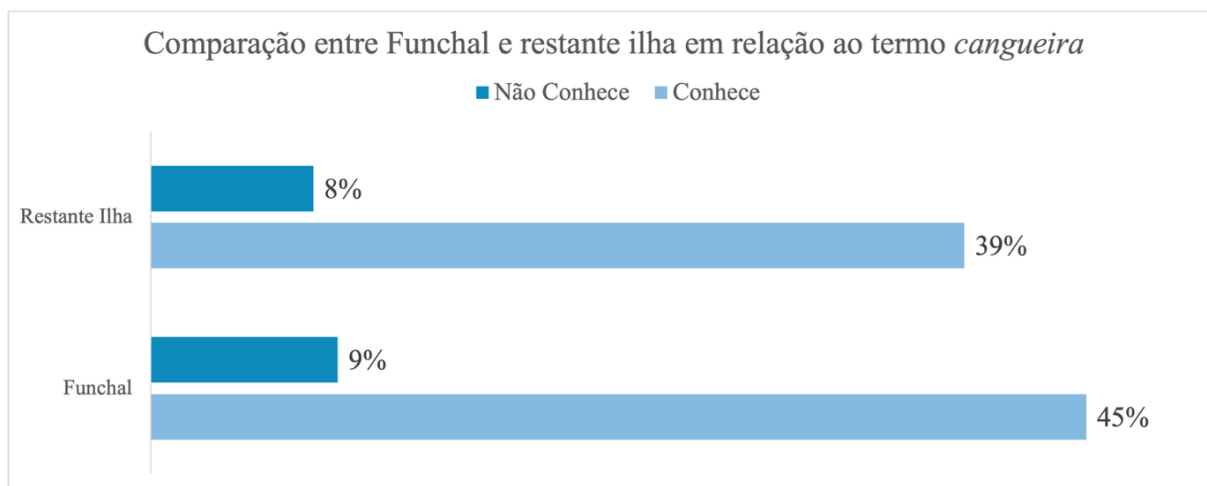


Gráfico 37 - Comparação entre o Funchal e a restante ilha em relação ao vocábulo *cangueira*.

Ao comparar o concelho do Funchal com os restantes concelhos da ilha, observa-se um paralelismo nos padrões de perceção. Tanto no concelho do Funchal como nos restantes concelhos da ilha, as percentagens de conhecimento são próximas, com 45% e 39%, respetivamente. Trata-se de percentagens distantes das dos que desconhecem a palavra (9%) no concelho do Funchal e (8%) nos restantes concelhos da ilha. Estes resultados não permitem concluir se o conhecimento do vocábulo está relacionado com maior ou menor ruralidade do local de naturalidade ou residência do inquirido.

³ Os dados percentuais, na Tabela 3, encontram-se arredondados, sem casas decimais. Importa destacar as percentagens dos conhecedores do concelho de Santana e dos não conhecedores dos concelhos da Ribeira Brava e da Ponta do Sol, com 0,39%, arredondado às duas casas decimais.

2.5.2.2. Vocábulo *trogalho*

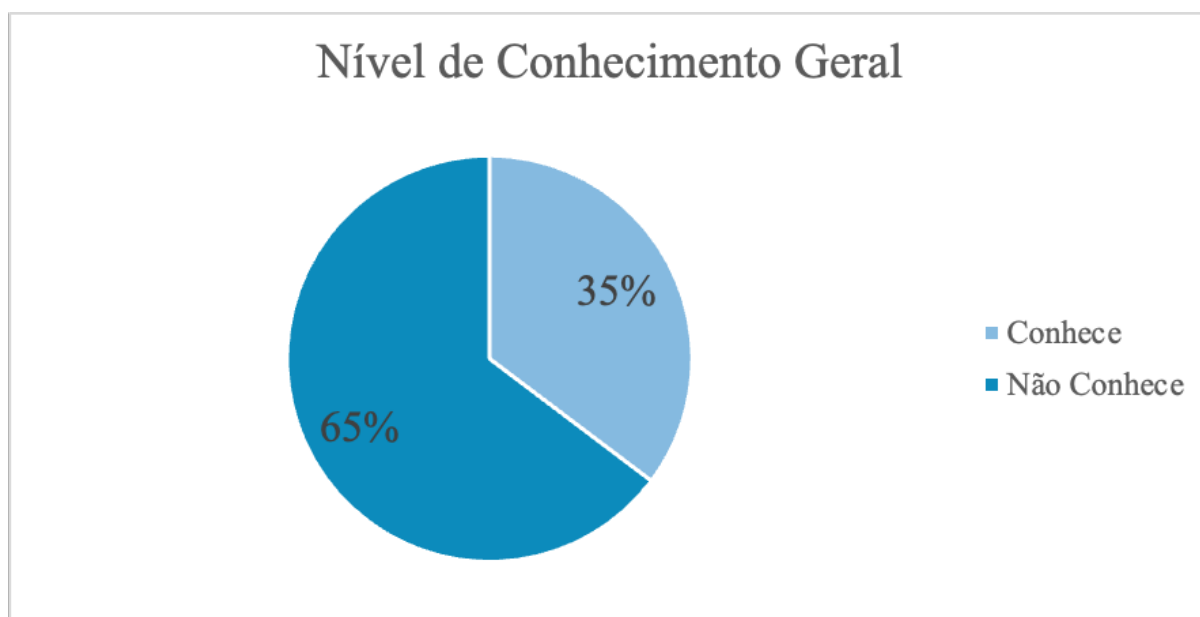


Gráfico 38 - Nível de conhecimento geral em relação ao vocábulo *trogalho*.

No Gráfico 38, é observável que os resultados obtidos com a aplicação do inquérito não correspondem à caracterização inicialmente realizada (cf. Tabela 1), visto que 65% dos inquiridos da amostra não conhecem o termo, fazendo com que passe a ser caracterizado como de grau “difícil”. Inicialmente, este termo foi caracterizado como de grau fácil, com base no inquérito de Gonçalves (2024), em que a percentagem de conhecimento obtida foi de 88%.

a) Variável *idade*

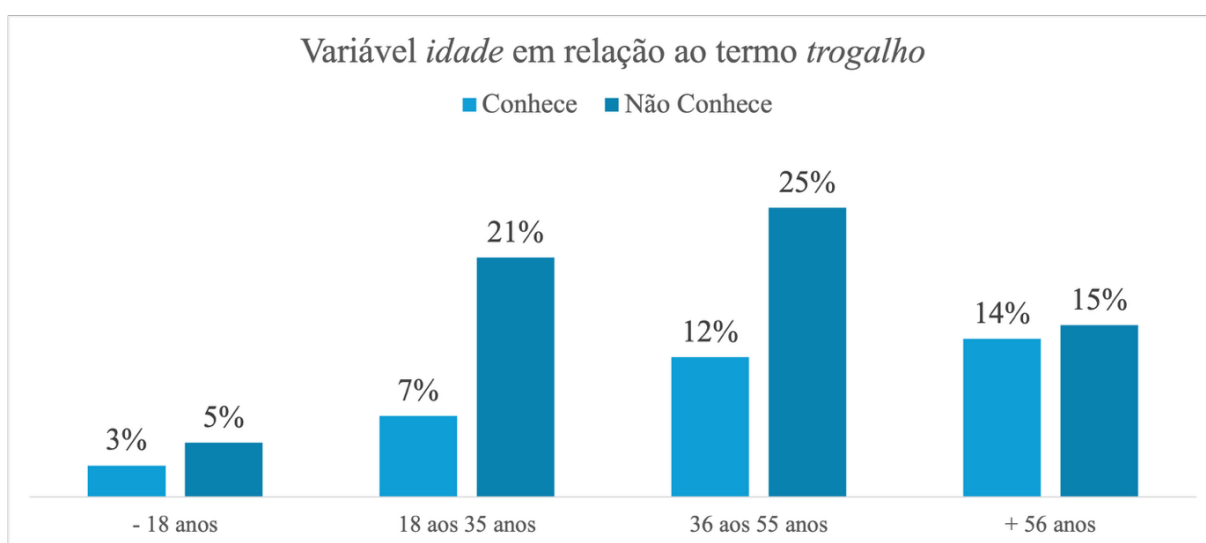


Gráfico 39 - Fator idade e conhecimento do vocábulo *trogalho*.

Em termos de idade, e ao olhar para o Gráfico 39, pode-se constatar que os maiores conhecedores do vocábulo *trogalho* são os que têm idade superior a 56 anos (14%). Seguem-se os que têm idades compreendidas entre os 36 e os 55 anos (12%), sendo que a diferença percentual entre estes dois grupos não é muito elevada (2%).

Por outro lado, analisando os inquiridos que menos conhecem o vocábulo, é possível constatar que o maior número se situa na faixa etária compreendida entre os 36 e os 55 (25%). Segue-se o grupo com idade compreendida entre os 18 e os 35 anos, com 21% dos informantes a desconhecerem a palavra.

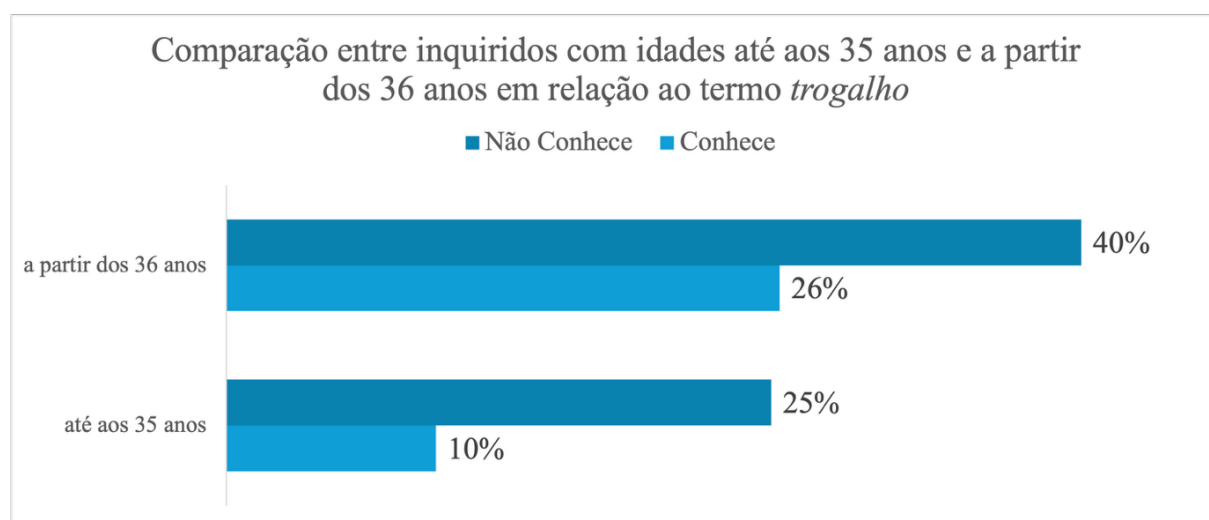


Gráfico 40 - Comparação entre inquiridos com idade até aos 35 anos e a partir dos 36 anos e o conhecimento do vocábulo *trogalho*.

O Gráfico 40 permite fazer a comparação de dois grandes grupos: o de inquiridos com idades até aos 35 anos e o que se situa na faixa etária de inquiridos com idade superior a 36 anos. Neste último grupo, encontram-se os maiores conhecedores do vocábulo (26%) e também os que mais o desconhecem (40%). Esta situação, mais uma vez, dever-se-á ao maior número de informantes corresponder ao grupo de + de 36 anos.

b) Variável *escolaridade*

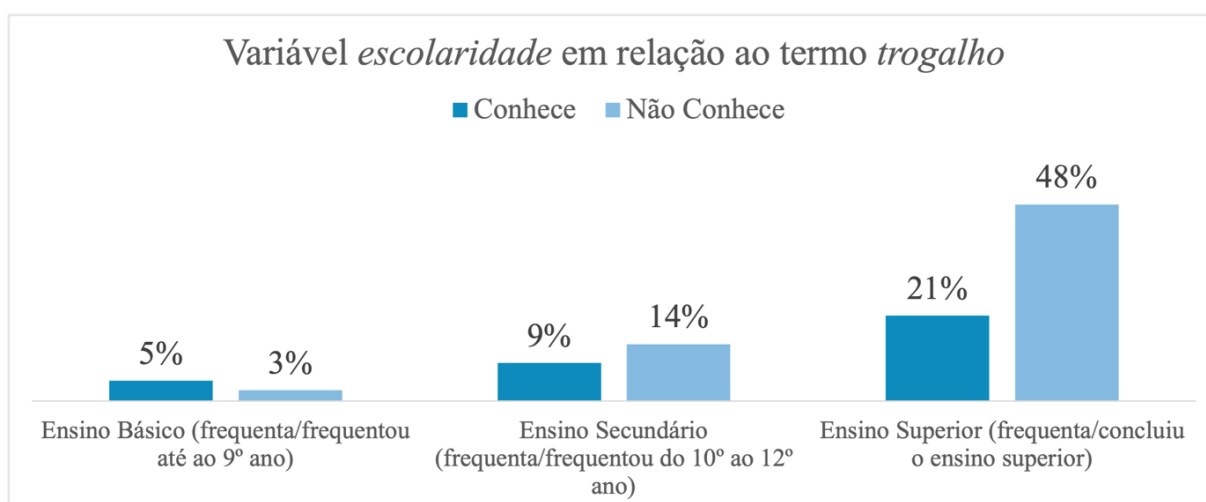


Gráfico 41 - Variável *escolaridade* em relação ao vocábulo *trogalho*.

Tendo em conta o nível de escolaridade dos informantes, no Gráfico 41, pode-se constatar que os inquiridos com ensino superior são os mais conhecedores do termo *trogalho* (21%), quando comparados com os que têm ensino básico (5%) e secundário (9%). Também são os que mais desconhecem o vocábulo (48%). Mais uma vez, tratar-se-á do facto de a maior parte dos respondentes terem formação do ensino superior.

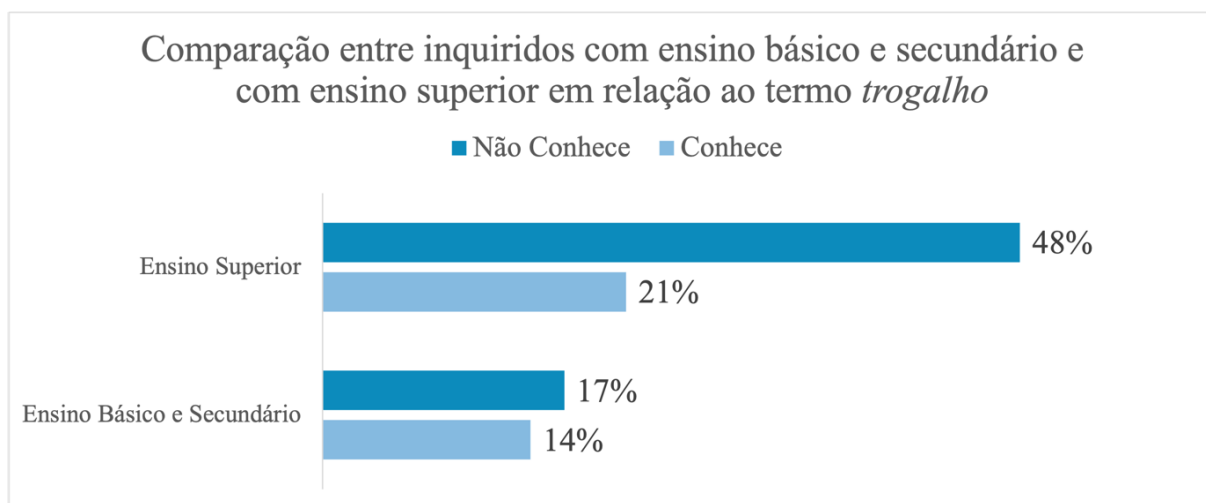


Gráfico 42 - Comparação entre os inquiridos com ensino básico e secundário com os inquiridos com ensino superior no conhecimento do vocábulo *trogalho*.

Ao elaborar uma análise mais precisa, comparando os inquiridos com ensino superior e os que não têm este nível de escolaridade (cf. Gráfico 42), há uma maior aproximação dos valores obtidos, destacando-se a percentagem de não conhecedores do vocábulo com nível

superior de escolaridade (48%), 31 % acima da percentagem obtida pelo conjunto de inquiridos sem formação do ensino superior (17%).

Em relação aos inquiridos com ensino básico e secundário, há uma ligeira diferença entre os conhecedores (17%) e não conhecedores (14%) do termo, a rondar os 3%. Ocorre uma maior aproximação dos valores obtidos em relação aos inquiridos que conhecem o vocábulo, com apenas uma diferença de 7%, e uma maior diferença entre os inquiridos que não conhecem o vocábulo.

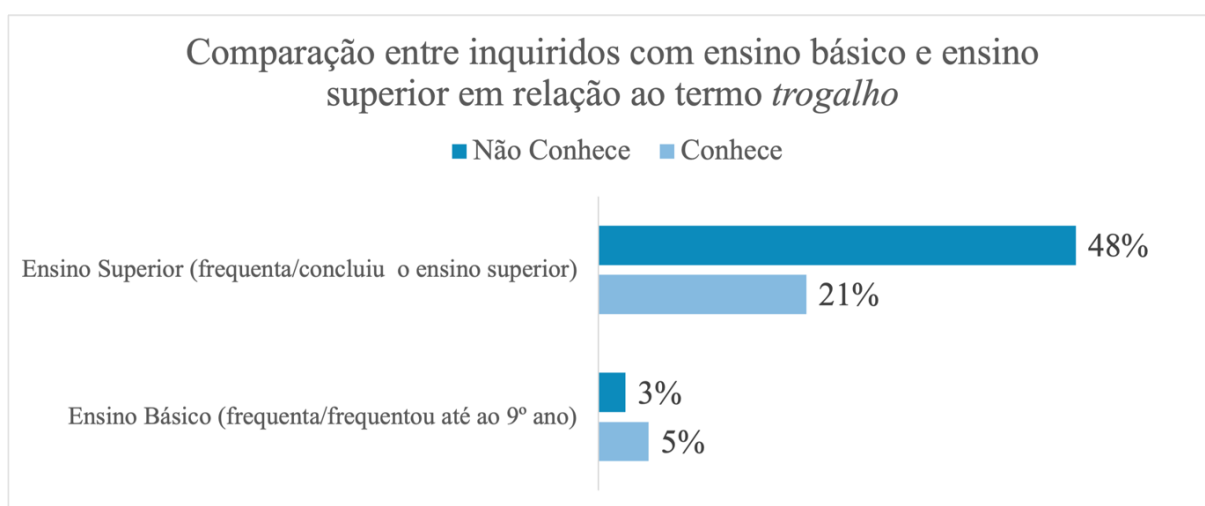


Gráfico 43 - Comparação entre inquiridos com ensino básico e ensino superior em relação ao vocábulo *trogalho*.

Na comparação entre os inquiridos com ensino superior e os inquiridos com o ensino básico, que representam os dois polos do eixo de nível de escolaridade, a diferença percentual entre os que não conhecem o vocábulo aumenta, com os primeiros a corresponderem a 48% da amostra e os segundos a 3%.

Mais uma vez, pode-se observar que, nos inquiridos com apenas o ensino básico, a diferença entre aqueles que conhecem (5%) e os que desconhecem (3%) o termo é relativamente pequena, a rondar os 2%.

c) Variável *sexo*

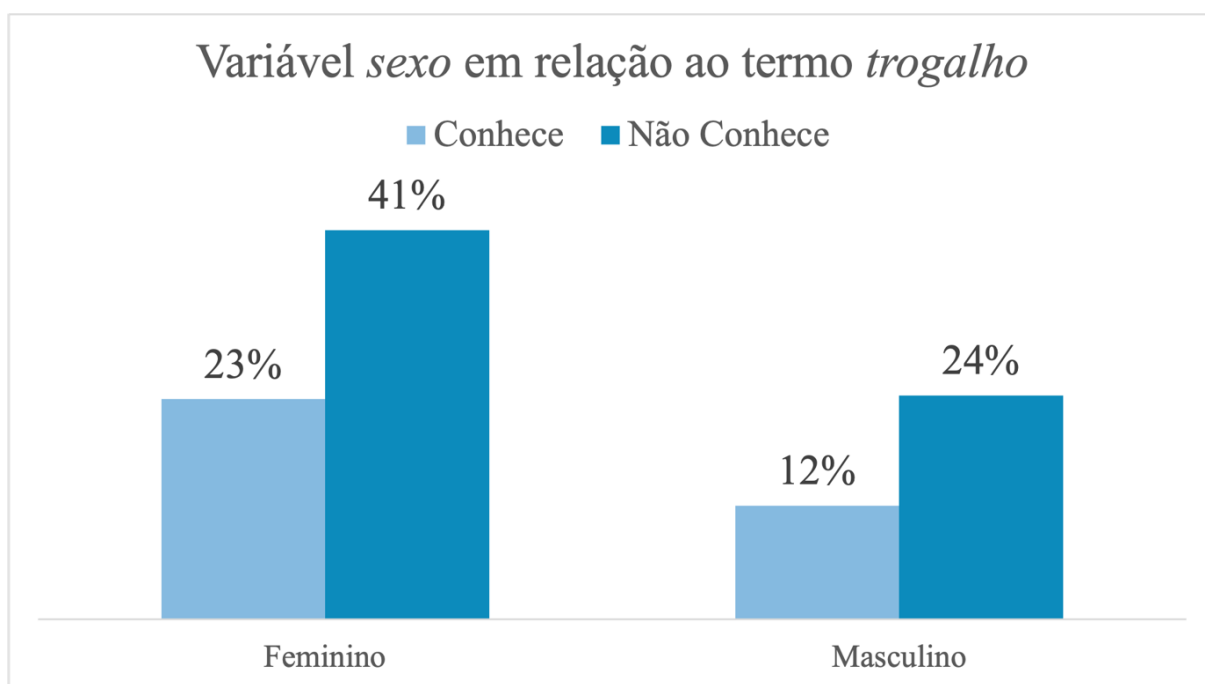


Gráfico 44 - Fator *sexo* e conhecimento do vocábulo *trogalho*.

Em relação ao fator *sexo*, Gráfico 44, é possível constatar que a maior parte dos conhecedores do vocábulo são do sexo feminino (23%), em contraste com os 12% do sexo masculino. Também são as inquiridas do sexo feminino as que menos conhecem o vocábulo (41%), contrastando com os 24% do sexo masculino (quase o dobro). Mais uma vez, salienta-se que esta aparente disparidade de dados deverá corresponder ao facto de este estudo ter mais informantes do sexo feminino do que do masculino.

d) Variável *localidade*

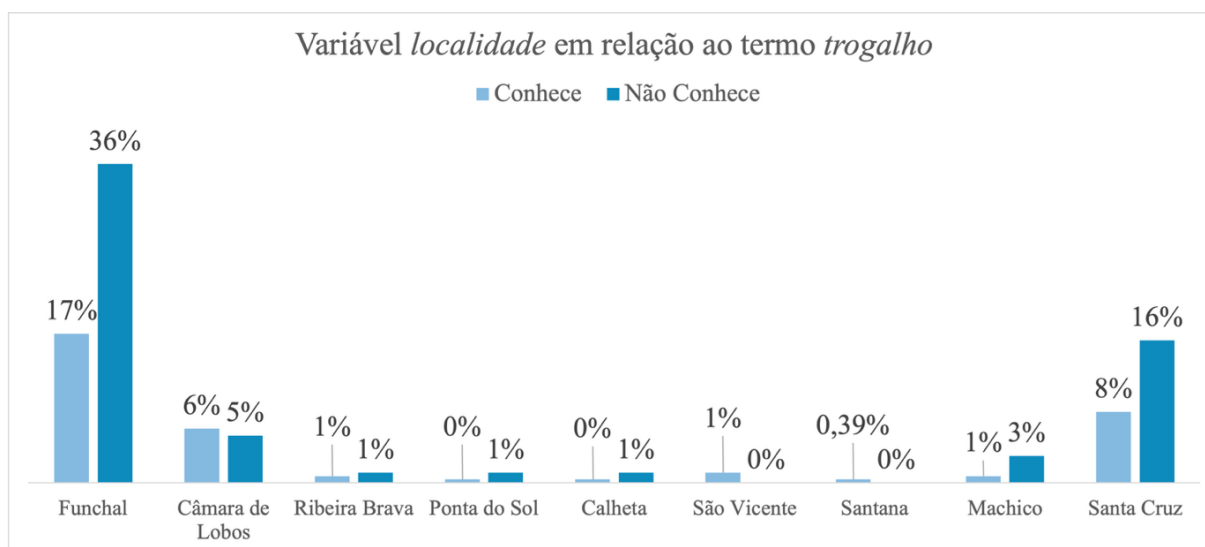


Gráfico 45 - Variável *localidade* em relação ao vocábulo *trogalho*.

O Gráfico 45 mostra que a população que mais conhece o vocábulo *trogalho* está localizada no concelho do Funchal, correspondendo a 17% dos inquiridos. Seguem-se Santa Cruz, com 8%, e Câmara de Lobos, com 6%.

É possível também observar que o concelho do Funchal, com maior número de população residente, apresenta a maior percentagem de desconhecimento do termo (36%), representando quase o dobro do valor dos conhecedores. Neste caso, estes resultados explicam-se igualmente pela maior quantidade de respondentes do Funchal.

Tabela 4. Fator localidade e conhecimento do vocábulo trogalho.

Variável <i>localidade</i> em relação ao termo <i>trogalho</i>				
Localidades	Conhece		Não Conhece	
Funchal	44	17%	94	36%
Câmara de Lobos	16	6%	14	5%
Ribeira Brava	2	1%	3	1%
Ponta do Sol	1	0%	3	1%
Calheta	1	0%	3	1%
São Vicente	3	1%	0	0%
Santana	1	0%	0	0%
Machico	2	1%	8	3%
Santa Cruz	21	8%	42	16%
Total	91	35%	167	65% ⁴

A Tabela 4 permite observar os resultados atendendo ao número de inquiridos e percentagens por concelho, em relação ao conhecimento do vocábulo *trogalho*. Apenas em três concelhos: Câmara de Lobos, São Vicente e Santana se observa que o número de conhecedores

⁴ Os dados percentuais, na Tabela 4, encontram-se arredondados, sem casas decimais. Importa destacar as percentagens dos conhecedores do concelho da Ponta do Sol, Calheta, com 0,39%, arredondado às duas casas decimais.

do vocábulo é superior ao número dos que o desconhecem. Em todos os restantes concelhos, o número de inquiridos que afirma não conhecer *trogalho* é superior ao dos que dizem conhecer. É de mencionar ainda o facto de o concelho de Câmara de Lobos apresentar uma situação mais equilibrada de variação entre conhecedores (6%) e desconhecedores (5%), quase 50/50.

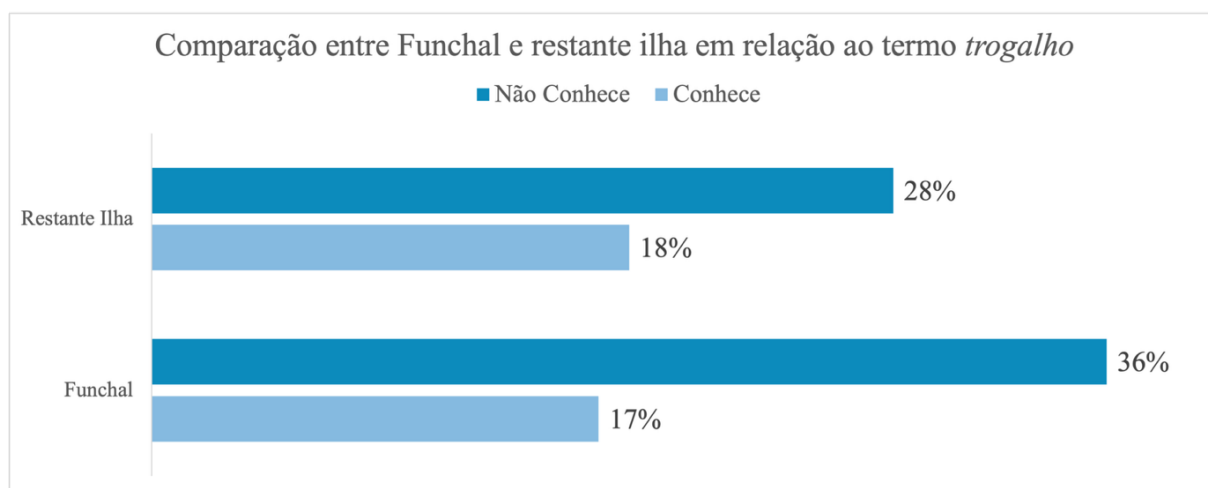


Gráfico 46 - Comparação entre o Funchal e a restante ilha em relação ao vocábulo *trogalho*.

Ao comparar-se o concelho do Funchal com os restantes concelhos da ilha, observa-se uma aproximação percentual em relação ao grau de conhecimento do vocábulo, sendo de 17% e 18% respetivamente. Existe uma maior diferença entre os inquiridos que desconhecem o vocábulo, sendo 36% no concelho do Funchal e 28% nos restantes concelhos. Estes resultados não permitem afirmar que este vocábulo é mais conhecido no meio rural do que no urbano, visto que a diferença percentual de conhecimento do vocábulo é baixa (1%), apesar de ser mais desconhecido no meio urbano.

2.5.2.3. Vocábulo *embulhar*

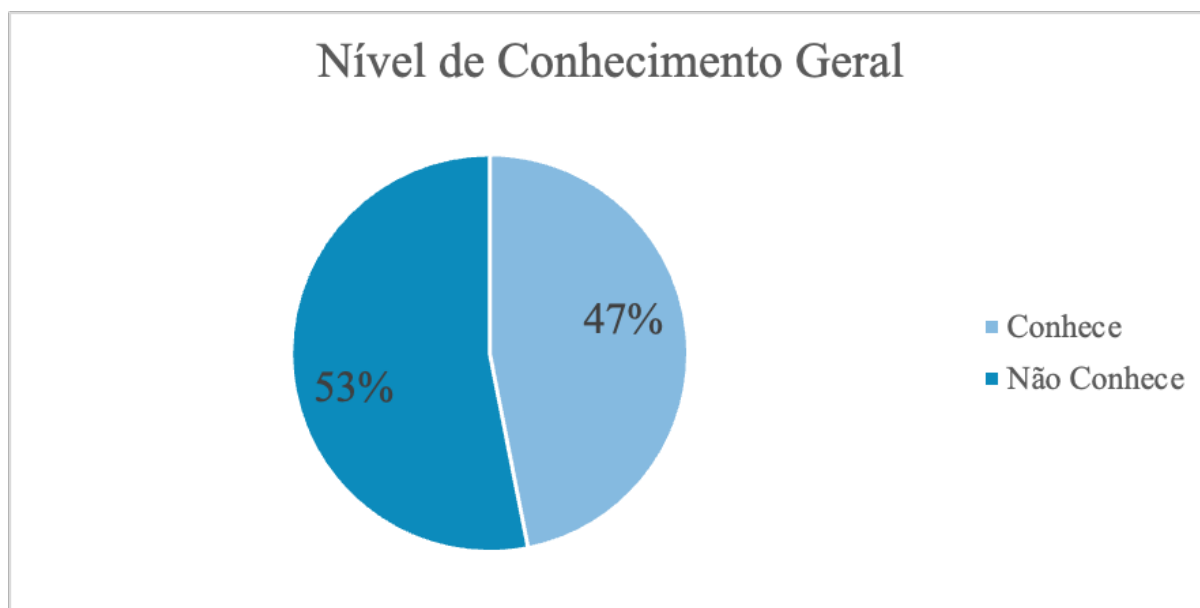


Gráfico 47 - Nível de conhecimento geral em relação ao vocábulo *embulhar*.

Ao analisar o Gráfico 47, é observável que os resultados obtidos, em relação ao nível de conhecimento do vocábulo, diferem dos constatados por Gonçalves (2024). Na Tabela 1, é possível ver que há uma diferença percentual que ronda os 64%, face aos 47% anteriormente obtidos.

Em relação ao grau de dificuldade estabelecido na Tabela 1, como sendo de grau médio, é possível manter a sua classificação.

a) Variável *idade*

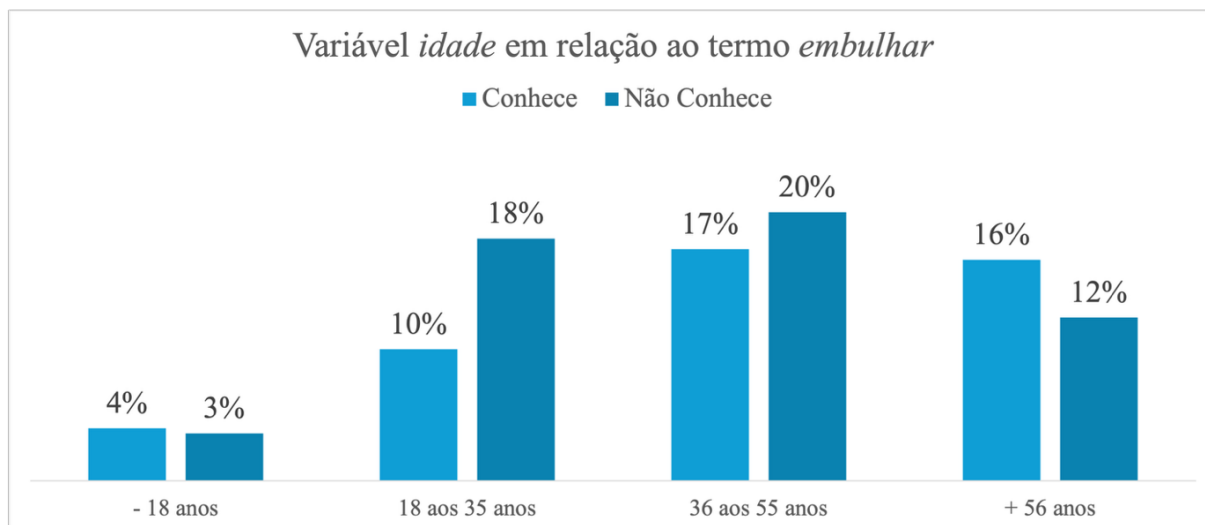


Gráfico 48 - Variável *idade* em relação ao vocábulo *embulhar*.

Em termos de idade, e ao olharmos para o Gráfico 48, pode-se constatar que os maiores conhecedores do vocábulo *embulhar* são os com idades compreendidas entre os 36 e os 55 anos. Seguem-se os que têm idade superior a 56 anos, sendo que a diferença percentual entre estes dois grupos não é muito elevada, rondando 1%.

Os inquiridos com idades entre os 36 e os 55 anos são os que mais conhecem o vocábulo, mas também os que mais o desconhecem. A nível de desconhecimento do termo, logo depois destes vêm os inquiridos com idades entre os 18 e os 35 anos, existindo uma diferença percentual a rondar os 2%.

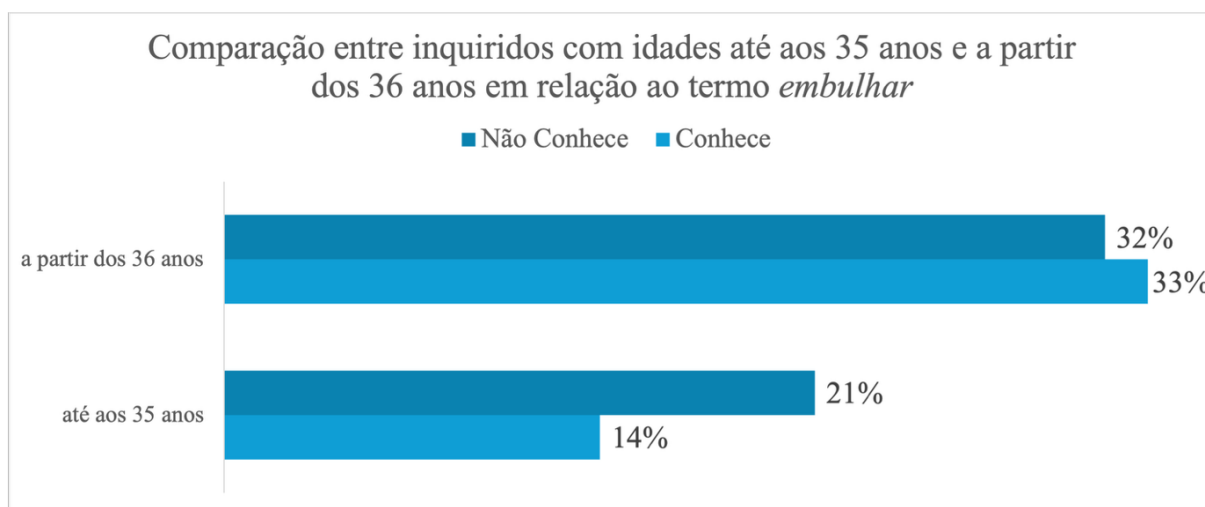


Gráfico 49 - Comparação entre inquiridos com idade até aos 35 anos e a partir dos 36 anos em relação ao vocábulo *embulhar*.

O Gráfico 49 permite fazer uma comparação focada em dois grandes grupos, constatando que os inquiridos com idade superior a 36 anos são os maiores conhecedores do vocábulo e também os que mais o desconhecem, correspondendo ao maior número de informantes. No grupo de inquiridos com idade até aos 35 anos, a percentagem dos que desconhecem o vocábulo é superior àquela que o conhece.

b) Variável *escolaridade*

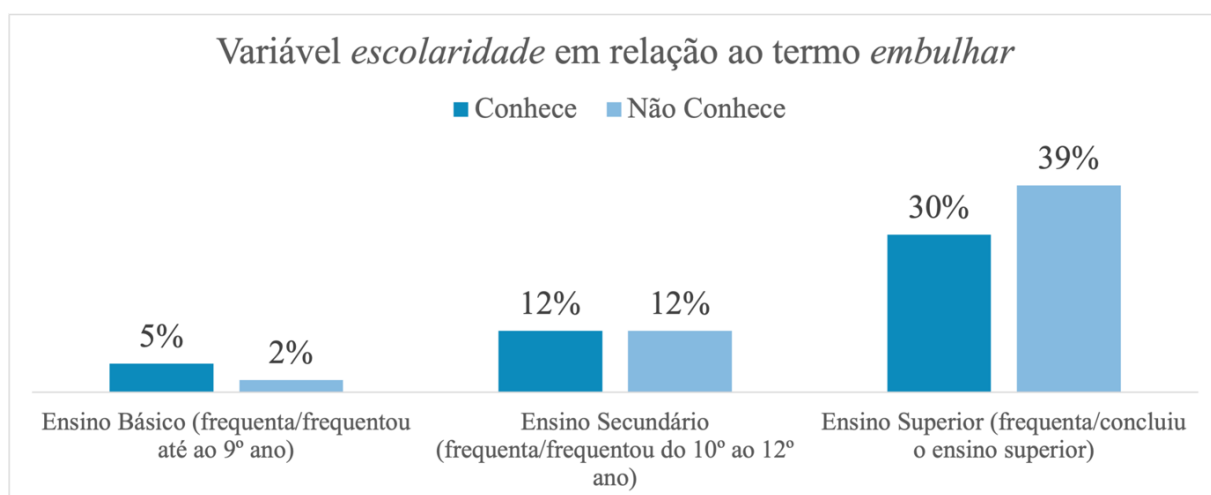


Gráfico 50 - Variável *escolaridade* em relação ao vocábulo *embulhar*.

Tendo em conta o nível de escolaridade, no Gráfico 50, constata-se que os inquiridos com ensino superior são os mais conhecedores do termo *embulhar* (30%) e também os que mais desconhecem o vocábulo, correspondendo a aproximadamente 39%, em comparação com os que têm ensino básico e secundário. Neste caso, são mais os que não conhecem o termo em relação aos que o conhecem.

Já nos inquiridos com ensino secundário, verifica-se que existe a mesma percentagem de inquiridos que conhecem e desconhecem o termo, a rondar os 12%.

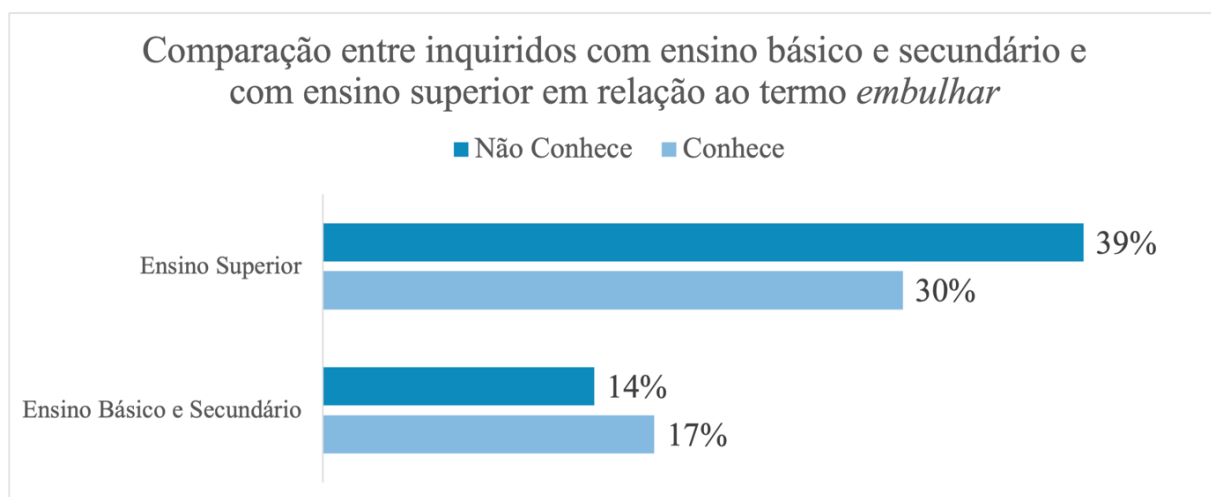


Gráfico 51 - Comparação entre os inquiridos com ensino básico e secundário com os inquiridos com ensino superior em relação ao vocábulo *embulhar*.

Numa análise mais precisa, comparando os inquiridos com ensino superior e sem ensino superior, observa-se uma maior aproximação dos valores obtidos.

No Gráfico 51, pode-se constatar que os inquiridos com mais estudos são os que possuem mais conhecimentos do vocábulo, mas também são os que mais o desconhecem. Mais uma vez, estes resultados corresponderão ao maior número de informantes com ensino superior.

Em relação aos inquiridos com ensino básico e secundário, há uma ligeira diferença entre os conhecedores e não conhecedores do vocábulo, rondando os 3%. Também existe uma maior aproximação dos valores obtidos em relação aos inquiridos que não conhecem o vocábulo, com apenas uma diferença de 3%, e uma maior diferença entre os inquiridos que conhecem o vocábulo.

Apesar de os inquiridos com ensino superior serem os maiores conhecedores do termo, dentro deste grupo são mais os que o desconhecem, ao contrário do grupo sem ensino superior, onde são mais aqueles que o conhecem.

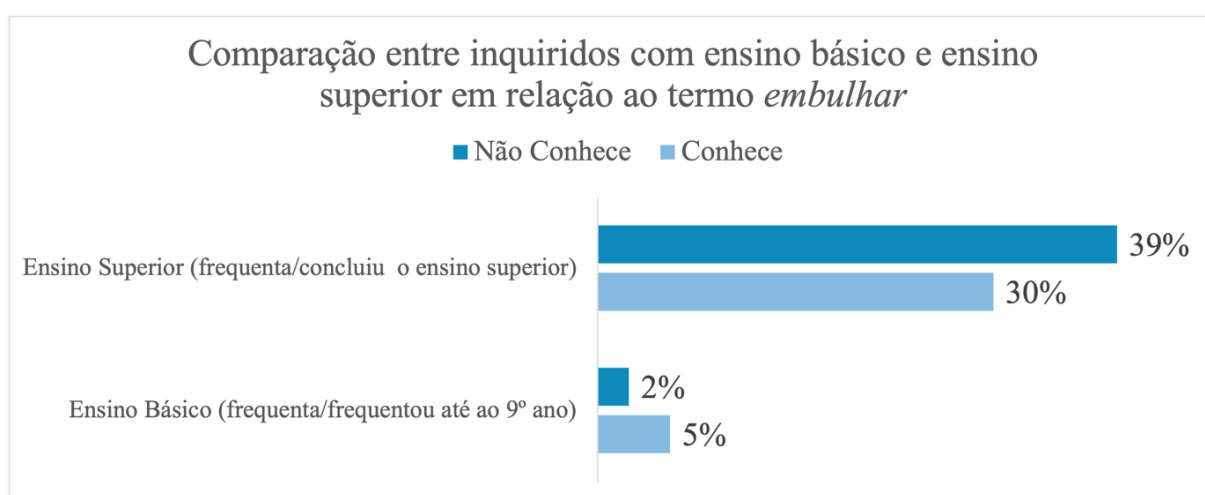


Gráfico 52 - Comparação entre inquiridos com ensino básico e ensino superior em relação ao vocábulo *embulhar*.

Numa comparação entre os extremos dos níveis de escolaridade, ou seja, entre os inquiridos com ensino superior e os inquiridos com o ensino básico, a diferença entre os que conhecem o termo é ainda maior. É observável que a diferença entre estes é grande, não só entre os que conhecem o vocábulo, mas também nos que não o conhecem. Contudo, esta diferença, na realidade, é mais acentuada nos inquiridos que não conhecem o termo.

Mais uma vez, pode-se observar que, nos inquiridos com apenas o ensino básico, a diferença entre os que conhecem e desconhecem o termo é relativamente pequena, a rondar os 3%.

c) Variável *sexo*

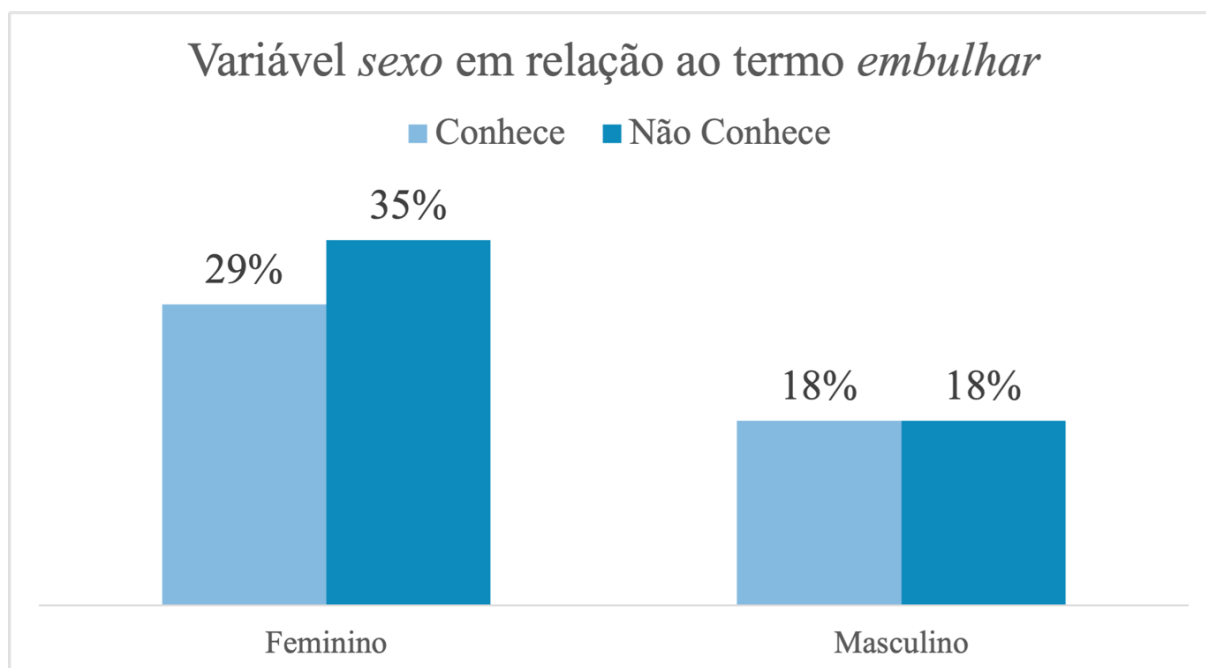


Gráfico 53 - Variável *sexo* em relação ao vocábulo *embulhar*.

Em relação à variável *sexo*, no Gráfico 53, é possível constatar que a maior parte dos conhecedores do termo são do sexo feminino (29%), contrastando com os 18% do sexo masculino. Também são as inquiridas do sexo feminino as que menos conhecem o vocábulo (35%), contrastando com os 18% do sexo masculino.

É possível também observar que, no sexo masculino, existe a mesma percentagem de inquiridos que conhecem e desconhecem o termo, a rondar os 18%.

d) Variável *localidade*

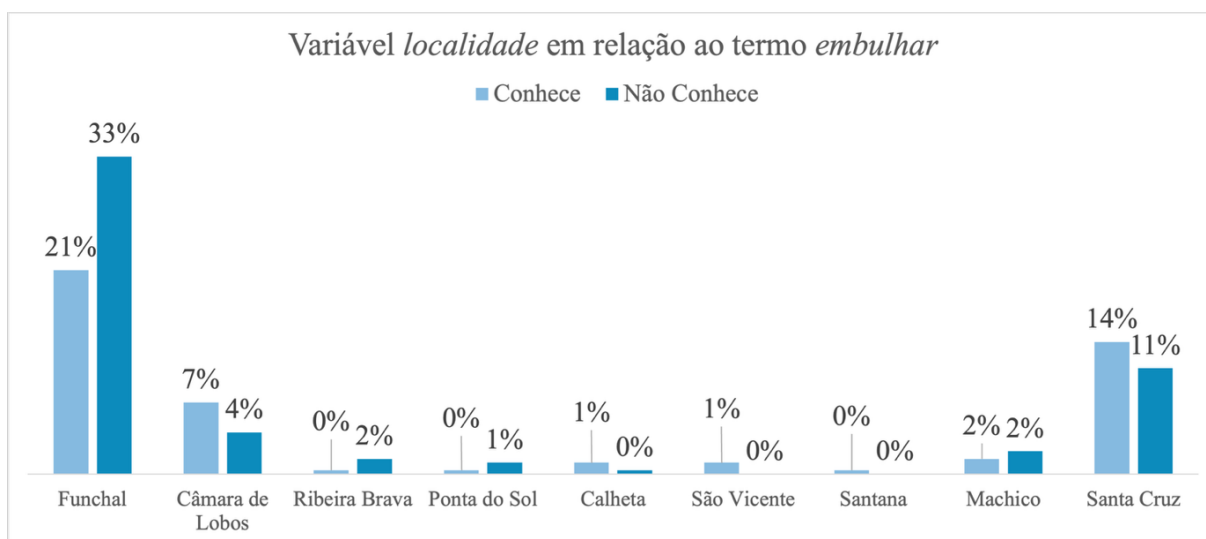


Gráfico 54 - Variável *localidade* em relação ao vocábulo *embulhar*.

O Gráfico 54 mostra que a população que mais conhece o vocábulo está localizada no concelho do Funchal, correspondendo a 21% dos inquiridos. Segue-se Santa Cruz, com 14%, e Câmara de Lobos, com 7%. Estes resultados também são fruto do número de inquiridos por concelho.

É possível observar também que no concelho do Funchal, com maior população residente, é onde a percentagem de desconhecimento da palavra é superior, em relação aos restantes concelhos, existindo uma grande discrepância entre a percentagem de inquiridos que conhece e que desconhece o termo.

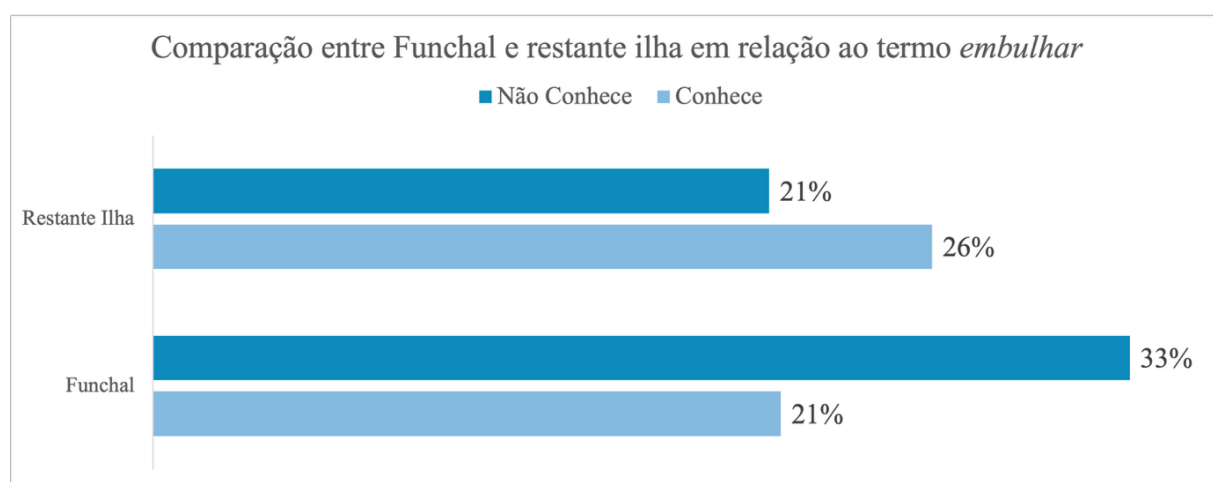


Gráfico 55 - Comparação entre o Funchal e a restante ilha em relação ao vocábulo *embulhar*.

Comparando o concelho do Funchal com os restantes concelhos da ilha, existe uma maior aproximação dos resultados obtidos. É constatável que a percentagem de conhecimento em relação a este termo é superior nos restantes concelhos, em relação ao concelho do Funchal, com a diferença percentual a rondar os 5%.

Já em relação aos inquiridos que não conhecem o vocábulo, a percentagem é superior no Funchal do que nos restantes concelhos, existindo uma maior diferença.

2.5.2.4. Síntese: principais tendências

Inicialmente, foi possível constatar que o resultado percentual dos vocábulos analisados diferiu em relação aos apresentados nos estudos anteriores, sendo que apenas foi mantido o grau de dificuldade “médio” no correspondente vocábulo.

Pode-se observar ainda que, no geral, os maiores conhecedores destes vocábulos são adultos, com idades superiores a 36 anos, com alto nível de escolaridade, do sexo feminino e residentes no concelho do Funchal. Ao mesmo tempo, estes são também aqueles que mais

desconhecem o vocábulo, sendo maior a percentagem dos que não conhecem do que dos que conhecem.

Diferente desta análise, são as dos vocábulos *trogalho* e *embulhar*, em que os inquiridos do meio urbano (Funchal) os desconhecem mais do que os do meio rural (restantes concelhos da ilha), apesar de as diferenças percentuais serem relativamente baixas.

2.6. Discussão dos resultados

Em consonância com os pressupostos de Labov (1972) e Garrett (2010), observou-se que as atitudes linguísticas estão associadas a fatores identitários e de pertença regional, confirmando que o uso de variantes lexicais funciona como marcador de “madeirensidade”. Também as variáveis sociais – idade, sexo e escolaridade – são de grande importância, tendo sido identificadas por Labov (1972) que mostrou, de forma empírica, que a variação linguística está relacionada com essas variáveis, não sendo aleatória.

É de salientar que a maior parte dos informantes deste estudo são adultos, com idades superiores a 36 anos, com alto nível de escolaridade (ensino superior), do sexo feminino e residentes no concelho do Funchal. Estes reconheceram muitos dos 12 regionalismos madeirenses testados, ao contrário do que seria esperado. Pois, geralmente, espera-se que sejam reconhecidos principalmente pela população menos escolarizada e mais isolada, ou seja, dos meios rurais. Contudo, destaca-se que foram poucos os informantes dos concelhos mais rurais da ilha, pelo facto de o questionário ter sido disponibilizado *online* e de a investigadora não ter tido a oportunidade de se deslocar a essas zonas para promover o seu preenchimento pelas populações locais.

Porém, no que se refere ao conhecimento dos vocábulos *trogalho* e *embulhar*, os inquiridos do concelho do Funchal [-rural] conhecem menos estes regionalismos do que os dos meios [+rural]. Também a comparação entre os inquiridos com ensino básico e secundário e os que têm ensino superior mostra uma maior percentagem de não conhecedores do vocábulo com nível superior de escolaridade (48%), 31 % acima da percentagem obtida pelo conjunto dos respondentes sem formação do ensino superior (17%). Isto parece indicar que se trata de regionalismos madeirenses que estão a cair em desuso, tendendo a ser classificados como arcaísmos.

Ainda a propósito da importância da variável rural vs. urbano, por exemplo em relação ao vocábulo *migar*, é no Funchal (concelho [-rural]) que se encontra a maior percentagem de inquiridos que desconhecem a palavra (24%), correspondendo a mais de 6% do que o grupo de residentes nos restantes concelhos considerados [+rural] da ilha da Madeira. Embora não seja uma diferença acentuada, é um valor significativo correspondendo aos resultados de Nunes (2014), no seu estudo dialetal e sociolinguístico sobre a variação lexical de regionalismos madeirenses. A autora nota a grande mobilidade da população dentro da ilha da Madeira, sobretudo das áreas rurais para trabalhar na capital, muitas vezes passando a residir nas cidades limítrofes. Refere também a cada vez menos distância entre os concelhos rurais e a cidade do Funchal, atenuada pela construção de vias de comunicação mais rápidas. Estes factos sociais e económicos podem também explicar por que, nesta pesquisa, a variável concelho de residência [+rural] / [-rural] dos informantes revelou-se pouco relevante, mesmo tendo em conta os condicionalismos da amostra já referidos.

Além disso, Nunes (2014) menciona que os eventos culturais e de promoção dos produtos regionais nas diferentes localidades da ilha, incluindo o Funchal, como forma de valorização da cultura regional associada ao turismo, fazem com que haja uma maior identificação dos madeirenses com a sua cultura tradicional. Este facto também poderá explicar os resultados obtidos neste trabalho de investigação, nomeadamente o grande conhecimento de regionalismos madeirenses na cidade do Funchal.

Ao mesmo tempo, neste estudo, o facto de a maior parte dos respondentes serem indivíduos com ensino superior, e serem conhecedores de muitos regionalismos, parece mostrar o importante papel da Universidade da Madeira no estudo e valorização da identidade cultural regional, contribuindo para a afirmação da “madeirensidade”.

CONCLUSÃO

Este estudo insere-se no âmbito da dialetologia e da sociolinguística, tendo como principal objetivo analisar as percepções linguísticas de conhecimento e desconhecimento por parte de informantes madeirenses de 12 vocábulos: *olho de boi*, *baboseira*, *tapa-sol*, *vimhada*, *embeçado*, *matina*, *tratuário*, *cangueira*, *trogalho*, *biqueiro*, *migar* e *embulhar*. Para o efeito, foi elaborado um inquérito *online* com questões iniciais de identificação das variáveis sociolinguísticas dos informantes (sexo, idade e escolaridade) e dos respetivos concelhos de residência na ilha da Madeira (variável geográfica). Seguiram-se as questões sobre o conhecimento dos vocábulos, indicando para cada um deles várias opções de escolha dos significados, com a possibilidade de indicar outro, além dos listados.

A metodologia de recolha de dados, através de um questionário *online*, elaborado no *google forms*, não permitiu obter um número equilibrado de informantes dos dois sexos, de todas as faixas etárias e níveis de escolaridade. Também não possibilitou obter um número comparável de respondentes por concelhos, dentro da ilha da Madeira. Dos 258 inquéritos preenchidos por informantes madeirenses residentes nos diferentes concelhos da ilha, a maior parte foi do Funchal (138). Seguiram-se, em maior número de respostas, os municípios limítrofes de Santa Cruz (com 63 informantes) e de Câmara de Lobos (30 informantes). Os restantes concelhos apresentaram respostas residuais (Machico 10, Ribeira Brava 5, Ponta do Sol tal como Calheta 4, S. Vicente 3 e Santana 1), não tendo nenhum informante do município do Porto Moniz e sendo que a ilha do Porto Santo não foi incluída. Porém, dado o pouco tempo disponível para ir ao encontro dos inquiridos fisicamente e aproveitando a generalização tecnológica, a partilha digital foi a opção mais viável. Além disso, facilitou e tornou mais preciso o tratamento e análise dos dados por fatores de variação e/ou variáveis sociais e geográficas.

Os dados recolhidos foram filtrados por género, 166 mulheres e 92 homens; por faixa etária, 19 informantes com menos de 18 anos, 71 dos 18 aos 35 anos, 95 dos 36 aos 55 anos e 73 com 56 ou mais anos; e por níveis de escolaridade, 20 com ensino básico, 60 com ensino secundário e 178 com ensino superior. Assim, a análise dos dados teve em consideração variáveis sociais – idade, sexo e nível de escolaridade – e a variável geográfica do concelho de residência. Os resultados evidenciam que os informantes com mais de 36 anos, do sexo feminino, com níveis de escolaridade mais elevados e residentes no Funchal apresentam um maior conhecimento dos vocábulos analisados. Em contraste, os informantes mais jovens, do

sexo masculino, com menos escolaridade e residentes fora do Funchal demonstram um menor grau de conhecimento.

Os resultados demonstram que, de forma geral, os madeirenses possuem um grande conhecimento dos vocábulos, sendo que 10 dos 12 testados apresentam uma percentagem de conhecimento acima dos 50%, respetivamente: *baboseira* (100%), *tapa-sol* (99%), *olho-de-boi* (99%), *matina* (91%), *biqueiro* (90%), *embeijado* (90%), *cangueira* (83%), *tratuário* (77%), *migar* (58%) e *vimhada* (54%). Por outro lado, apenas dois termos correspondem a uma percentagem de conhecimento mais baixo, nomeadamente: *embulhar* (47%) e *trogalho* (35%), sendo este o menos conhecido de todos, enquanto *baboseira* é o vocábulo mais conhecido. Após a análise dos resultados gerais inicialmente obtidos neste projeto de investigação, foram expostos os dados de seis desses vocábulos: *olho de boi*, *tratuário*, *migar*, *cangueira*, *trogalho* e *embulhar*. Concluiu-se que, no Funchal, capital do arquipélago da Madeira, os que apresentam maior vitalidade são: *baboseira* e *tapa-sol*, enquanto *trogalho* e *embulhar* são os vocábulos menos conhecidos.

O Funchal, tal como os concelhos de Câmara de Lobos e de Santa Cruz, cidades satélite da capital madeirense, sendo as áreas mais povoadas do arquipélago da Madeira, destacam-se neste estudo pelo maior número de informantes, mostrando conhecimento sobretudo dos vocábulos *olho de boi* e *baboseira*. Estes territórios acolhem indivíduos provenientes de vários concelhos mais rurais da ilha, que mudam a sua residência para trabalharem na capital, trazendo consigo vocábulos tradicionais.

Tendo em conta as variáveis sociolinguísticas: sexo, idade e escolaridade, concluiu-se que os inquiridos adultos, com mais de 36 anos, do sexo feminino, mais escolarizados e residentes no Funchal são os que mais conhecem os vocábulos. Por outro lado, os inquiridos mais jovens, com menos de 35 anos, do sexo masculino, menos escolarizados e residentes fora do Funchal e dos concelhos limítrofes são os que menos conhecem as palavras testadas. Apesar de estes corresponderem ao menor número de inquiridos, devido às limitações de informantes por concelhos, faixas etárias e níveis de escolaridade, é inegável o grande conhecimento dos vocábulos analisados pelos informantes adultos, mais escolarizados e residentes no Funchal.

Dado o menor número de inquiridos dos concelhos mais rurais da ilha da Madeira, a importância da variável [+rural] e [-rural] não pôde ser aferida neste estudo. No entanto, os dados obtidos parecem indicar que, se houvesse mais respondentes de localidades rurais e, consequentemente, mais isolados ou com menos contactos socioculturais com o português falado no Funchal e a norma padrão do português europeu, as percentagens de conhecimento

dos regionalismos madeirenses poderiam ser superiores às do Funchal e dos seus concelhos limítrofes.

Como a maior parte dos respondentes ao inquérito foram mulheres, jovens, com ensino superior do concelho do Funchal, tendo reconhecido grande parte dos vocábulos, destaca-se aqui o papel da Universidade da Madeira, enquanto centro difusor do conhecimento linguístico e sociocultural madeirense. Desempenha um papel central na valorização da região também ao permitir que muitos estudantes dos concelhos rurais, sobretudo da costa norte da ilha, possam frequentar o ensino superior não tendo de se deslocar para fora da região. A licenciatura em Estudos de Cultura também tem contribuído para que os estudantes conheçam e valorizem a sua cultura regional.

Assim, *baboseira*, *tapa-sol* e *olho de boi* foram considerados de uso corrente ou de conhecimento fácil; *matina*, *biqueiro*, *embeçado*, *cangueira* e *tratuário* de uso moderado ou de conhecimento médio; e *migar*, *vimia*, *embulhar* e *trogalho* de grau de conhecimento difícil. Através deste estudo, foi possível aferir quais os vocábulos que apresentam menos vitalidade, sinalizando os que tendem a cair em desuso (arcaísmos); e os que apresentam maior vitalidade, correspondendo a uma afirmação de “madeirensidade” como identidade regional, na fala dos madeirenses.

A análise dos dados recolhidos, através do questionário *online*, centrou-se na identificação de padrões de conhecimento e de desconhecimento dos inquiridos face aos vocábulos testados, depreendendo-se a respetiva identificação com o falar madeirense. Faltou incluir no inquérito uma pergunta sobre a consciência dialetal e sociolinguística das palavras, do ponto de vista do seu valor identitário, associado ao sentimento de regionalidade ou “madeirensidade”. Pois, o seu reconhecimento tem um papel importante na construção da identidade madeirense, contribuindo para a valorização e preservação da cultura regional.

Os resultados desta investigação permitiram compreender alguma variação no conhecimento lexical da comunidade madeirense, identificando vocábulos mais e menos conhecidos. Destacam-se alguns em processo de desuso e outros com maior vitalidade, demonstrando a necessidade da criação de glossários ou vocabulários específicos para a preservação e salvaguarda de palavras tradicionais madeirenses.

Reconhece-se que a dimensão reduzida da amostra e a sua pouca diversificação, tal como o número reduzido de vocábulos estudados, limitam a generalização dos resultados. O facto de não se ter tido informantes do município do Porto Moniz e de a população dos concelhos mais afastados do Funchal estar menos representada também limitam a representatividade da amostra. Investigações futuras poderão ampliar a diversidade de

informantes por concelhos, obtendo mais respostas de falantes mais velhos, com menos estudos, do sexo masculino e de zonas mais rurais da ilha da Madeira, bem como de falantes da ilha do Porto Santo.

REFERÊNCIAS

- Andrade, C. (2014). Crenças, percepção e atitudes linguísticas de falantes madeirenses. Dissertação de Mestrado. Universidade da Madeira. <http://hdl.handle.net/10400.13/723>
- Araújo, L.S. (2020). *Dialetologia: a dimensão espacial da variação linguística*. Revista Trancos.
- Barão, G. R. (2023). *Promoção e difusão da língua portuguesa como projeto regional: Parte I – Histórico e atuação do IILP/CPLP*. Observatório de Regionalismo. <https://observatorio.repri.org/2023/04/25/iilp-cplp-parte1/>
- Bazenga, A. (2010). Sociedades insulares e identidade: aspetos linguísticos da ‘madeirensidade’ no Atlântico lusófono. Grande Dicionário Enciclopédico da Madeira, 216-225. <http://hdl.handle.net/10400.13/2541>
- Bazenga, A., Andrade, C. & Rodrigues, L. (2016). Variantes sintáticas (padrão e não padrão) em português: representações sociais e atitudes linguísticas de falantes madeirenses. https://www.researchgate.net/publication/327446156_Variantes_sintaticas_padrao_e_nao_padrao_em_portugues_representacoes_sociais_e_atitudes_linguisticas_de_falantes_madeirenses
- Bazenga, A. (2019a). *A realização do objeto indireto anafórico de terceira pessoa na variedade do português europeu falado no Funchal (Ilha da Madeira)*. A Cor das Letras, 20(1), 9-23.
- Bazenga, A. (2019b). *A variação entre ter e haver em construções existenciais numa variedade insular do PE (Funchal)*. In Carrilho, E. et al. (orgs.), *Estudos linguísticos e filosóficos oferecidos a Ivo Castro*. Lisboa: CLUL.
- Bazenga, A. (2019c). *Aspetos da sintaxe do português popular falado no Funchal*. Arquivo Histórico da Madeira, nº 1, 727-758.
- Bazenga, A. (2021). Avaliação e atitudes sociolinguísticas no português europeu madeirense. *Revista de Letras*. DOI: 10.36517/revletras.40.1.12

Bazenga, A., Costa, T. & Nunes, N. (2024). Le portugais parle à Madère (Portugal) : une variété insulaire transplantée et accumulatrice. https://www.researchgate.net/publication/381490330_Le_portugais_parle_a_Madere_Portugal_une_variete_insulaire_transplantee_et_accumulatrice

Bagno, M. (2013). *Preconceito linguístico: o que é, como de faz*. São Paulo: Edições Loyola.

Botassini, J. (2015). A Importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística. Universidade Estadual de Maringá. <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2015v18n1p102>

Câmara Municipal de Câmara de Lobos. (n.d.). *Caracterização e Localização*. <https://cm-camaradelobos.pt/informacoes/concelho/caraterizacao-e-localizacao>

Cardoso, S. A. M. (2010). *Os estudos sobre a diversidade do português na UFBA: caminhos da dialetologia e da sociolinguística*. Revista de Letras.

Carvalho, M. J. (2016). *Dialetologia e história da língua: sobre a génese e condicionamento de alguns traços as atuais variedades do Português*. Revista da Associação Portuguesa de Linguística.

Cavaco, C. (2011). *A educação de portugueses e luso-descendentes no estrangeiro: contexto e desafios*. Lisboa: Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas.

Chambers, J. K., & Trudgill, P. (1998). *Dialectology*. 2ª edição Cambridge: Cambridge University Press.

Cintra, L. (1982). *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*. Revista Portuguesa de Filologia, 17.

Coelho, I. L., Görski, E. M., May, G. H. & Nunes de Souza, C. M. (2012). Sociolinguística, 1-172

Coupland, N & Jaworski, A. (1997). *Sociolinguistics: a reader*. Nikolas Coupland and Adam Jaworski (eds), New York: St Martin's Press. 1–3.

Direção Regional de Estatística da Madeira. (2023). *Em foco: Resultados Definitivos dos CENSOS 2021*. <https://estatistica.madeira.gov.pt/download-now/social/popcondsoc->

pt/popcondsoc-censos-pt/popcondsoc-censos-emfoco-pt/send/47-censos-emfoco/15577-em-foco-censos-2021-resultados-definitivos-1.html

Ethnologue (2023). *Languages of the World*. SIL International. <https://www.ethnologue.com/>

Fernandes, S. F. (2021). *Da trilha ao caminho: um estudo do rural e do urbano no léxico de falantes da região Sudeste do Brasil* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, Brasil. <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4700>

Ferreira, C. (2009). *Percepções dialectais e atitudes linguísticas*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Garrett, P. (2010). *Attitudes to Language*. Cambridge: Cambridge University Press.

Georgieva, M. (2014). *Introducing Sociolinguistics*. University of Sofia. <https://research.uni-sofia.bg/bitstream/10506/1209/1/Introducing%20SociolinguisticsMG.pdf>

Gonçalves, S. (2024). *Percepções, crenças e atitudes dos madeirenses face a determinados regionalismos*. Trabalho de UC de Sociolinguística. Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas. Universidade da Madeira,

Gordon, M. J. (2018/2019). Language Variation and Change in Rural Communities. *Annual Review of Linguistics*, 5: 435-453. <https://doi.org/10.1146/annurev-linguistics-011817-045545>

Gouveia, H. B. (1994). Crónicas do Norte. *Regionalismo: ranchos folclóricos*. Câmara Municipal de São Vicente

Instituto de Administração da Região Autónoma da Madeira. (2022). Censos 2021 – Resultados definitivos. Direção Regional de Estatística da Madeira. Disponível em <https://estatistica.madeira.gov.pt/.../em-foco-censos-2021-resultados-definitivos-1.html>

Instituto de Administração da Região Autónoma da Madeira. (2023, 15 de junho). *Em 2022 a população residente na Região Autónoma da Madeira aumentou pelo quarto ano consecutivo*. Direção Regional de Estatística da Madeira. Disponível em <https://estatistica.madeira.gov.pt/.../3997-15-06-2023-em-2022-a-populacao-residente-na-regiao-autonoma-da-madeira-aumentou-pelo-quarto-ano-consecutivo.html>

Kirilenko, S. V. (2024). Language attitudes: sociolinguistic aspect. *Research Result. Theoretical and Applied Linguistics*, 10(1), 17-30. DOI: 10.18413/2313-8912-2024-10-1-0-2

- Labov, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Labov, W. (2007) *Transmission and diffusion*, in *Language* 83, p. 5.
<https://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/TD.pdf>
- Madeira Web. (n.d.). História da Ilha da Madeira. <https://www.madeira-web.com/pt/madeira/factos/historia.html>
- Marujo, N. (2013). *O Desenvolvimento do Turismo na Ilha da Madeira*. TURyDES.
- Nascimento, M.F.B. (2001). *Unidades dialetais e normas linguísticas: o caso do português europeu*. Veredas, 5(1).
- Nunes, N. (2014). Variação social e vitalidade de alguns regionalismos madeirenses no português falado na cidade do funchal.
- Nunes, N. (2017). “Regionalismos Madeirenses: Estudo Lexicológico da Variação Dialetoal e Sociolinguística na Ilha da Madeira” (texto dedicado a Ivo Castro), *Revue de Linguistique Romane* Tome 81, n.º 323-324, Juillet-Décembre 2017, Strasbourg, Société de Linguistique Romane, 433-475. ISSN 0035-1458.
- Nunes, N. (2019). *A Linguística Histórica e o Léxico Diferencial: Sociolinguística de Alguns Regionalismos do Português Falado na Ilha da Madeira*.
<https://digituma.uma.pt/entities/publication/ea5359a5-9601-4d7e-b4ef-9c25832256f3>
- Nunes, N. (2019). Insularidades Linguísticas, Geográficas e Socioculturais: Variação Semântica de Algum Léxico Diferencial na Ilha da Madeira (Portugal). *Pensardiverso Revista de Estudos Lusófonos*, 11-41.
- Nunes, N. (2021). Lexical and semantic variation in contemporary spoken Portuguese in urban Funchal and rural areas of Madeira Island. *Journal of Portuguese Linguistics*, 20(4), pp. 1-31.
 DOI: <https://doi.org/10.5334/jpl.250>
- Oushiro, S. (2015). *Classes sociais e padrões de mobilidade na fala paulistana: uma abordagem em tempo aparente e real*. Tese de Doutoramento, UNICAMP.
- Oushiro, S. (2019). *Avaliando a variação: reflexões sobre percepção e julgamento social*. Revista da ABRALIN, v. 18, n. 2.
- Paulino, I. (2012). *Português no mundo: a diversidade de usos e representações*. Cambridge Portuguese Studies, 19, 79-98.

Prestin, D. R. (1989). *Perceptual Dialectology: Nonlinguists' Views of Areal Linguistics*. Dordrecht: Foris.

Rebelo, H. (2011). A variação na variedade regional madeirense: aplicação de um teste perceptivo. In Lusofonia: tempo de reciprocidades: actas/IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, Madeira, 4 a 9 de agosto de 2008, V. 1, (pp. 149-160). Edições Afrontamento. <http://hdl.handle.net/10400.13/4836>

Rebelo, H., & Nunes N. (2015). Regionalismos Madeirenses. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/33173>.

Rodrigues, J. R. – ORDENAMENTO TERRITORIAL E URBANO DA ILHA DA MADEIRA: RELEVÂNCIA DO FUNCHAL NESTE PROCESSO. Estudo Prévio 14. Lisboa: CEAUT/UAL – Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa, 2017. ISSN: 2182-4339 [Disponível em: www.estudoprevio.net]. DOI: <https://doi.org/10.26619/2182-4339/14.2>

Rodrigues, P. M. (2015). *Da madeirensidade: contributo para uma reflexão necessária*. In N. Veríssimo & T. P. dos Santos (Eds.), *Universidade da Madeira: 25 anos* (pp. 165-190). Universidade da Madeira

Santos, D. & Deus, M. (2021). *O português como língua pluricêntrica: desafios e potencialidades*. Revista da Associação Portuguesa de Linguística, 8(1), 55-78.

Santos, M.F.S. (2013). À luz das palavras quase esquecidas: contributo para o estudo dos regionalismos na Ponta do Sol. Dissertação de Mestrado. Universidade da Madeira. <http://hdl.handle.net/10400.13/1490>

Sanches, R. D. (2022). *Da dialetologia geral à dialetologia contratual*. Working Papers em Linguística, v. 22, n. 1.

Sebastião, S. (2014). *Políticas linguísticas e diversidade no espaço da lusofonia*. In: Pimenta, I (org.). *Linguística portuguesa: políticas e perspectivas*. Lisboa: LIDEL.

SILVA, A. (1994). “Apontamentos sobre o quotidiano madeirense (1750-1900)”. Editorial Caminho: Lisboa.

SILVA, I. (1985). “A Madeira e o turismo: Pequeno esboço geográfico”. SRTC: Funchal.

Teixeira, C. (2015). Calheta e Funchal: estudo dialetal e sociolinguístico de alguns regionalismos madeirenses (comparação da sua vitalidade nos dois concelhos). Dissertação de Mestrado. Universidade da Madeira.

Tomas, Manuel. (1581). *Insvlana*. Canto IV, p. 165

Vieira, A. (2003). *A vinha e o vinho na História da Madeira: séculos XV-XX*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico

Vieira, A. & Clode, F. (1996). *A rota do açúcar na Madeira = The sugar route in Madeira*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico.

Vieira, A., Soares Fernandes, A., Janes, E., & Pita, G. (2001). *História e Autonomia da Madeira*. Secretaria Regional da Educação: Funchal.

Visit Madeira. (n.d.). *Funchal*. <https://visitmadeira.com/pt/onde-ir/madeira/costa-sul/funchal/>

Visit Madeira. (n.d.). *Reserva Natural das Ilhas Desertas*. <https://visitmadeira.com/pt/o-que-fazer/exploradores-da-natureza/areas-protegidas/reservas-naturais/reserva-natural-das-ilhas-desertas/>

Visit Madeira. (n.d.). *Reserva Natural das Ilhas Selvagens*. <https://visitmadeira.com/pt/o-que-fazer/exploradores-da-natureza/areas-protegidas/reservas-naturais/reserva-natural-das-ilhas-selvagens/>

Visit Madeira. (n.d.). *História da Madeira*. https://visitmadeira.com/pt/o-que-fazer/apaixonados-por-cultura/historia/?utm_source=chatgpt.com

APÊNDICE

Questionário

Perceções dos Madeirenses sobre determinados regionalismos

Este questionário é realizado no âmbito da elaboração da tese enquadrada no Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas.

Com este questionário pretende-se apurar o conhecimento dos madeirenses em relação a determinados regionalismos ou palavras que possam estar a cair em desuso.

Os dados recolhidos neste questionário serão única e exclusivamente com propósitos académicos, sendo o mesmo de cariz anónimo e confidencial.

Desde já agradecemos a sua participação.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Idade *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ - 18 anos
- ☐ 18 aos 35 anos
- ☐ 36 aos 55 anos
- ☐ + 56 anos

Sexo *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino

2. Escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sem escolaridade
- ☐ Ensino Básico (frequenta/frequentou até ao 9º ano)
- ☐ Ensino Secundário (frequenta/frequentou do 10º ao 12º ano)
- ☐ Ensino Superior (frequenta/concluiu o ensino superior)

Residência

4. É residente na Ilha da Madeira? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim, resido na Ilha da Madeira *Avançar para a pergunta 5*
- ☐ Sim, mas não sou natural da Ilha da Madeira *Avançar para a pergunta 6*
- ☐ Não, mas sou natural da Ilha da Madeira *Avançar para a pergunta 10*

Concelho de residência

5. Qual o concelho de residência? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Calheta *Avançar para a pergunta 17*
- ☐ Câmara de Lobos *Avançar para a pergunta 15*
- ☐ Funchal *Avançar para a pergunta 14*
- ☐ Machico *Avançar para a pergunta 17*
- ☐ Ponta do Sol *Avançar para a pergunta 17*
- ☐ Porto Moniz *Avançar para a pergunta 17*
- ☐ Ribeira Brava *Avançar para a pergunta 17*
- ☐ Santa Cruz *Avançar para a pergunta 16*
- ☐ Santana *Avançar para a pergunta 17*
- ☐ São Vicente *Avançar para a pergunta 17*

Naturalidade

6. É natural de que país? *

7. Vive na Madeira há quanto tempo? *

8. Reside em que concelho? *

9. Reside em que freguesia? *

Avançar para a pergunta 17

Residência

10. Vive em que país? *

11. Há quanto tempo vive nesse país? *

12. É proveniente de que concelho da ilha da Madeira? *

13. É proveniente de que freguesia da ilha da Madeira? *

Avançar para a pergunta 17

Funchal

14. Vive em que freguesia do Funchal * *Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Imaculado Coração de Maria
- ☐ Monte
- ☐ Santa Luzia
- ☐ Santa Maria Maior
- ☐ Santo António
- ☐ São Gonçalo
- ☐ São Martinho
- ☐ São Pedro
- ☐ São Roque
- ☐ Sé

Avançar para a pergunta 17

Câmara de Lobos

15. Vive em que freguesia de Câmara de Lobos?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Câmara de Lobos
- ☐ Curral das Freiras
- ☐ Estreito de Câmara de Lobos
- ☐ Jardim da Serra
- ☐ Quinta Grande

Avançar para a pergunta 17

Santa Cruz

16. Vive em que freguesia de Santa Cruz?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Camacha
- ☐ Caniço
- ☐ Gaula
- ☐ Santa Cruz
- ☐ Santo António da Serra

Avançar para a pergunta 17

Olho de Boi

17. Conhece o termo "Olho de Boi" *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

18. Qual significado mais correto que se pode atribuir ao mesmo? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Lanterna

☐ Lâmpada

☐ Vela

☐ Fogo

☐ Outra:

Baboseira

19. Conhece o termo "Baboseira" *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

☐ Talvez

20. Qual significado mais correto que se pode atribuir ao mesmo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Excesso de mimo
- ☐ Excesso de roupa
- ☐ Falta de mimo
- ☐ Falta de roupa
- ☐ Outra:

Tapa-sol

21. Conhece o termo "Baboseira" *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

22. Qual significado mais correto que se pode atribuir ao mesmo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Persiana
- ☐ Cortina
- ☐ Toldo
- ☐ Guarda-sol
- ☐ Outra:

Vimiada

23. Conhece o termo "Vimiada" *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

24. Qual significado mais correto que se pode atribuir ao mesmo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Tarefa com um vime
- ☐ Apanhar vimes
- ☐ Descascar vimes Cestos com vimes
- ☐ Outra:
- ☐ _____

Embeijado

25. Conhece o termo "Embeijado" *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

26. Qual significado mais correto que se pode atribuir ao mesmo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Ter pouco dinheiro
- ☐ Ter muito dinheiro
- ☐ Estar bem arranjado
- ☐ Estar mal arranjado
- ☐ Outra:

Matina

27. Conhece o termo "Matina" *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

28. Qual significado mais correto que se pode atribuir ao mesmo? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Pequeno-almoço

☐ Almoço

☐ Jantar

☐ Ceia

☐ Outra:

Tratuário

29. Conhece o termo "Tratuário" *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

☐ Talvez

30. Qual significado mais correto que se pode atribuir ao mesmo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Passeio
- ☐ Berma
- ☐ Rotunda
- ☐ Cruzamento
- ☐ Outra:

Cangueira

31. Conhece o termo "Cangueira" *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

32. Qual significado mais correto que se pode atribuir ao mesmo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Cãimbra
- ☐ Espasmo
- ☐ Contratura
- ☐ Tendinite
- ☐ Outra:

Trogalho

33. Conhece o termo "Trogalho" *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

34. Qual significado mais correto que se pode atribuir ao mesmo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Pessoa bem vestida
- ☐ Pessoa mal vestida
- ☐ Pessoa com muita roupa
- ☐ Pessoa com pouca roupa
- ☐ Outra: _____

Biqueiro

35. Conhece o termo "Biqueiro" *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

36. Qual significado mais correto que se pode atribuir ao mesmo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Pessoa que come muito
- ☐ Pessoa que come pouco
- ☐ Pessoa que come depressa
- ☐ Pessoa que come devagar
- ☐ Outra:

Migar

37. Conhece o termo "Migar" *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

38. Qual significado mais correto que se pode atribuir ao mesmo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Cortar em pedaços com as mãos
- ☐ Cortar em pedaços com um canivete
- ☐ Cortar em pedaços com uma foice
- ☐ Cortar em pedaços com uma faca
- ☐ Outra:

Embulhar

39. Conhece o termo "Embulhar" *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

40. Qual significado mais correto que se pode atribuir ao mesmo? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Descascar
- ☐ Decorar
- ☐ Desembrulhar
- ☐ Despentear
- ☐ Outra:
